MONITOR

Número Um - Junho 93 - 350$

CHUMBAWAMBA

PAUL SCHÜTZE

KRAFTWERK

STEFAN MICUS

ASMUS TIETCHENS

ORDO EQUITUM SOLIS

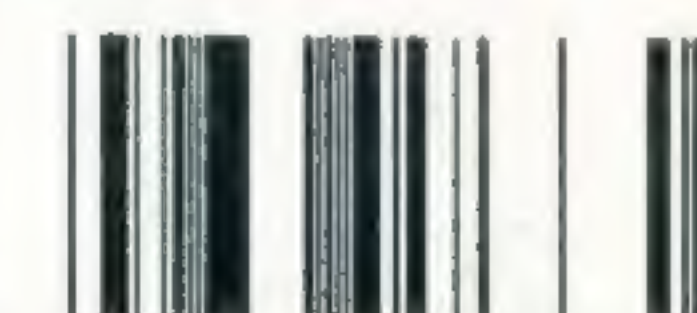
HECTOR ZAZOU

BLACK TAPE for a BLUE GIRL

WHAT NEXT?

C'EST LA MORT

AVANT

SDV ... soltas + discos

Finalmente, depois de um processo de incubação de diversos e longos meses, eis que este primeiro exemplar surge pelos escaparates nacionais.

Optando por defender exclusivamente uma única causa - a promoção de algumas correntes sonoras colocadas mais à margem - os textos terão fundamentalmente um cariz mais informativo que opinativo.
Incursões por áreas experimentais, étnicas, electrónicas, e por quaisquer outras áreas não-rotuladas, servirão de linhas mestras na concepção deste periódico.

Não seremos independentes no sentido de nos colocarmos numa ilha deserta a olhar o mundo por um binóculo, mas sim no sentido precisamente inverso, ou seja, colocados no continente a observar, através das lentes, todas as ilhas em redor onde, quer por um motivo ou outro, haverá razões para divulgar as suas convicções.

As trancas das portas foram mais uma vez forçadas, esperemos que as correntes de ar proporcionem algumas melhorias no futuro.

Paulo Somsen

s u m á r i o

O MONITOR é uma publicação independente periódica com vista a promover algumas das novas sonoridades. Colaboraram neste número: Fred Somsen (FS), João Correia, Jorge Saraiva (JS), José António Moura (JAM), Luís Freixo (LF), Manuel Freitas (MF), Maurício (M), Miguel Santos (MS), Miguel Somsen, Pedro Ivo Arriegas, Pedro Navalho, Pedro Santos, Rui Eduardo Paes (REP) e Tomás de Oliveira Marques. Os textos aqui incluídos são da inteira responsabilidade dos seus autores. Composição, Produção e Carolice: Paulo Somsen (PS). Impressão: Gráfica Rosial, Lda. Tiragem: 1000 exemplares. Endereço Postal: Apartado 21671 - 1137 Lisboa Codex

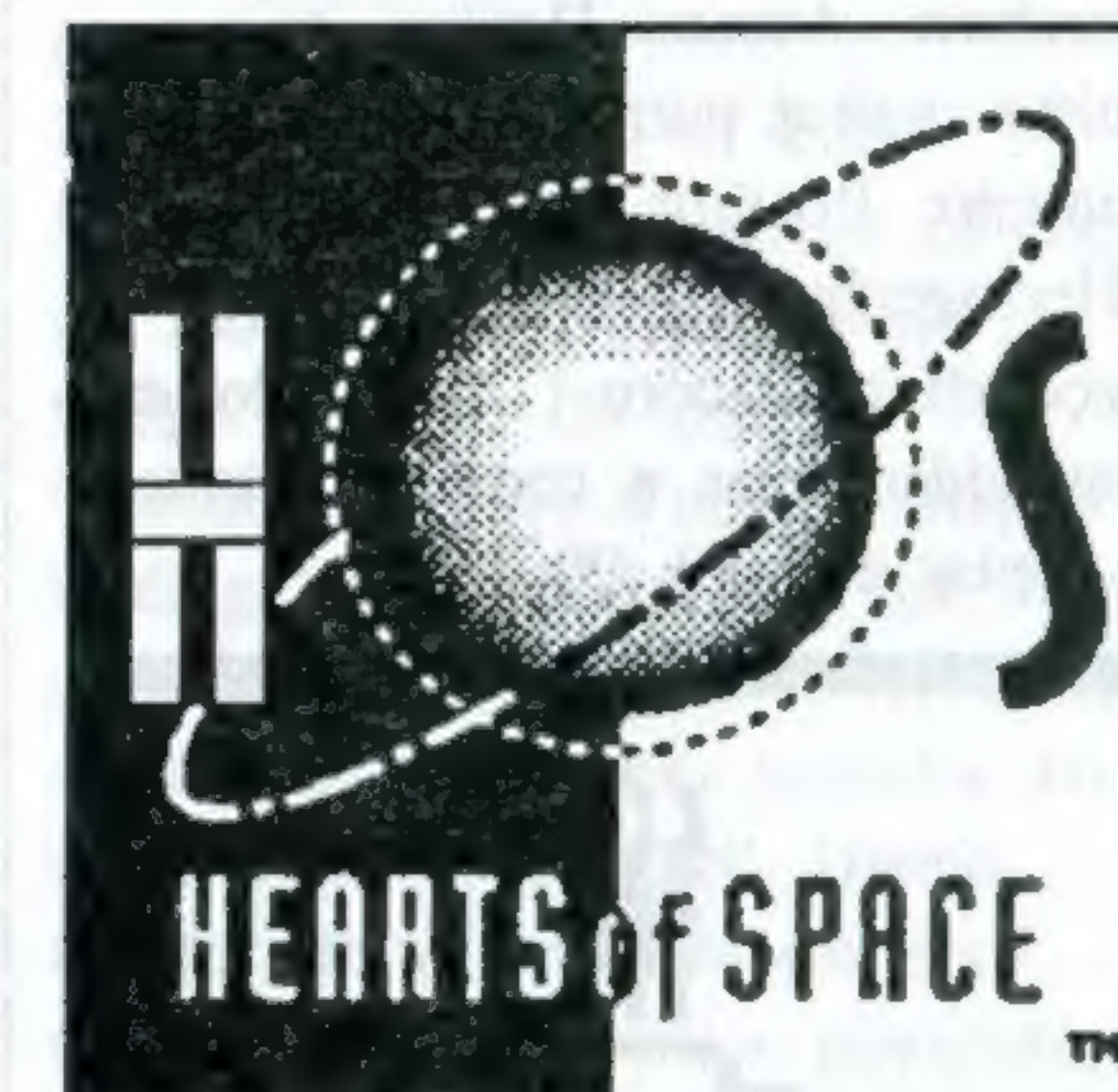
DIversus

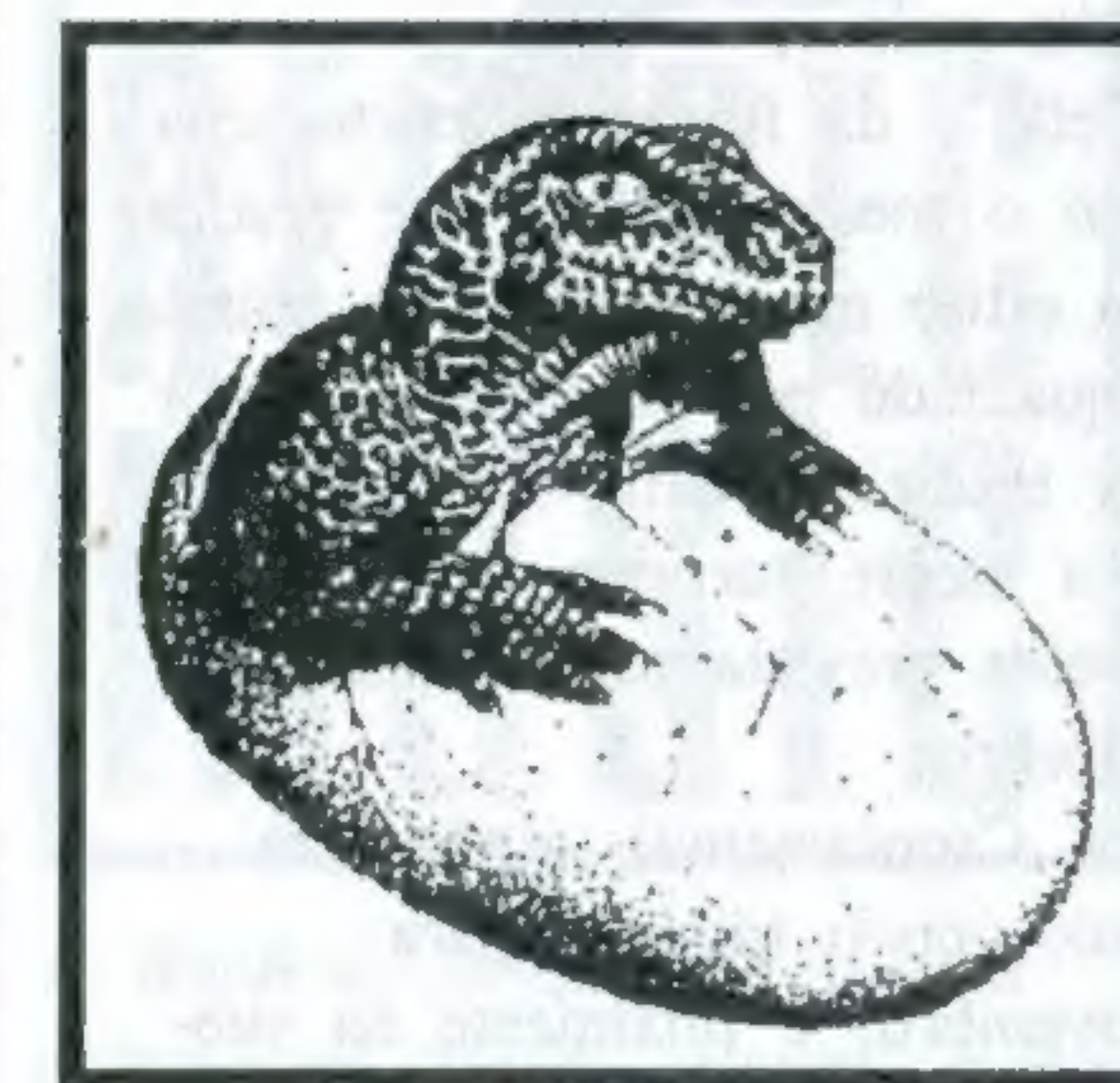
Beequeen é o título do projecto de Frans de Waard (quem conhece os fascículos periódicos Vital seguramente que reconhece o' nome) que acaba de lançar o trabalho "Der Holzweg" na etiqueta norte-americana **Anomalous Records**. O disco, segundo palavras da própria editora, reporta-se às sonoridades electro-acústicas, noise-industrial-ambiental e foi gravado "at home studio" com prestações de guitarra, vozes, sintetizadores e a manipulação de objectos acústicos. Curiosos ?
A **Arion,** catálogo francês de música clássica que possui uma área única destinada à promoção "des musiques du Monde", viu disponível em Portugal novos registos que importa não ignorar. O volume terceiro da colecção "Musique Soufi" assinado pelos Les Frères Sabri e intitulado "Musiciens Kawwali du Pakistan"; "Les Chemins du Raga" de Inde; "Musique du Rajasthan" e "Les Percussions du Ghana" são de certeza discos a conhecer, e por isso, anotar e procurar.

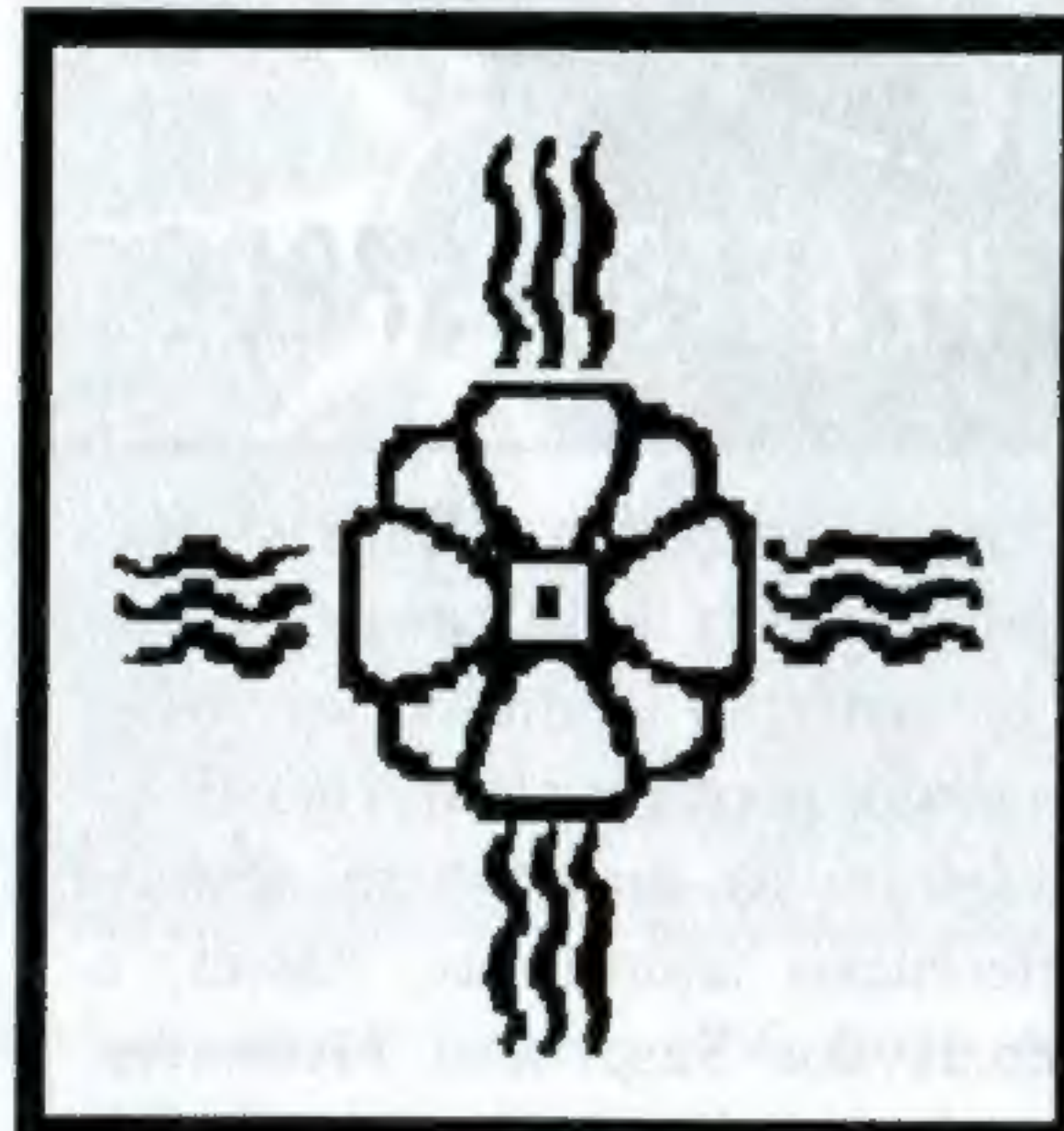
Novas e interessantes propostas chegaram-nos da Alemanha pela mão da **Artware Audio** de Donna Klemm. Assim consta a folha de promoção: De Fabriek, em edição limitada a 700 cópias, o CD "Compressie Slag"; dos noruegueses Oral Constitution o mCD de baptismo (dizem ter muito a ver com os velhos Death In June) também em edição limitada de 600 cópias, intitulado "Bibelpreik"; e, como não há duas sem três, o trabalho dos norte americanos Schloβ Tegal " The Grand Guignol" (negro/satânico). Para o futuro anuncia-se ainda o segundo número da compilação Dedication (part II) e o trabalho da dupla Paul Lemos/Joe Papa.
A norte-americana **Axiom,** tem nova compilação a merecer atenção. Chama-se "Manifestation -Axiom Collection II" e inclui faixas inéditas de Praxis, Gnawa Music Of Marrakesh, Bahia Black, Henry Threadgill, Master Musicians of Jajouka, Mandingo, etc.., vamos ver se a responsável por este catálogo em Portugal está atenta a esta edição.
A etiqueta holandesa **Barooni** anunciou já as suas edições para o segundo semestre de 93. Entretanto, incluídas no seu catálogo propriamente dito, surgiu na primeira semana de Abril, "Permafrost", a terceira edição do controverso músico Thomas Köner, e de Maio, do germânico Asmus Tietchens, o trabalho "Das Fest ist zu Ende Aus". Segundo Roland Spekle, mentor deste projecto, a Barooni vai disponibilizar, em exclusivo para o mercado europeu, duas reedições de trabalhos de Glenn Branca - "Symphony nº2" e "Symphony nº3".
Do Arizona, a **Celestial Harmonies** anunciou algumas das suas apostas para o segundo e terceiro trimestres de 93.
O trabalho "Sound & Sweet Airs" de Ian Carr - personagem mais conhecida pelos seus dotes literários, já que foi responsável pelas soberbas biografias de Keith Jarrett e Miles Davies mas que agora se envolve por outras áreas, nomeadamente na exploração do seu trompete e "flügelhorn" -, e de David Hudson, com o trabalho "Woolunda: Ten Solos for Didgeridoo".
Club du Disque Arabe é um promotor francês (com sede em Paris) apostado em difundir as sonoridades do mundo árabe. Esta notícia surge aqui pois alguns dos discos deste catálogo estão agora disponíveis em Portugal através de uma distribuidora empenhada em chegar aos quatro cantos do país. Recomendam-se assim, da série Antologias da Música Árabe, os discos de Oum Kaltsoum, os instrumentais "Les Instruments de la Musique Classique Maghrebine", "Les Ouvertures de La Nouba Arabo-Andalouse" e "Le Qanoun Enchante de Hassan Elgharbi; e da série Arquivos da Música Árabe os registos "La Musique Saharienne" e "LÂge D'Or de la Musique Egyptienne".
Surgidos em 1991, os Raison D'être pretendem dar provas da razão sua existência não só na sua terra natal (Suécia) mas também por todos os cantos do mundo.
A **Cold Meat Industry** (depois das suas excelentes incursões editoriais com os Morthond e In Slaughter Natives) apadrinhou este projecto ciente de que o seu álbum "Prospectus I" seria uma incontestável prova de qualidade do seu catálogo. Existem motivos de sobra para acreditar nesta industria de carnes frias, não acham?
A **Confronto** tem absolutamente toda a razão. "Reciclem os vossos gostos por favor." é como termina o catálogo deste irreverente projecto de distribuição sediado em Gaia (Apartado 460) Para os verdadeiros apreciadores de punk/hardcore que devem libertar-se de uma vez por todas de bandas como os Sex Pistols, Exploited, M.O.D., Misfits, D.R.I., a Confronto sugere uma mão cheia de propostas que vale a pena ouvir. Mais, na sua secção de Revistas/Jornais/Boletins possui uma colecção invejável de nomes que merecem o nosso aplauso. Não se esqueçam, habituem-se a escrever !
Apesar de ultimamente se saber pouca coisa da etiqueta belga **Crammed Discs,** tem-se no entanto verificado que a sua colecção da Made to Measure continua a somar pontos. As duas últimas edições, depois da célebre

compilação levada a efeito por Zazou ("Sahara Blue"), estão já no mercado nacional. Os seus autores já nem precisam de apresentações: procurem pois, os novos trabalhos de John Lurie e de Benjamin Lew ("Men With Sticks") e "Le Parfum du Raki") e confirmem a regra.
A escassos dias do fecho do Monitor a francesa **Disques du Soleil et de L'Acier** informou-nos das suas últimas actividades editoriais bem como das previsões *dans un future proche*. São elas: a reedição de um trabalho ao vivo dos norte-americanos Mars -"Live at CBGB, Max's & Irving Plaza", banda que, diga-se em abono da verdade, já actuou ao lado dos Teenage Jesus (de Lydia Lunch), DNA (de Arto Lindsay) e The Contortions (de James White); o trabalho "Fatal Encounters" de Jac Berrocal com participações de Comelade, Steven Stapleton (Nurse With Wound) e Jonathan Kane (ex-Swans); e um disco, ("Barbed Wire Slides"), do duo francês Vicious Circle - trabalho unicamente editado em vinil pela SomeBizzare mas que praticamente não viu convenientemente a luz do dia, pois surgiu por altura do colapso da distribuidora Rough Trade (consta na info que os Vicious Circle são a perfeita ligação dos Cocteau Twins com os Coil de "Horse Rotorvator"). Quanto ao futuro, prevê-se a edição de um novo disco dos 48 Cameras (ainda sem título) e um novo dos Vicious Circle agora intitulados View ("Bike Ride").
Especialistas em assumirem duas posturas radicais incompatíveis, os Controlled Bleeding são um projecto incapaz de permanecer parado uma dúzia de dias. Desta vez, e com o carimbo da germânica **Dossier**, surgiu novo trabalho de Paul Lemos a reivindicar que nos extremos é que está a virtude. Simultaneamente inserido no noise electrónico, e com atmosféricas ambientais e melodiosas, "Phlegm Dive" é um disco de contrastes a ouvir urgentemente. Ainda neste selo surgiram também agora duas reedições dos Art Zoyd no formato CD que correspondem ao trabalho "Marathonnerrre" (respectivamente os volumes I e II).
A Death of Vinyl, ou melhor a canadiana **Doventertainment**, continua a sua infiltração pelos mercados alternativos dos States e agora da Europa Ocidental. As suas previsões em termos editoriais para este ano são as seguintes:
o segundo volume de "Bob's Media Ecology" com as participações dos Producers For Bob, Coldcut, Steinski e Negativland; a compilação de música tecno (quase toda germânica) intitulada "Toxikk Trakks";
"Yen For Noise", um trabalho de Zev Asher aqui simulado por Roughage e com participações dos "japunise" Merzbow, Masonna, Boredoms, C.C.C.C., Null, Dislocation e Solmania;
"Aktivierung!", disco com vocalizações alemãs e electro-hardcore-industrial dos !Bang Elektronica; e finalmente, dos Mourning Sikness, o trabalho "Nihil Obstsat" que, segundo consta, inclui uma versão bem "mázinha" de "I Want To Be Your Dog".

Depois de um ano de 1992 cheio de interessantes realizações (já conhecem os japoneses Jack or Jive ?) a **Dragnet Records** preparou para este ano um calendário editorial deveras espantoso. Em relação a compilações constam dois duplos discos (ddisco) CDs (com Legendary Pink Dots, Nurse With Wound, Roger Doyle, etc...) no ddisco "Ohren Des Kaiser Hirohito" e Organum, Current 93, Sema, Vagina Dentata Organ., HNAS, etc. no ddisco "Ohrenschrauben/ Ohrensausen", e mais um outro em manga "Dion Fortune Sampler vol-2" com prestações de temas inéditos dos Cassandra Complex, Passion Noire, Diary of Dreams, Cromosome, Blind Fold, etc. abarcando uma área mais conhecida por "German Gothic Scene". No catálogo, e em relação a trabalhos mais personalizados, constam os discos "I Have Tears in my Ears from Lying on my Bed Catatoning Over You, Dear" do projecto Empirical Sleeping Consort; "Willkür Nach Noten" dos HNAS e "Dropoutdrama" de Dr. P.Li.Khan.
A célebre **Editions EG**, que tanto furor causou há alguns anos atrás, anunciou (e já efectivou) certas re-reedições em CD que não podem, de maneira nenhuma, ficar fora desta coluna. São elas: "God Save the King" de Robert Fripp, "The Bruford Tapes" de Bill Bruford, "Music for Films" de Brian Eno, "Dream Theory in Malaya" de Jon Hassell e "Fourth World Music" da dupla Hassell/Eno.
A independente italiana **Energeia** lançou uma cassete dos Ataraxia que merece um certo destaque pela embalagem em que vem inserida e pela qualidade das gravações. O trabalho chama-se "Arazzi" e vem "enfiado" num pacote de feltro preto fechado por uma tira de velcro.
"Cash Cow - The Best of Giorno Poetry Systems 1965-1993" é o título de uma compilação disponibilizada finalmente no formato compacto e que reúne um fabuloso elenco que importa especificar ao pormenor. A etiqueta é a norte-americana **ESD**, que já anda nestes círculos há alguns anos. Os nomes, para que não restem dúvidas, são os seguintes: William S. Burroughs, Debbie Harry, Patti Smith, Laurie Anderson, Buster Poindexter, Cabaret Voltaire, Philip Glass, Husker Du, Diamanda Galas, Glenn Branca, Coil, John Giorno e Frank Zappa.
"I am most impressed with the on-the-edge vision of Extreme. The sound, look and feel of the label is intriguing and absolutely world class " Palavras de apreço de Steve Roach ao trabalho da célebre editora australiana **Extreme**, que já tem nos escaparates os CD's "Remove the Need", gravação em «solo prepared guitar» de Jim O'Rourke, "Invisible Barrier" de Christoph Heemann e "Songs From The Shed" de Peter Appleton.
Entretanto "Cryptid Fragments" é o título anunciado para o novo trabalho de Elliott Sharp; "El Costumbre" o álbum de Jorge Reyes; "Echoing Delight" de Vidna Obmana e " Sound Column" dos Light In a Fat City. Mas há mais, para Setembro prevê-se novo disco dos Mo Boma ("Myths of the New Future") bem como "The Night Before the Death of the Sampling Virus", trabalho de Otomo Yoshihide que conta com o fabuloso elenco de Yamatzuka Eye, Tenko e John Zorn's Tokyo band. Não há dúvida que a vida corre bem para Roger Richards.

Por cá fizeram furor no início dos anos oitenta. Caracterizados fundamentalmente por se enquadrarem na face oculta da música pop, o eixo The Gist, Young Marble Giants tinha em comum o nome de Stuart Moxham. Notícia é o seu regresso - depois de uma década de inactividade - com o grupo The Original Artists (e a participação da voz de Alison Statton) no trabalho de genérico "Signal Path". As catorze faixas que fazem parte do álbum foram editadas por uma independente de Chicago (des)conhecida por **Feel Good All Over.**
A face cinzenta da Mute, ou se preferirem os puristas, **The Grey Area**, continua incansável no que concerne a reedições da áurea época industrial anglo-saxónica. Em carteira surgiram agora The Boys Next Door, projecto que mais tarde, Nick Cave e os Bad Seeds renegariam, no trabalho "Door Door" e também a reedição do clássicos "The Brain Song" e "The Sea Org" (de 1985) sob o nome "All That Rises Must Converge", falamos, como é óbvio (ou não é ?), dos Hafler Trio. Mais recente é a edição da caixa dos Throbbing Gristle, contendo em quatro CD's todas as gravações ao vivo do controverso projecto de Genesis P-Orridge, Chris Carter, Cosey Fanni Tutti e Peter Christopherson.
A **Font de L'Est**, oriunda de Amiens, França, lançou finalmente o seu primeiro disco compacto. Chama-se "Nouveaux Bouinages Sonores" e é da responsabilidade dos Déficit des Années Anterieures.

A norte-americana **Hearts of Space**, agora com uma representação dedicada no mercado português (só falta é chegarem os discos) tem novas referências anunciadas. Assim, e depois dos Suspended Memories com o trabalho "Forgotten Gods", surgiu "Count Me In" de John Boswell, e a compilação "Universe Sampler 92" que, como o nome sugere, reúne a nata deste catálogo.
A nova-iorquina **Knitting Factory** prevê (ou mesmo já lançou) novos trabalhos da série Works assinados por Bill Ware & the Club Bird All-Stars, Thomas Chapin Trio, Anthony Coleman & Roy Nathanson, Jinmo Live, Dewar's Bagpipe Festival e More Charles Gayle. Na série Outlet o mesmo sucede com Samm Bennett, Soul Coughing, No Safety e Ken Valitsky.

La Nuit des Sauriens é um programa na rádio francesa da autoria de Patrick Pincot, que procura contactos que possa divulgar no seu país. Especializado na difusão de músicas industriais, mutantes, novas e sem normas, este show já dura desde 1985. Os interessados, em estabelecer a ponte, devem contactar para: Radio 90.1 FM - 18 Rue de la Petite Juiverie - 89100 SENS.

Dois nomes associados ao projecto **Linden Music** merecem destaque especial nesta coluna. Kit Watkins, perito em sonoridades ambientais, assina "Thought Tones" em dois volumes, e Jeff Greinke, que por cá já não necessita de grandes apresentações, rubrica "In Another Place".
"Lame -The Cutting Edge" e "Brain Waves" foram dois dos mais recentes títulos editados pela **Materiali Sonori** e assinados respectivamente pelo ex-Tuxedomoon Steven Brown e pelo ensemble do britânico percussionista Glen Sweeney, os Third Ear Band. Mas há muito mais previsto para os próximos

meses: o número 4 da colecção Sonora, com especial incidência na carreira de Zappa (pai) e dois oportunos livros (com CD incluso) dedicados a John Cage e Durutti Column.
O plano editorial da **Messerschmitt** para os próximos meses é, de facto, extremamente interessante e arrojado. Em carteira, estão as seguintes edições:
"Borderline (a Collection of Soundscapes) " - compilação com participações e remisturas de Black Tape for a Blue Girl, Love is Colder than Death, Black Rose, Attrition, Omala, Human Flesh, Croniamantal, Cello, Alex Fernandez, Das Ich, Relative Menschsein, Type Non, Temps Perdu?, Dino Oon & Konrad Kraft, Chandeen, Young Gods, Von Magnet e Ode Filipica;
"Icons" - também colectânea com Swamp Terrorists, In Trance 95, Raw, Individual Totem, Digital Slaughter, Placebo Effect, Project Pitchfork, Front Line Assembly e muito mais...;
"Cello", da formação portuguesa com o mesmo nome, que pratica um estilo muito próprio de música, enquadrado por pop suave e por um tradicionalismo instrumental; uma alegre surpresa melódica e rebelde prevista para o início de Outubro;
Dos Croniamantal, ainda sem título, novo trabalho para Novembro; e finalmente na sub-label da Messerchmitt - Warning Inc. Productions - a dance division of... - prevê-se o lançamento de "Sounds", trabalho bastante enérgico para uma inovadora formação nacional na área da dance-music, intitulada Infrarave. Para já, é só isto que está agendado (???)
Cinema Pour L'Oreille é o nome da colecção que a **Métamkine** está a editar, e cuja saída está a exceder todas as espectativas ! Depois dos trabalhos "Tabou" de Michèle Bokanowki, "Credo Mambo" de Michel Chion, "Gloire a..." de Jérôme Noetinger e "L'Heure Alors S'Incline..." de Christine Groult, surgiu agora "Mue" de Lionel Marchetti. Relembramos que esta série, editada em compactos de 3 polegadas e subordinada a certas vertentes da música electro-acústica/concreta, tem ainda previstos até ao final do ano os seguintes discos: "Unheimlich Schön" de Luc Ferrari e "Rules of Reduction" de Jim O'Rourke.
Extremamente radical, mas com uma postura séria no mercado alternativo das novas sonoridades europeias, a **Midas Music** é uma etiqueta holandesa que insiste na promoção de certos títulos do seu catálogo. Ficam eles: dos THU20 os trabalhos "Eerste Schijf" e "Tweede Schijf" e, de certa forma inédito por estas paragens, a compilação "Midas Tapes Complete 86-91" que, como o próprio nome indica, reúne a nata do catálogo numa edição conjunta de 10 cassetes que atinge somente os 800 minutos de música gravada. Para os interessados em ouvir os THU20, IOS Smolders, S.Core, Tools you can Trust, Mystery Hearsay, Merzbow, Arcane Device, e muitos muitos outros , fica o contacto: Postbus 1859 S'Hertogenbosch, Holland, e o preço deste pacote (embalado em duas videoboxes e com um limite de cópias de 100) :90 florins.

Infelizmente para Hans e para muitos dos interessados no percurso da etiqueta sueca **Multimood**, os últimos tempos não têm sido dos melhores. Há cerca de três meses atrás soubemos do falecimento do seu muito amigo músico Keeler (mais um a ser atingido pelo vírus da Sida) e agora vamos sabendo que a editora em termos financeiros passa alguns maus momentos. No entanto (bem haja), Hans adiantou-nos algumas das suas previsões para os próximos (?) meses. Numa co-produção com a Staalplaat vai finalmente surgir no final do mês a tão esperada reedição em CD da fabulosa compilação "Arcana Coelestia" (com extra tracks); entretanto, e ainda sem mês marcado, mais três discos encontram-se em fila de espera: "Parallel Flaming" de Vidna Obmana e Djen Ajakan Shean, "The Age of the Inventor" do malogrado Keeler e "Seguaro, Slim Westerns" dos A Small, Good Thing.
Imparável, Luciano Dari e o seu consistente selo **Musica Maxima Magnetica**, divulgaram os seus lançamentos mais recentes e outras edições em carteira para breve. Com significante apreço nacional, os Ordo Equitum Solis optaram desta vez por editar um mini-cd homónimo com novos temas e algumas misturas de velhos - são sete no total = > 21 min. Segundo consta também, em escaparate está uma nova edição dos belgas Raksha Mancham, intitulada Chos Khor. Subsistem aqui algumas dúvidas, dado que este lançamento estava previsto para finais de Março e até hoje pouco mais se soube desta iniciativa que, como já é costume, reveste-se de um carácter humanitário extremo na obtenção de fundos para o povo Tibetano. À margem, adiante-se que o Tibete - país cinco vezes maior que a França foi invadido pelos chineses em Outubro de 1950 e desde aí, mais de 1 200 000 de habitantes (um quinto da sua população total) foram dizimados pelas forças ocupantes através de métodos pouco ortodoxos(??), como repressão e esterilização.
Para aqueles que se preocupam por Timor, esta situação não deve permanecer anónima. Os Raksha Mancham pedem apoios. A morada fica, falta a solidariedade. (23 Rue De Chastre, B-1325 Corroy-Le Grand, Bélgica)
A **NO-CD Records**, projecto editorial espanhol repartido por duas quotas (Rotor e Syntorama), enviou-nos as suas últimas pérolas do seu catálogo. O terceiro e quarto registo são respectivamente os discos "Musica Esporadica" de Glen Velez, Pedro Estevan, Layne Redmond, Suso Saiz, Maria Villa e Miguel Herrero e, assinado pela dupla Joxan Goikoetxea e Juan Mari Beltran, o trabalho "Egurraren Orpotik Dator..." que, segundo a modesta opinião deste vosso escriba, é até ao momento o registo mais interessante deste colectivo.
Com novas misturas e alguns temas inéditos, surgiu no mercado alternativo o quarto volume da compilação "Possessed" - cartão de visita da canadiana **Nettwerk Records** - onde se incluem prestações dos Consolidated, Mc 900 Ft. Jesus, Tear Garden, Single Gun Theory, Skinny Puppy e Severed Heads.
Do lado dos Death In June, a **New European Recordings**, mais conhecida por NER, acabou de editar algumas novidades: primeiro o CD single "Cathedral of Tears", com duas versões desse tema original, e três outras faixas gravadas ao vivo em Paris no ano passado (a versão vinílica é em picture disc); mais recentemente saíu o duplo CD/LP "Something is Coming", gravado ao vivo e em estúdio na Croácia. Parece que Douglas P. vai deixar definitivamente a sua terra natal, mudando-se ou para zonas mais agitadas do globo - a Croácia - ou para um local onde ninguém o possa reconhecer - a Austrália. Não sabemos é se continuará a gravar...
A **Nonsequitur Foundation** ou **What Next ?** anunciou que tem já disponível mais uma monumental edição. Subordinada ao tema anjos e insectos, o disco - intitulado "Angels & Insects" e assinado por David Dunn - aborda estas duas áreas de maneiras distintas. Nos anjos ("Tabula Angelorum Bonorum 49") a temática é fundamentalmente computacional, tendo como base o tratamento de vozes do astrólogo/matemático/ alquimista John Dee e do médium Edward Kelly. Quanto aos insectos, ("Chaos & The Emergent Mind of the Pond") trata-se de captações e remisturas de sons produzidos por insectos aquáticos em confronto com o ruído produzido pelo choque com as superfícies das águas. «The micro made macro !». Parece interessante... (mais detalhes sobre estas edições e outras ver em pág. interiores).
Nouvelles Scènes é o nome de um projecto francês (de Dijon) que lançou agora no formato compacto um trabalho deveras fascinante. Chama-se "Pièces pour Standards et Repondeurs Telephoniques" e surge como resultado do Festival Nouvelles Scènes, realização que "comissionou" a determinados compositores pequenas peças para "answering machines and operating desks". O disco, que reúne 50 dessas peças, bem como algumas respostas e mensagens, poderá estar acessível por canais de importação mais especializados..
Finalmente disponível em Portugal estão duas novas edições da independente norueguesa **Origo Sound.** Os discos, "Solstice" de Erik Wollo, e "Happy Endings" da dupla Green Isac, são as suas duas primeiras referências deste ano, tendo sido lançados no passado dia 15 de Abril. Harald, mentor deste fabuloso projecto editorial, promete mais novidades para breve. Entretanto os Biosphere - projecto anteriormente ligado à Origo, viu o seu álbum de estreia reeditado numa etiqueta belga, agora nesta época em que a "ambient house music" está tão na berra, com "grandes" hits de projectos como os Orb, Aphex Twin ou Polygon Window.
Infelizmente afastada durante largos meses da linha da frente(?), a **Permis de Construire** lançou muito recentemente uma das suas pérolas, considerada desde já como uma autêntica obra-prima. O disco intitula-se "Allegro Vivace" e tem a assinatura legível dos Nouvelles Lectures Cosmopolites. Se ainda não o caçaram, estejam atentos, pois trata-se, na realidade, de uma soberba edição.
Surpreendente é a forma enérgica com que a **Projekt** encarou o ano de 1993 no que se refere a edições. Apesar de claramente marginalizado pela press norte-americana, Sam tem feito das tripas coração quando se decide a lançar os seus trabalhos "heterónimos". Para já , e com a ligação à germânica Hyperium, editou novos dos Thanatos - "This Endless Night Inside", dos Black Tape For a Blue Girl intitulado "This Lush Garden Within" , a reedição do velho Lp (86) do mesmo grupo - "The Rope"- em CD, e ainda "A Day In The Stark Corner", novo CD dos Lycia. Sam adianta também que conseguiu a edição do novo trabalho dos Eden. Se tudo correr como previsto, são 15 o número total de edições que Sam Rosenthal tem em alinhamento para 93. Esperemos que sim !!!

A **RecRec**, etiqueta helvética sediada em Zürich, adoptou muito recentemente uma postura mais aguerrida no que se refere às suas edições para 93. Assim, para além de discos dos Negativland, Camberwell Now, Bob Ostertag ou Fred Frith, esta editora anuncia novos lançamentos de que destacamos os seguintes:
o trabalho homónimo dos Sabreen ("worldmusic from Palestine"), "At The Top of Mt. Brocken" da vocalista japonesa Tenko, "Glows in the Dark" dos Zeropop, "The Vibra Slaps" da dupla Catherine Jauniaux/Ikue Mori e "Killing Time" dos Massacre, como quem diz, de Fred Maher, Bill Laswell e Fred Frith.

Monitor 1 - Primavera 93

Andres Noarbe e os seus múltiplos projectos musicais continuam a toda a força. Na **Rotor,** conseguiu agora uma importação de relevante importância: os dois primeiros trabalhos de Jorge Reyes reeditados no formato CD. Entretanto, na Geometrik, lançou "Control Remoto 1.0" disco com a assinatura dos Most Significant Beat e Esplendor Geometrico, e ainda em relação a Reyes (consta que os Cassandra Complex o contactaram para o sondar sobre as hipótese de editarem um disco conjunto), foi anunciado para Maio (mais mais não sei) o longa duração "El Costumbre", provavelmente a ser editado também pelo selo Geometrik (ou como poderão ter já verificado, pela australiana Extreme, segundo informações divulgadas pela mesma)

Ainda na Geometrik, para Setembro, irá surgir um disco dos Azoic Zone - projecto de Francisco Lopez com Illusion of Safety, David Meyers (dos Arcane Device), John Wiggins, Scott Konzelman, etc...

Um acontecimento já aguardado há algum tempo, e agora concretizado plenamente, prende-se com o facto de os novos lançamentos da germânica **RZ** passarem a adoptar o formato CD. O disco de baptismo desta nova era coube ao grupo italiano Gruppo Di Improvvisazione Nuova Consonanza - um digipak luxuoso - que, claro está, perfeitamente integrado na editora em questão, pratica "solamente múzica improvizada".

Tal como se pode ler em páginas interiores "The Rapture of Metals" - New Maps of Hell #2 - , é o título do tão aguardado novo trabalho de Paul Schütze. Aqui, só nos resta afinal adiantar que está já (desde Abril) em circulação com selo da germânica **SDV - Tonträger** (também num destaque em nossas páginas). Desta editora convirá também tomar nota da seguinte referência: John Wall "Fear of Gravity"CD - que é, até ao momento, a última edição lançada e que, segundo consta, é um trabalho realizado à base de samples e proveniente de um músico sediado na Grã-Bretanha.

SILENT

Poucos saberão que no passado dia 16 de Abril comemoraram-se 50 anos da descoberta do LSD. O episódio, passado num laboratório na Suíça, decorreu acidentalmente quando Albert Hofmann se mascarou de cobaia e ingeriu uma substância que o transformou num homem de olhos caleidoscópicos.

A **Silent,** por este motivo, resolveu celebrar esta data de tamanha importância, editando um duplo CD compilação em embalagem de luxo, com participações inéditas de 22 projectos distintos. Entre eles, e só para abrir o apetite, constam os Pelican Daughters, Psychic TV, Elliott Sharp, Belt, Nurse With Wound, Controlled Bleeding, Hawkwind, etc,etc,etc.... Para os interessados, aqui fica o nome da dita cuja: "50 Years of Sunshine". Yeah !!

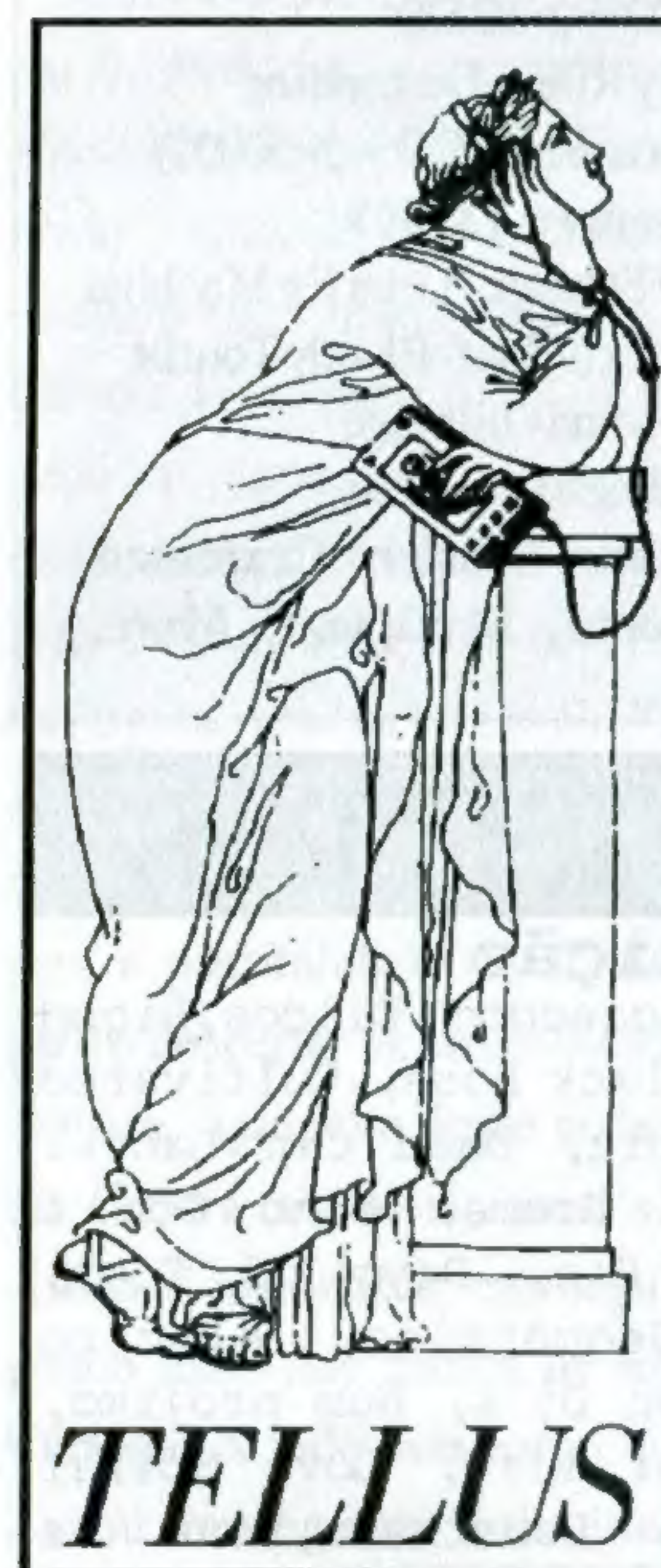
Está de parabéns a nossa (portuguesa com muito orgulho) **SPH** que lançou há poucas semanas o seu primeiro registo compacto. De facto, e depois de através da suas originais edições em cassete ter atingido uma projecção única no mercado-indie-além fronteiras, a SPH iniciou agora uma nova fase da sua carreira com esta edição dos Telectu que reúne faixas inéditas do período 82-92, e que se intitula "Theremin Tao". Contactado o mentor deste projecto editorial, soubemos que muito brevemente vão surgir pelos escaparates novos trabalhos também em formato CD, por isso há que ficar atento.

A holandesa **Staalplaat** continua a tecer a sua teia apanhando cada vez mais gente interessada nas suas edições. Tal é a eficácia do seu trabalho, que ultimamente tem, juntamente com outras pequenas etiquetas, apoiado edições que de outro modo muito dificilmente veriam a luz do dia. Entre os novos discos editados, são de salientar os seguintes: "Play the Hafler Trio", redição do trabalho já editado pela Anckarström e, dos suecos Innana (projecto com fortes ligações à Cold Meat Industry) o longa duração "Day Ov Torment". Os Muslimgauze, depois de terem lançado o seu último trabalho "Z'ulm" com o selo da Extreme, regressaram à sua etiqueta natal para mais uma edição. Intitulado "Vote Hezbollah" (novamente o Médio Oriente em questão), este CD estava previsto para dia 25 de Maio.

Marselha tem sido ultimamente uma cidade para onde, e graças ao futebol, as atenções têm estado voltadas, mas não só de bola vive o povo desta cidade.

Stupeur & Trompette! é o nome de uma nova loja com ideias muito próprias e com uma vontade imensa de alterar os ambientes circundantes. Pretende difundir na sua região propostas de carácter inovador e independentes. Por isso pediu-nos para deixar o contacto: 5, rue de l'Art - 13001 Marseille.

Da Bélgica, mas com uma projecção deveras eficaz pelo globo, a **Sub Rosa** continua a rubricar excelentes edições no seu catálogo. O novo disco intitula-se Beautiful People Ltd, e não é mais do que um projecto a solo de Jarboe fora do âmbito dos Swans e Skin.

"Dry Lungs V" é o título da nova recolha levada a efeito pela **Subterranean Records** e que surge num duplo CD com 24 projectos (inseridos na vaga industrial, experimental e noise) dos quais são de salientar os seguintes: Arcane Device, Cranioclast, Controlled Bleeding (como é óbvio), Paul Lemos, Merzbow, Helene Sage, Un drame Musical Instantané, Phallus Dei, Skin Chamber, Etant Donnés e PGR. A edição, que consta também de um livreto com informação sobre cada participante, deverá em breve estar disponível em Portugal.

A **Tellus,** projecto editorial nova-iorquino , liderado por John McGeehan (oh John, por amor de Deus dá uma olhadela ao mapa da Europa e vê lá se encontras alguma cidade espanhola chamada Lisboa !!) comemorou o seu décimo quinto aniversário lançando o vigésimo-sexto número da coleção "The Audio Cassette Magazine". Contrariamente ao que o nome induz, este trabalho surge no formato compacto e conta exclusivamente, para (a)variar, com um distinto toque feminino, já que só inclui participações do sexo fraco(?). Uma selecção feita com base na nova música e "audio-art compositions" com as presenças de Anne Le Baron, Mary Ellen Childs, Sussan Deihim, Sapphire, etc...

Depois de ter sido r esponsável pela fabulosa edição, tão "sui generis", do CD+LP "A Live Coal Under the Ashes" dos Contrastate, a **Tesco** anunciou agora a reedição em CD do seu trabalho "i" datado de 91 .

As quatro últimas edições da **Third Mind** até à data são: o segundo volume dos Intermix ("Phase Two"), o trabalho "Word, Flesh, Stone" dos Will, "Halo" dos Prayer Tower e, finalmente, o tão esperado baptismo dos The Moon Seven Times, disco com título homónimo e que, apesar de ter um baterista no projecto, segue de perto as pegadas trilhadas pelos Area.

A britânica **Touch,** habitualmente ligada aos extremos da música exerimental ou então à pura e muito desconhecida World Music, decidiu agora arriscar numa obra englobada num estilo musical que tem vindo a ganhar adeptos - a 'dance music' ambiental (Orb, B12, Aphex Twin e primos).

O trabalho - "Digital Lifeforms" - é da autoria de um senhor muito bem conhecido - Richard H.Kirk, dos Cabaret Voltaire - e o projecto chama-se Sandoz (tal como a companhia farmacêutica). Na mesma editora surgiu também o álbum de estreia dos Sweet Exorcist - "Scanner" (um 'throbbing sountrack' tendo como base "Stockhausen in a trance")....

De Macau surgiu finalmente a tão esperada recolha anunciada por José Moças no seu selo **Tradisom.** "Vozes e Ritmos do Oriente" é o título do disco, numa embalagem de luxo, e já disponível nos escaparates nacionais através da 'major' BMG.

Os A Produce são a nova coqueluche da **Trance Port,** editora norte-americana sediada em Los Angeles, e parecem estar a dar que falar nomeadamente no que respeita ao surgimento do seu trabalho "Reflet Like a Mirror, Respond Like an Echo" - com incursões étnico-ambientais e atmosferas no estilo dos gurus Eno/Budd/Hassell. Quem tiver oportunidade de caçar este disco, por favor contacte-nos de imediato !

Mais inserido no jazz contemporâneo, a **Viva Voce - Musique en Chantier** enviou-nos uma cópia da sua última edição que, apesar do título, nada tem a ver com o rock FM nem tão pouco com os Blues. Assinado pelo Delta Ensemble, o trabalho intitula-se "Fm Blues". Para os interessados em saber mais deste projecto, contactem-nos pois nós dispomos do resto da informação em falta.

Les Disques **Victo** pour entendre l'inentendu é uma das editoras do Canada (Québec) com maior projecção além fronteiras. No seu catálogo, já com uma vintena de títulos - todos eles com uma perninha no jazz contemporâneo - há a destacar registos assinados por Lindsay Cooper, Henry Kaiser-Jim O'Rourke, Fred Frith-René Lussier, Heiner Goebbels-Alfred 23 Harth e, claro está, Elliott Sharp, que lançou recentemente o trabalho "Abstract Repressionism: 1990-99".

A **We Never Sleep** decididamente não está a fim de pregar olho. Depois de ter iniciado a sua actividade editorial pelo formato cassete, tem neste momento quatro edições em CD a que vale a pena deitar o olho. Tomem nota: dos Life Garden o trabalho "Caught Between the Tapestry of Silence and Beauty", dos Blackhumour "Peace in our Time", dos Human Head Transplant "The Lay of Her Land" e dos Left Hand Right Hand "Hum Drum". A morada deste projecto, que possui um excelente serviço de venda postal, consta em folha interior.

Hector Zazou na Clandestinidade

Há alguns anos escassas centenas de pessoas tiveram a rara e feliz oportunidade de ver em Lisboa, um concerto quase clandestino de Hector Zazou, que apresentava então as suas novas polifonias corsas. Nessa passagem por cá, infelizmente a única até agora em Portugal, Zazou deixou bem patente as marcas da sua forma peculiar de estar na música: arrojo estético, elegância e discrição.

Não é linear a carreira de Hector Zazou, nascido na Argélia, mas há largos anos residente na Europa. A sua origem africana e a sua formação musical europeia constituiram uma verdadeira bênção para a possibilidade da confluência de culturas e para o despertar da sensibilidade para a diversidade estética, que num ápice pode rodopiar da música de câmara europeia, para as danças tribais da África Equatorial e, em seguida, demorar-se um pouco mais nos cantos de tristeza e saudade da Córsega. A todo este corpo de projectos diversos, Zazou entrega-se com inegável bom gosto, manipulando discretamente a sua electrónica, quase apegando-se voluntariamente, embora nunca deixando de ser o fio condutor de todos eles, como se a inspiração pudesse brotar o denominador comum que harmoniza a diversidade.

De uma forma algo grosseira podemos considerar três vertentes principais na obra de Zazou, que no entanto não devem ser confundidas com períodos distintos, já que estas facetas vão coexistindo no tempo. A sua dimensão mais conhecida remete-nos para a tradição europeia da música de câmara pincelada e enriquecida pelas tintas da música ambiental e minimal. Estão neste caso os seus discos obscuros e relativamente desconhecidos, embora belos, dos finais dos anos 70, com destaque para o incontornável "Traitá de Mácanique Populaire" de 77, gravado por um colectivo designado de Zur. Podem-se incluir neste lote dois dos discos por si gravados já em plena década de 80 para a Crammed Discs, e englobados na colecção "Made to Measure", designadamente, "Géographies" (MTM nº15 de 84) e "Géologies" (MTM nº20 de 89). Este é, indiscutivelmente, uma das suas obra-primas, pleno de dramatismo e intensidade, vestido de cores sombrias e faustosas, combinando a electrónica de Zazou com um quarteto tradicional de cordas e um trio de sopros.

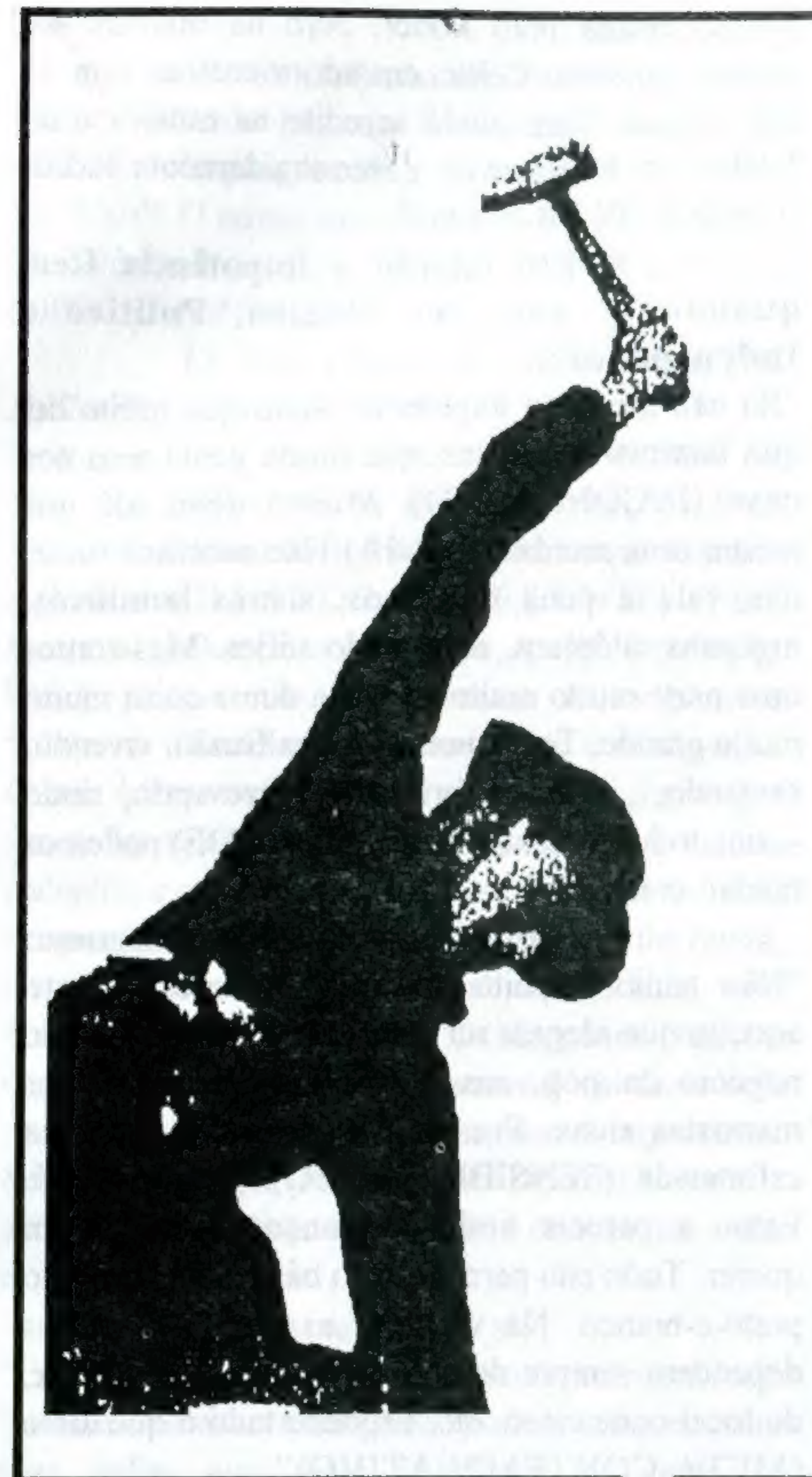
Paralelamente, tem desenvolvido uma colaboração frutuosa com o cantor zairense Bony Bikaye. Trata-se agora de encontrar ou reinventar novos caminhos para a música de origem africana, através do seu cruzamento com influências de vanguarda continental, casos de Marc Hollander e Fred Frith. Os discos "Guilty" (Crammed 88) e sobretudo "Noir et Blanc" (Crammed 83) são exemplos magníficos desta intenção e podem incluir-se entre os clássicos do género na tentativa de aproximação, ou mesmo de justaposição, destes dois tipos de linguagens musicais. Seria, no entanto, com o indescritível "Reivax au Bongo" (Crammed, MTM nº2 de 83) que esta colaboração atingiria o seu apogeu. Disco feito "à medida" para uma fotonovela, revela numa série de sketches musicais

as aventuras do agente Reivax que num país imaginário, o Bongo, vai defrontar o seu inimigo Zorello. O humor, o espírito surrealista, a capacidade de surpreender a cada momento, o cruzamento de vozes e instrumentos, fazem deste disco não só o melhor da sua brilhante carreira, como provavelmente o mais interessante de toda a "Made to Measure". E se tivermos em conta a importância fulcral e a qualidade quase irrepreensível que esta colecção tem desempenhado na definição de novos rumos para a música alternativa actual, mais fácil se tornará a compreensão da importância e da excelência do referido trabalho.

Finalmente, a terceira faceta de Zazou pode definir-se como a das super-produções e engloba os seus mais recentes discos. Em "Les Nouvelles Poliphonies Corses" (Philips 91), adopta a função de mestre de cerimónias, ou de menor denominador comum que envolve uma multiplicidade de participantes. Rejeitando uma concepção purista ou estática da música popular, o compositor reveste as belas canções e as magníficas vozes corsas do seu habitual completamente electrónico, discreto mas eficaz. Só que, ao contrário do espectáculo de Lisboa, limitado a Zazou e a um quinteto vocal, desta vez a participação é alargada a um naipe de convidados tão ilustre quanto diversificado: Ryuichi Sakamoto, Steve Shehan, Ivo Papassov, Richard Horowitz, John Cale, Jon Hassell ou Manu Dibango, aparecem de um modo inesperado num disco completamente surpreendente e herético. E embora a heterodoxia domine (de facto, quem esperava encontrar tablas indianas, ou percussões chinesas associadas a cantos corsos ?), o conjunto remete-nos com mais propriedade do que nunca, para a dimensão da música global, com referências múltiplas, mas sem nunca deixar de ser um disco sobre polifonias corsas.

Já no final de 92, e de novo na Crammed, Zazou encena uma nova super-produção, "Sahara Blue" baseada em poemas de Rimbaud e executada pela Sahara Blue Orchestra, dirigida pelo próprio. De novo se juntam neste colectivo um naipe de músicos impressionante, pela quantidade e qualidade dos mesmos: Ryuichi Sakamoto, Samy Birnbach, Sussan Deihim, John Cale, Steve Shehan, Gérard Depardieu, Anneli Drecker, Bill Laswell, Barbara Louise Gogan, e um misterioso Mr. X que mais não é do que David Sylvian, himself... O disco, no entanto, não corresponde totalmente às espectativas, já que carece de unidade e de uma ideia-mestra. Há muitos projectos, muitas ideias, mas com algumas excepções, o disco é desgarrado, pouco conseguido, e bastante desigual, assistindo-se mais a um desfile de estrelas do que a um projecto coerente e unitário. De qualquer modo, um dos pontos de maior interesse consiste num facto que lhe é totalmente lateral: segundo consta, a Virgin, companhia que detém a exclusividade das gravações de Sylvian, não ficou nada contente com a sua participação neste projecto, que não é disfarçável, apesar do candido pseudónimo de que se reveste. De facto, Sylvian é co-autor da música de três temas e guitarrista e cantor de mais alguns. A Virgin fez valer os seus direito, interditou (...segundo algumas más linguas...) o disco e, por isso, surgiu já nova edição em que o antigo líder dos Japan, aparece substituído pelos Dead Can Dance...

Enquanto esperamos os resultados destas vicissitudes, aguarda-se igualmente com impaciência os novos projectos deste conceituado músico. Continuará a via das super-produções, ou regressará a linhas mais caseiras, gravando o tão prometido "Géometries" que fechará o ciclo das ciências da terra, depois de "Géographies" e "Géologies" ? Apesar do precalço de "Sahra Blue", não existem razões para desconfiarmos da capacidade de Zazou nos continuar a encantar como tem feito até aqui.

Jorge Saraiva

THE NAME OF THIS BAN IS CHUMBAWAMBA

QUATORZE PONTOS QUE VOCÊ NUNCA QUIS SABER PORQUE NÃO SE PREOCUPARAM EM LHE MOSTRAR

AGIT-PROP
Box 4, 52 Call Lane
Leeds, LS1 6DT
England

1. Em relação à Luta e à divulgação de Soluções:

"Sim, tenho soluções para algumas coisas (LEVANTA-SE). Algumas dessas soluções têm a ver com o recurso a soluções naturais uma vez vencida a batalha contra aqueles que afinal nos têm imposto leis pouco naturais (APONTA PARA A RUA). Faz sentido? Seja como fôr, lutamos pela razão de lutar, nem que seja porque o mundo tem de mudar.(DEVIR POLÍTICO). Aliás, mesmo sem todas as respostas, lutaremos contra o que existe num momento determinado".

2. Em relação ao Movimento Punk e à transigência duma política Adequada:

"Não acredito em 'adequada', acredito sim em perfeição (SEM SE RIR). Claro que isso significa que, momentaneamente, a situação só poderá ser adequada. Creio que todas as coisas têm a sua perfeição, daí a minha anarquia (DUALISMO). Embora também transija, o meu anarquismo não tem nada a ver com o 'punk'".

3. Em relação a Ideiais, se é que os há:

"Basicamente (SENTA-SE), acredito que podemos sempre melhorar e que, consequentemente, todos temos a capacidade para viver socialmente uns com os outros sem recurso à morte alheia através de armas, bastões ou famina".

4. Em relação ao que une a Política à Música:

"[Escolhemos a] música porque é divertido, é um excelente comunicador, é uma libertação, e é internacional. Chumbawamba é expressar descontentamento, mas igualmente esperança, solidariedade e alegria. É tanto positivo como negativo (CRÍPTICO). Já escrevemos uma peça de teatro baseada nas vidas de pessoas que realmente nos influenciaram. Competindo a alegria e o amor demonstrado por essas pessoas, afirmamos a nossa insatisfação pela preguiça, pela inércia, pelo grisalho e desolação do Estado, bem como dos seus mecanicismos de servidão e tortura.(VOLTA A RESPIRAR)"

5. Em relação à Via Musical:

"Ouvindo discos dos Alternative TV, dos Fall e Wire, ficámos decididos a pegar na guitarra. O mote "anyone can get up and do it" (AMERICAN DREAM) serviu para nos misturar no meio. Quanto à Arte, Literatura e outros, é mais difícil seguir através do mesmo esquema de autoria: a audiência é mais restrita e só com conhecimentos via revistas se consegue alguma coisa (CONFESSA INCONFORMADO). Como a música não é tão responsável, fazem-se menos concessões, creio eu. Não sei se é verdade, posso estar a mentir..."

6. Em relação ao Live Aid, à abstracção do "Big Issue":
"O Live Aid [ridicularizado no primeiro álbum "*Pictures of Starving Children Sell Records*"] falhou nas questões fundamentais. Nós pretendemos mostrar que a famina não se resolvia com caridade mas sim com um abanão radical da verdadeira causa da fome (VOILA): o ciclo dinheiro/ morte. Além disso, desconfiamos das Rock Stars, especialmente aquelas que fazem proclamação da sua consciência - eu lembro-me do John Lennon a cantar "Imagine No Possessions" ao piano da sua mansão georgiana do sec. XVI, rodeado de "posses", ensopado em libras. E também porque, na altura, todos tratavam os Live Aid como Deus, Jesus na cruz, santificado seja Vosso nome, o mais santo dos santos - e nós queríamos derrubar esse conceito mal-cheiroso.(ANTI-DOGMÁTICO) Era tudo muito "yes" para nosso gosto. Não haviam "no's"."

7. Em relação à Identidade Anti-Consumista, à venda e não oferta do disco:
Boa pergunta. É verdade que nós condescendemos. Pusémo-nos, sem saber, no mercado de compra-e-venda mas tivémos consciência de que teríamos que manter toda a dignidade possível. O paradoxo é que afinal até estamos a apresentar um produto alternativo ao público e, assim, vamos empatando todo o sistema de compra-e-venda. Isto é indesculpável, mas tens que nos desculpar por isto (BAIXANDO A FACE)".

8. Em relação ao Papel da Música como Desvio de Atenções. O Futebol, por exemplo:
"Futebol, música, toda a cultura popular é controlada pelo Estado (OLHA EM REDOR). Eu, que gosto de ambos, tenho que manter os olhos bem abertos para compreender o que realmente se passa no exterior da bolha de plástico que é a cultura popular. Blá. blá, blá, não dissimulo o meu prazer relacionando-o com uma intriga sinistra confeccionada pelo Poder. Não há mal em ter prazer, em ver o Celtic, em adormecer ao som de boa música. Sim, ainda acredito na música e no futebol da forma mais descontraidamente lúdica (CRUZA OS BRAÇOS)".

9. Em relação à Impotência Real quando se quer ser Músico, Político e Independente:
"Eu não me sinto impotente. Sinto que muito do que fazemos é ineficaz, que muita gente nem nos ouve (INCONSPÍCUO). Muitos deles até nos acham uma merda.(IRONIA) Não sabemos tocar, não vale a pena ouvir-nos, somos homílicos, ingénuos, utópicos, demasiado sérios. Mas somos uma parte muito muito pequena duma coisa muito muito grande. Todos juntos - trabalhando, vivendo, cantando, , lutando, gritando, escrevendo, rindo -, sim, todos juntos (SOLIDARIEDADE) podemos mudar o mundo".

10. Em relação à Classe Burguesa:
"Não tenho respeito pelos ricos, especialmente aqueles que alegam ser socialistas. E há muitos no negócio da pop, nas Artes, na TV, todos uns marxistas ricos. Por cada pessoa rica há uma esfomeada (SENSIBILIZAÇÃO). É um cliché. Estou a parecer muito presunçoso mas é sem querer. Tudo isto parece muito básico e demasiado preto-e-branco. Na verdade, as minhas opiniões dependem sempre de com quem eu estou a falar, do local onde estou, etc. Esquece tudo o que disse (META-CONTEMPLATIVO)".

11. Em relação à Clause 28 e à Alton Bill:
"A cláusula 28 é uma secção da lei britânica ligada à homossexualidade. Essa lei diz que é ilegal as escolas apregoarem aos seus alunos que os homossexuais e as lésbicas são pessoas vulgares. (ANTI-HOMOFÓBICO.) Só devem ensinar e determinar que a homossexualidade não é normal. Estas medidas impedem que ambas as comunidades possam ser financiadas convenientemente (DIATRIBE.) Enfim, é um modo relativamente fascista de retroceder cem anos, ou mais, até à caça às bruxas. A Alton Bill, por seu lado, impede as mulheres de procederem a abortos saudáveis e legais. Mais uma vez, é um princípio que nos obriga a recuar ao obscurantismo da Idade Média, quando as mulheres tinham que levar a cabo os seus próprios abortos, morriam nas ruas, e eram perseguidas pela vergonha. A situação real é a do Governo conceber leis morais acerca dos nossos corpos e o nosso controle desses mesmos corpos (ESBRACEJA-SE)".

12. Em relação ao Nome do Grupo:
"Chumbawamba não significa népia, nada. É uma palavra da linguagem Hopi que significa "Derek" ou "Cão". O nosso cão chama-se Derek, portanto já vês o quão "nonsense" isto é (DESCOMPRESSÃO)".

13. Em relação a "*Never Mind The Ballots*", segundo álbum:
" '*Never Mind The Ballots: Here's The Rest Of Your Life*" é acerca da febre das eleições e da seriedade aí inerente. E, basicamente, o que estamos a dizer é (OLHANDO O HORIZONTE) "Hey, that's a jerk-off in my face, pal!" [tradução livre], porque não nos interessa se as pessoas votam ou não. O que dizemos é que é irrelevante. O que é importante não é a eleição mas sim o que fazer do resto das nossas vidas. Como vamos trabalhar e comer e amar e lutar e divertirmo-nos, ou quanto é o bilhete do autocarro e a minha renda, ou onde está o creme para o rabinho do bebé. Isso é importante. [Adaptação:] O Maradona marcou o golo com a mão ou não, amanhã vai fazer sol, onde está o meu par de cuecas, isso é importante. Se vou votar hoje, (REALISMO DEMAGÓGICO) se tenho algo a dizer em relação à eleição, isso não é importante"

14. Em relação a si:
"Espero não soar muito arrogante e insensível. Palavras escritas à máquina podem parecer frias mas, enfim, aqui, hoje, é Inverno. Eu gosto do Natal. Gosto do disco de Natal do Frank Sinatra, e do disco de Natal do Elvis Presley. São uma gargalhada, estes dois. O que eu já me ri com eles. Ser um deles, pertencer à Mafia do show-biz, não é só música. Espero que me tenha feito compreender. Número 37: Zola Budd. Obrigado e adeus, especialmente para todos na terra de Granada".

Atenciosamente,
Boff

P.S. Nos Chumbawamba não há líderes; Boff limitou-se a ser o porta-voz da exposição que nós pretendíamos. Não fala directamente sobre a música porque nós não o desejámos. E para dizer a verdade, a música fala sempre indirectamente por si, sendo irrelevante propôr considerações gerais depois da obra terminada.
Esta (auto-)entrevista - porque o entrevistado esteve sozinho e porque o entrevistador inventou as reacções e a mímica -, balança-se entre o pantomimo (eu) e a pantomina (a ideia). Não se deu hoje, nem ontem, mas, possivelmente, anteontem, não necessariamente por esta ordem. Entretanto, o grupo editou "*Slap!*" e "*Shhh*" - terceiro e quarto discos - perante a nossa distracção. Os Chumbawamba gostam de Lenny Bruce, lêem Primo Levy, idolatram 'Powaqqatsi', desejam uma Irlanda livre, fazem um manguito à música de fusão - apesar de a terem utilizado extremadamente no mais recente "*Shhh*" - e dificilmente serão "jeeps", ou "yuppies", ou "yesmen". Os Chumbawamba são, muito provavelmente, o último grupo jeitoso que falta conhecer em Portugal. Ou melhor, os Chumbawamba são o último grupo jeitoso duma faceta anarca decadente. Eles são a última anátema ("BAN") que vale a pena subscrever.

O Autor

Miguel Somsen

Testemunhos Sombrios de Origem Solar

Os Ordo Equitum Solis são um duo italiano com muitas afinidades no meio Current 93, Coil ou Death In June. As sonoridades que praticam têm no entanto menos a ver com este movimento. Se os quiserem encaixar num roteiro mais conhecido talvez o nome dos Dead Can Dance sirva de referência razoável. Com três trabalhos já editados na Musica Maxima Magnetica (um, acabado de surgir) e com alguns excelentes concertos rubricados por algumas salas do continente, seguramente que pretendem vir a ser um nome a fixar. Claro está que o Monitor não se poupou a esforços para saber mais sobre os "Cavaleiros do Sol" e resolveu, durante alguns minutos, arrancar a armadura a Deraclamo - a face masculina do duo.
As palavras são o nosso testemunho.

Porque motivo escolheram vocês o nome Ordo Equitum Solis e porquê a associação a um "logo" de um relógio de Sol ?

Como o próprio nome indica (N.R. A Ordem dos Cavaleiros do Sol) o Sol teve muito a ver com esta escolha. No entanto foram as sensações, recolhidas numa determinada altura, que melhor nos influenciaram. Estávamos numa pequena aldeia algures no Alpes, numa atitude de isolamento do mundo materialista, quando nos surgiu esta ideia. Assim, e como este logotipo representa fundamentalmente uma paz espiritual, não hesitámos em adoptá-lo no projecto. Para mais ,porque reflete as incapacidades com que o ser humano se debate perante a sua pequenez face à imagem do sol, traduzidas por uma permanente agitação e loucura.

Os O.E.S. estiveram durante algum tempo ligados ao nome de T. Wakeford - um dos mentores dos Death In June e Sol Invictus. Afinal, quem é que faz parte do projecto ?

Bom, apesar de durante estes últimos anos ter havido mais gente envolvida com os O.E.S., do projecto propriamente dito só faz parte Leithana e eu. Todos os temas são compostos e interpretados por nós, excepto três - «Reis Glorios» uma composição do séc XIII, «This is The Way» e «Our Lady of the Wild Flowers» dois textos escritos por T. Wakeford. Essa é a única ligação estabelecida. Nos concertos ao vivo temos, claro está, a participação de elementos adicionais - como B. Mavilia, e outros músicos que asseguram de certa forma o ideal concebido em estúdio.

Dado que falas em estúdio, aproveito para saber mais da vossa discografia. O que é que vos inspirou para fazer dois discos como "Solstitii Temporis Sensus" e "Animi Aegritudo" ?

Em relação ao primeiro a que te referes, surgiu imediatamente após o nosso "retiro" e por isso é um trabalho de sensações, nomeadamente aquelas que sentes quando presencias um solistício, ou assistes a um hipotético banquete-reunião de forças divinas onde não és mais que um ínfimo elemento do universo. Nesse disco quisémos valorizar a matéria e os seus elementos segundo uma perspectiva diferente. Ponderámos o lado positivo e o negativo de um determinado pensamento, de forma a forçar o raciocínio humano. Foi por isso que optámos por dividir este registo em três partes distintas. Nos três primeiros temas "Angoris Nox", "Obsession" e "Labyrinth", é o lado mais cinzento que predomina, nos seguintes, "Father of Incantation","Ope Earth" e "Truth" voltámo-nos para a meditação e o espírito, e nos restantes

quatro transmitimos uma mensagem de esperança, não no sentido lato do termo mas sim segundo um cariz mais utópico.
Quanto a "Animi Aegritudo" sentimo-lo mais como um grito de alerta perante as fraquezas humanas. Custa-me viver num mundo em que sendo o homem o único habitante com capacidades intelectuais, tem sido ele o único causador de tanta destruição. O disco desenrola-se numa viagem ao longo do tempo. Cada faixa identifica-se com uma dada época.

Não assumirão vocês uma postura demasiado esotérica ?

O esoterismo faz parte da vida. É uma doutrina que nasceu com o homem. É um dos componentes que considero primordial no desenvolvimento do ser. Infelizmente pouca gente se apercebe disso devido a vários condicionalismos, tais como as religiões modernas, que eliminam, pura e simplesmente, certos mitos de suas cartilhas. Cada vez mais se sente a existência de um culto massificado e convergente, em que deixamos de nos sentir como individuos e passamos a ser uma amálgama de gente, sem individualidade e consciência. Talvez algum dia se conclua que é inútil negar e eliminar as seitas minoritárias. Talvez nessa altura as forças ocultas serão o nosso guia espiritual.

As letras dos temas compostos, surgem nos dois álbuns interpretadas em diversas línguas. Pretendem vocês seguir uma linha do tipo da uitilizada por alguns grupos da 4AD, ou existe um motivo mais forte por detrás desta opção ?

Até agora só temos faixas cantadas em inglês, francês e latim. O porquê desta opção é simples e não tem nada a ver com outros projectos nem a uma linha pré-definida. Agimos deste modo porque sabiamos que só assim atingiríamos um maior leque de público que percebesse as mensagens, e depois porque também sentíamos que havia determinados temas que se tornariam absurdos se cantados noutro idioma. Por exemplo, "Le Crépuscule de la Vie" perderia o seu maior impacto soando como "Solen Expectans", ou "Angoris Nox" como "Night of Anguish".

Porque é que vocês se mantêm ainda na Musica Maxima Magnetica. Não será esta editora demasiado pequenina para albergar as vossas intenções ? Não seria preferível uma representação numa independente britânica ?

Nós estamos na MMM por uma questão de princípios. Para nós é muito importante que haja uma relação de confiança, e o Luciano Dari, que acreditou sempre no nosso projecto, é uma pessoa extraordinária e com muito boa experiência no meio alternativo além-fronteiras. Estamos completamente integrados no catálogo desta editora e por isso não sonhamos em mudar. As nossas preocupações refletem-se mais a outros níveis.

Durante o ano passado, soube que deram alguns concertos pela Europa. Como é que o público reagiu a este confronto directo ?

Fizémos na realidade algumas digressões em 92.Em Itália, e como estávamos "em casa", tocámos mais à vontade, mas na Alemanha - onde actuámos por seis cidades - as respostas foram bastante satisfatórias, especialmente do concerto na Ex-RDA.

Nos vossos espectáculos, como é que é ? Tudo pré-alinhado em DAT e é só acompanhar , ou todas as simulações acontecem em tempo-real ?

Não, como te disse há pouco, nós recrutamos mais gente para as "performances" que realizamos, por isso não recorremos a material pré-gravado, até porque não tem muita lógica. Para isso mais valia não aparecer. Outro pormenor que também considero fundamental nestas ocasiões é poder apresentar novas misturas dos temas em disco e alguns inéditos. Por isso acho extremamente interessante a realização de concertos.

Planos para o futuro, há ?

Temos alguns projectos na manga. Para já surgiu agora no mercado um mini-CD intitulado O.E.S. com algumas misturas e temas novos. Vamos também participar numa compilação e em Outubro contamos apresentar um novo LP. Entretanto temos também estado ocupados com uma publicação - "art-book" - onde pensamos incluir diversos poemas e fotografias não-publicadas. Finalmente, e como daí de Portugal não dizem nada, contamos ir dar uns concertos aos Estados Unidos no próximo Verão.

Paulo Somsen

a propósito do novo trabalho

this lush garden within

dos black tape for a blue girl

entrevistámos Sam Rosenthal, mentor do projecto e responsável pela etiqueta Projekt...

This Lush Garden Within, o quinto álbum dos Black Tape For a Blue Girl, prossegue a profunda exploração de Sam Rosenthal pela alma. Enquanto que os seus anteriores discos eram reflexos das suas obsessões e desejos, o novo álbum direcciona-se mais para áreas já antes visitadas mas nunca exploradas na sua totalidade: o espírito feminino e a constante luta contra uma tradição misógena milenar que tem sempre vindo a tentar oprimir a beleza desse espírito. Os seus passos neste reino baseiam-se no amor, e na nova inspiração encontrada numa relação que, segundo o próprio descreve, "me levaram a um universo simbólico de formas e corpos". Descobrindo uma fonte de energia na sua habilidade de amar e ser amado por alguém que inspira o seu trabalho, abriu portões para um novo mundo. Com músicas que lidam com assuntos muito pessoais (e com alguns resquícios de blasfémia), Sam continua a mostrar os seus mais profundos sentimentos para que possamos sentir-nos bem.

-Há algumas questões importantes no teu novo álbum. Primeiro que tudo, o aspecto feminino das tuas peças. Em quase todos os temas ele é omnipresente. Como descreverias a tua ligação com o lado feminino da tua personalidade?

-No meu trabalho, debruço-me sobre aquilo que realmente me interessa: as coisas que me fazem chorar, e as que quebram o meu coração. Esta ligação com uma parte mais profunda - e verdadeira - de mim, é aquilo que as pessoas designam de 'feminino'. Suponho que os homens na América habitualmente não estão ligados a este lado da sua pessoa ? Sempre trabalhei com o intuito de exprimir estes segredos, algo que normalmente temos medo de falar. Ainda que tudo isso seja criado de um ponto de vista extremamente pessoal, fico muito satisfeito por saber da ligação das minhas obras com muitos dos meus ouvintes - aqueles que escrevem a dizer que experimentaram sensações semelhantes. É muito agradável saber que a minha introspecção - ou a minha qualidade 'feminina' - cria laços com o

público.

-O novo disco é uma exultação ao feminino como deusa. Como se fosse a Criadora (o feminino de Criador). No entanto, não te perturba o facto de que a fotografia da capa de *This Lush Garden Within* - uma mulher nua que jaz morta sobre rochas - possa ser vista como um promotor da agressão masculina?

-Sim, temo que isso aconteça. Penso que como peça de arte, mostra alguma contradição. O observador pode julgar a obra baseando-se somente na capa - e assim pensa tratar-se de um sinónimo de agressão masculina - ou ver o disco como um todo, deslindando o significado por detrás das combinações de palavras, música e imagem. Se alguém vê o disco e pensa "Yeah, isto é porreiro..." e depois lê o que está escrito sob a fotografia - "Será isto um bom prognóstico da nossa fertilidade? a nossa angústia de tanta beleza? ou a primeira dôr que tarda?" - chega à conclusão que é um *bom* prognóstico, e imediatamente apercebe-se da sua própria estupidez machista! E, claro está, há também o problema daqueles que ficam ofendidos com uma capa destas, nem ligando ao seu significado. Mas o álbum não promove isso, bem pelo contrário, aponta isso como um problema.
Houve alguém que me disse: "Mas não poderia ela estar sobre um campo de flores? Ou algo mais positivo, já que se trata de *Lush Garden*?", mas isso arruinaria o propósito, pois a nossa situação não é perfeita. O mundo não é assim para as mulheres. E essa mesma pessoa que havia dito isso depois concordou comigo: "tens razão. De todas as minhas amigas, eu sou a única que nunca fui molestada, atacada ou ameaçada de violação...". É um problema real, e acho que tentar cobri-lo - afirmando que o mundo pode ser perfeito - não serve de nada.

-Será uma situação assim tão preocupante e grave?

-Sem dúvida! Esta perseguição subliminar continua, e não só nos meios mais óbvios. O álbum explora outros aspectos da destruição da beleza, e lamento ter feito isso também no passado. Penso que alguém poderá perguntar "Porquê falar apenas do negativo? Onde estão as soluções? Porque não nos dás nenhumas soluções?", mas sempre respondo: "O meu álbum não está aqui para ser o livro das regras, onde todas as soluções surgem no final".

-Mas desse modo tão negativista chegas ao ponte de ter arruinado tanto a situação que já não a podes solucionar. Nunca conseguirár consertar algo que já está completamente estragado.

-Isso não sei, talvez esse é o ponto onde tu e eu discordamos. Acho que primeiro apresento o problema, e depois muito subtilmente começas a ver um espírito feminino que consegue sobreviver: o princípio das soluções. Penso que dou a esperança... uma pequena esperança para a solução.

-Essa mudança é inevitável, mas infelizmente, é muito lenta. A maioria dos problemas da nossa sociedade estão muito enraizados, e são insidiosos. Serão necessárias muitas gerações para que as mudanças surjam...

-Penso que pode acontecer mais depressa, pelo menos, espero...

Susan Jennings/Fred Somsen/Sam Rosenthal

d i s c o g r a f i a

the rope
mesmerized by the sirens
ashes in the brittle air
a chaos of desire
a teardrop left behind (*)
this lush garden within

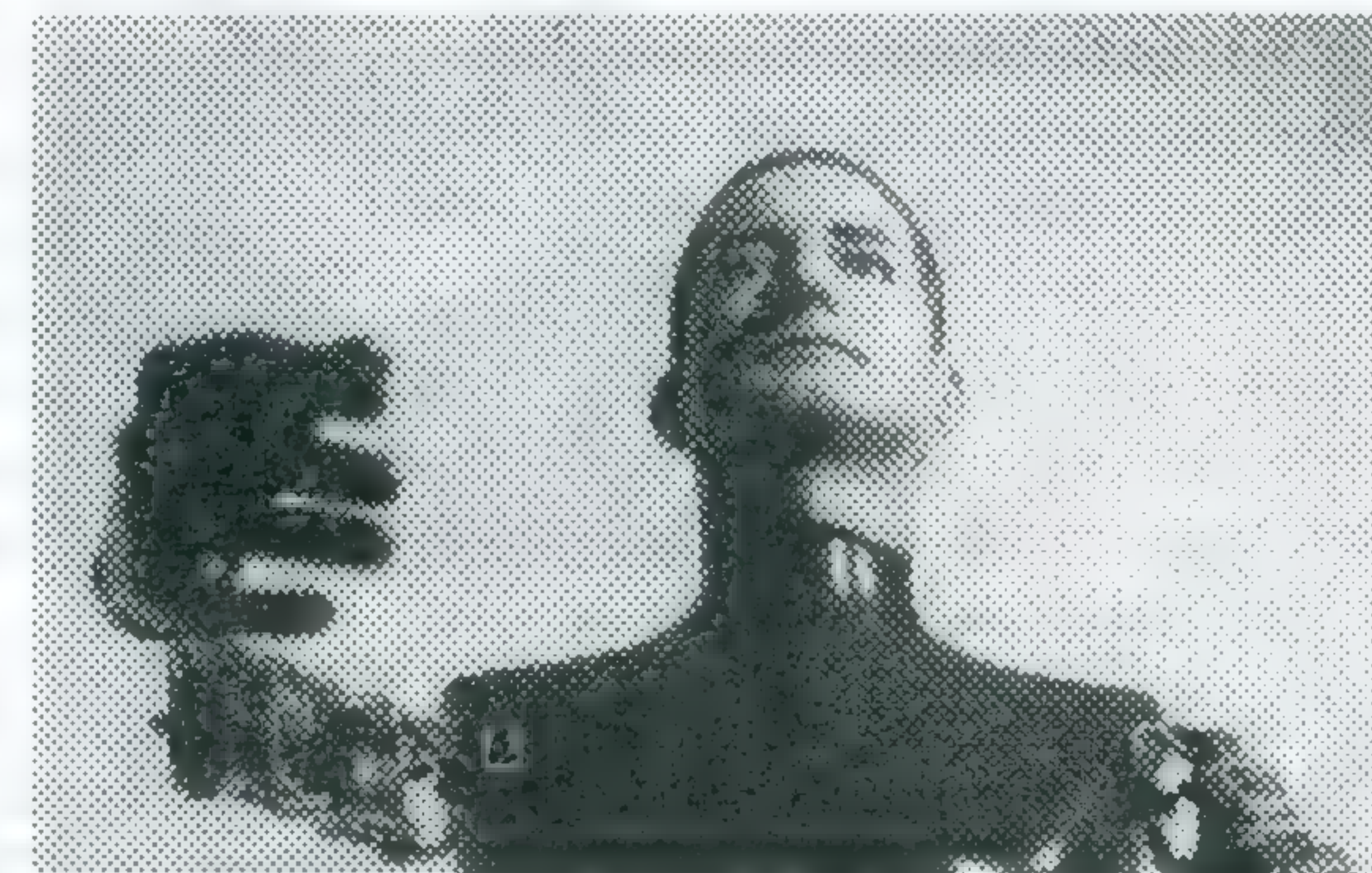
*compilação

KRAFTWERK
Die Mensche Machine

Nos finais dos anos 60, Ralf Hutter e Florian Schneider, dois alunos do Conservatório de Dusseldorf, insatisfeitos com as possibilidades oferecidas pelos instrumentos convencionais, decidem enveredar pela panóplia electrónica, fundando, com a ajuda do engenheiro e produtor Conny Plank, o estúdio Kling Klang. Hutter e Schneider, integrados num quinteto - os Organisation - editam em 1970 o álbum Tone Float. Nesse mesmo ano formam os Kraftwerk (i.e. central eléctrica). Apoiados na instrumentação electrónica e nas fitas magnéticas, mas também em percussão, cordas e sopros, lançam "Kraftwerk 1" na Philips germânica, ao qual se segue "Kraftwerk 2". A preenchê-los, um experimentalismo ruidoso, mesmo "industrial", onde são sensíveis influências do psicadelismo britânico e uma predilecção pela repetição, característica esta que, posteriormente, se revelará em toda a sua plenitude.

Dois discos que, por chamarem a atenção da multinacional Vertigo, são editados na Grã-Bretanha, num formato duplo sob o título óbvio de "Kraftwerk". Inicia-se assim o caminho para uma justa projecção no seio do mercado internacional do "rock", projecção que será consolidada, não por "Ralf And Florian" (que embora denotando já uma maior acessibilidade, soa ainda demasiado agressivo aos ouvidos da maioria do público consumidor), mas pelo comercialmente bem sucedido "Autobahn". Deste álbum, já com os percussionistas Klaus Roeder (originalmente violino e guitarra) e Wolfgang Flur integrados no colectivo, sairá um sete polegadas homónimo que, durante 1975, subiu nas tabelas de vendas. Com "Autobahn", onde o ruído desapareceu, é também operada uma mudança de visual, com a imagem, mais ou menos descontraída, dos músicos (artistas, sensíveis e humanos) a ser abandonada em favor de um "look" próprio de cientistas sonoros (sonoplastas, frios e distantes), visual que, mais tarde, se inspirará no imaginário "cyborg".

Mudança de editora e de "line-up". A escolhida é agora a Capitol, por onde sai "Radio Activity", onde Roeder já não participa, tendo sido substituído por Karl Bartos, que se foi ocupar da percussão electrónica. Entretanto, a Vertigo aproveita o bom momento da banda para lançar a compilação "Exceller 8".

O final da década de 70 aproxima-se rapidamente e o "disco" faz furor nas noites das metrópoles. A adopção pela população dançante de vários temas de "Trans-Europe Express", tranforma o álbum num êxito. Os seus autores são já, por esta altura, figuras de proa do "techno-pop", sendo inclusivé considerados os fundadores do estilo. Prosseguindo essa orientação, o excelente "The Man Machine" confirma o seu antecessor, produzindo outro "hit", - "The Model".

Com "Computer World", uma paródia à miniaturização nipónica, mudam-se de novo, desta vez para a EMI. A Vertigo volta a atacar com nova compilação, "Elektro Kinetic", e em 1986 sai "Electric Café". A tendência "pop" acentua-se e a popularidade é mantida.

Um impasse criativo parece instalar-se, não sendo "The Mix" a interrompê-lo. Apesar de constituir

alternativa válida às misturas originais, não apresenta nada de substancialmente novo.

A importância de um grupo mede-se também pela sua influência, e neste aspecto o grupo de Dusseldorf tem créditos firmados. Toda uma geração de "synth-pop" lhes fica devedora, mas não apenas. Bowie assume a dívida em "Low" e "Heroes", enquanto o "rapper" Afrika Bambaataa "furta" a melodia de "Trans-Europe Express" para o seu "Planet Rock". Pelo seu pioneirismo, os Kraftwerk, que não desdenham autodenominar-se "die klangchemiker" (os químicos do som), são irremediavelmente uma das referências fulcrais no desenvolvimento da música popular do final deste século.

Kraftwerk 1 (1971)
Kraftwerk 2 (1972)
Kraftwerk (1972)
Ralf And Florian (1973)
Autobahn (1974)
Radio Activity (1975)
Exceller 8 (1975) (*)
Trans-Europe Express (1977)
The Man Machine (1978)
Elektro Kinetik (1981) (*)
Computer World (1981)
Techno Pop (1983) (*)
Electric Cafe (1986)
The Mix (1991) *remisturas*

(*) Compilações

Pedro Ivo Arriegas

Paul Schütze

Novos Mapas Sonoros

Qualquer consagração artística ou admiração intelectual necessita de acontecer no local certo (permanecendo Portugal, obviamente excluído do campo de hipóteses,) contudo, como exemplo paradoxal disso mesmo, Paul Schütze, abandonou o seu país natal para viver em Inglaterra (onde pretende escapar ao conservadorismo artístico australiano [?]), isto após ganhar alguma notabilização como um dos mais importantes e influenciadores músicos periféricos actuais do seu país. Considera-se, no entanto, um felizardo, pois na sua juventude foi-lhe permitido adquirir, através de uma pequena loja importadora, os álbuns que lhe moldariam parte importante do seu carácter musical, hoje espelhado nos seus trabalhos. **"Graças a 'Escalator Over The Hills', de Carla Bley, comecei a interessar-me por jazz; ouvia John Coltrane, Miles Davis, Weather Report, etc... Comprava muito jazz, mas também música indiana e música electrónica alemã dos anos setenta. Fui um grande admirador dos Can, Faust, Magma e dos primeiros trabalhos dos Tangerine Dream e dos Kraftwerk. Os Can foram, talvez, o grupo mais importante para mim. Actualmente, considero Jon Hassell o meu músico favorito. Tudo o que tem feito, desde o seu primeiro trabalho, tem sido extremamente cativante."**

Em 1979 iniciava-se uma nova esclarecedora etapa na sua vida . Com o intuito de aprender a tocar tabla, viajou para a Índia, mas uma incómoda e grave doença forçou-o, pouco tempo depois, a regressar e repousar em Inglaterra. **"Vivia-se o fim da época 'punk' e o princípio do período 'new-wave'. Assim pude ver bandas como os Wire, This Heat, T. Gristle e Buzzcocks a tocar ao vivo. Aquelas convivências provocaram em mim um profundo efeito: regressei à Austrália completamente transformado."**

Foi após esse regresso (com uma breve passagem por Lisboa) que formou os Laughing Hands - grupo fundamental do panorama experimental australiano da década passada. A sua formação foi instável: com Paul Widdicombe, Gordon Harvey e Ian Russell, gravaram apenas o álbum **'Ledge'**; em **'Dog Photos'** não contou com Gordon, e nas cassetes **'Nights'**, **'EE: (The Welders Bible)'** e **'The Luxury of Horns'**, apenas participou Ian Russell, intitulando o projecto Invisible College.

Todas as influências que Schütze acumulara até então brotavam agora, no prazer inebriante da improvisação, num seio de músicos adoradores de 'free-jazz' (mais preocupados num gozo musical instantâneo do que na tarefa da composição). É o prazer do inesperado que surge como o 'leit-motiv' dos LH, e nos trabalhos editados apenas se vislumbra um 'snap-shot' da

sua evolução musical. Apesar da experiência preenchedora dessa liberdade de improvisação, Paul ressentiu-se disso mesmo, pois tinha já uma clara ideia do caminho a percorrer ,faltando-lhe, no entanto, os meios para o conseguir. "**A maior parte daquilo que faço devo-o à tecnologia que uso. Não sou um bom executante. Não me considero um bom pianista; sou, talvez, um razoável percussionista. O advento do** MIDI **possibilita-me, felizmente, expressar-me da maneira que quero, liberta-me as ideias e visões que tenho da música que quero construir. Vejo-me, hoje, totalmente dependente da tecnologia.**"

É essa inquietude e o descalabro monetário que o leva a encerrar os LH, não sem antes realizarem o seu último trabalho, encomendado pelo realizador Rodger Scholes que mais tarde lhe pediria os suportes sonoros para '**The Tale of Ruby Rose**' e '**The Last Tall Forests**', faixas incluídas em **Regard: Music By Film,** disco editado pela Multimood no ano passado.

Esta relação com o cinema não foi esporádica, e o seu interesse na conciliação de imagens e som resultou em algumas palestras em seminários e conferências, apesar de não possuir educação académica. "**O que ensino, basicamente, não são só pontos de vista práticos sobre composição musical para filmes, é também a sua história e o seu papel preponderante no filme. Quando falo em composição musical não me refiro apenas à música propriamente dita, mas também ao som em geral, ao som 'total': é nesta área que me posiciono e mais me interesso também.**" As imagens adquirem uma componente primordial nos seus trabalhos. É prova disso mesmo o catálogo urbano de fragmentos emocionais que emerge com os ecos das narrativas ambientais de **Deus Ex Machina** - um confronto paradoxal e brilhante entre a tecnologia e as manifestações culturais e sociais-, e os slides da viagem global que deslumbramos quando ouvimos os postais rítmicos de **The Annihilating Angel** - exercício inexcedivelmente coerente entre atmosferas minuciosamente texturadas e melódicas teias percussivas, justamente sub-intitulado **The Surface of the World**. Ambos os álbuns foram editados pela Extreme, sua conterrânea. Na realidade tem sido esta editora o que de melhor tem feito pelas criações de Schütze.É por isso que **New Maps of Hell**, o último de originais, surge também sob os auspícios deste selo - um trabalho que traduz a clara influência jazzística no músico: "**Os primeiros minutos do álbum são, sobretudo, caóticos. Não contêm os ambientes apaziguadores de** Deus Ex Machina **e, por isso, penso que será mais exigente de ouvir, mas é nessa direcção que, definitivamente, quero ir. Basicamente, devo-o às audições que tenho feito dos discos de jazz dos anos 70 (os concertos de Miles Davis no Japão, Herbie Hancock, etc...). Interessa-me, actualmente, esse período de jazz-psicadélico. Será curioso verificar a reacção do público que compra os meus discos. É essa a vantagem de vender pouco; não tenho de me manter fiel a nenhuma fórmula e posso fazer o que quero, e isso é o importante para mim, e é algo que alguém como Brian Eno já não pode fazer**".

Actualmente em Londres, Paul desdobra-se em múltiplas actividades. Ainda sem editora base, depois da saída da Extreme, surgiu na SDV a segunda parte de **New Maps of Hell,** intitulada **The Rapture of Metals** (disponível numa embalagem especial limitada, para além de uma edição normal). Talvez acusando a falta de apoio, divulgação e oportunidade com que sempre se bateu, tem como objectivo próximo despoletar o início de uma nova editora, assente num eficaz dispositivo distribuidor, com o supremo (e eterno) desejo de dar oportunidade a novas tentativas de linguagens sonoras.

Pedro Santos

Stephan Micus
um trovador exemplar...

Do seu primeiro trabalho "Archaic Concerts", datado de 1977, até ao mais recente "To the Evening Child", o multi-instrumentista bávaro Stephan Micus tem manipulado, com contenção e assinalável valor artístico, um grande número de instrumentos pertencentes a diversas culturas e tradições musicais que tornam ainda digno de interesse este nosso planeta actualmente tão massificado.

Da audição das suas gravações, que na sua totalidade (?) agora são pertença da ECM, deduzimos em Micus a preocupação de exprimir musicalmente uma vontade de aproximar diferentes culturas e expressões até há pouco estanques e ignoradas, não somente devido à ancestralidade e isolamento que as caracterizam, mas sobretudo à ignorância, egoísmo e mesquinhez mercantil bastamente presentes na gloriosa civilização ocidental.

Os seus trabalhos diferenciam-se substancialmente da maioria das edições discográficas que agora são rotuladas de *world music*: no plano da intencionalidade, Micus não pretende, de modo algum, apossar-se ou representar a voz dos intérpretes autênticos, dos seus instrumentos e linguagens afloradas, quanto muito compreender - tactear, será o termo - a essência das suas culturas; no plano dos resultados, a simplicidade de composição e genuína emotividade interpretativa posicionam, sem qualquer sombra para dúvidas, o músico bávaro num universo desprovido de qualquer reflexo imitativo ou de simulação.

É assim que em "Implosions", de 77, utilizados que são a guitarra acústica, o sitar (instrumento de cordas picadas indiano), o *zither* (cítara bávara), o *shakuhachi* (flauta de bambu japonesa), o *sho* (espécie de órgão bocal originário do Japão) e o *rabab* (alaúde afegã), Micus não reclame para si a feitura de música tradicional de carácter indiano, bávaro, japonês ou afegã, mas um desejo sincero de penetrar um pouco na essência destas culturas.

"Koan", "Till the End of Time", editados em 77 e 78 respectivamente, pouca ou nenhuma importância possuem actualmente. Tal não acontece com "Wings over the Water", de 81, onde o compositor manipula devidamente o *nay* (flauta árabe), o sarangui (espécie de violino indiano), o *suling* (flauta do Bali) e um grande número de vasos de barro, sendo estes primorosamente tocados no CD "Twilight Fields", de 87, em subtil interligação com alguns dos instrumentos já citados.

Em 1983 Stephan Micus grava um disco de grande beleza - "Listen to the Rain" - onde, com assinalável intimismo, articula a guitarra clássica espanhola com o *taboura*, o *shakuhachi* e o *dilruba* (magnífico instrumento de arco indiano que conjuga o sarangui com o sitar, tendo a sua caixa de ressonância a forma de pavão). Se em "East of the Night", de 85, articula melancolicamente uma guitarra acústica de dez cordas com quatro flautas *shakuhachi*, já no registo do ano seguinte, "Ocean", Micus privilegia o som doce e profundo do *hammered dulcimer* (uma versão americana do saltério utilizado tanto na Pérsia como nos países balcãs).

As pedras de ressonância fabricadas pelo escultor Elmar Daucher são a principal fonte instrumental do estranho e meditativo registo "The Music of Stones", gravado na catedral de Ulm, em 89. Um ano depois, edita o que poderá ser considerado como o seu trabalho "mais orquestral". "Darkness and Light" evidencia

também um instrumento singular, o *ki unki*: proveniente da Sibéria, medindo cerca de dois metros e soando como uma trompeta quando accionado por... aspiração. Finalmente, "To the Evening Child" prefigura Stephan Micus o músico em plena maturidade artística, nomeadamente nos planos da composição e da expressividade. Contenção de meios, desprendimento e elevação discursivos, assombrosa simplicidade de expressão e equilíbrio emocional são atributos deste último trabalho de Micus, onde os *steeldrums* (instrumentos de percussão da Jamaica provenientes de velhos bidões de petróleo, no caso presente especialmente preparados com novas combinações tonais) e a voz do músico são assinalavelmente preponderantes.

Pressente-se, ao longo de todo o disco, a evocação de uma força sagrada e ancestral que dignifica o «humilde» e terno canto livre de Micus, o qual, ao utilizar uma linguagem desconhecida, apresenta-se-nos como uma maravilhosa proposta de esperanto poético-musical. Por isso mesmo, as peças cantadas neste trabalho, podendo ser tomadas como *planctus*, mesmo que o sejam carregam em si uma carga de esperança nobal. Dificilmente terá opinião contrária quem ouvir as faixas três (que evoca certas peças sacras medievais), quatro (a emocionante peça que dá o nome ao disco, onde 11 *steeldrums*, a *dilruba*, o *nay*, o *sinding*, e a voz são subtil e profundamente interligados, concretizando uma plausível simbiose contemporânea dos ideais trovadoresco e místico) e sete (um final pleno de serenidade). De salientar o som mágico e intimista que Micus retira das «banais» latas que são os *steeldrums*. Pela obra já editada, mas sobretudo por este "To the Evening Child", Stephan Micus torna-se um trovador exemplar que contempla ânsias e utopias antigas, apesar de tudo, ainda presentes na estigmática existência contemporânea.

Tomás de Oliveira Marques

D I S C O G R A F I A

ARCHAIC CONCERTS (76)
IMPLOSIONS (77)
KOAN(77)
TILL THE END OF TIME (78)
BEHIND ELEVEN DESERTS (78)
WINGS OVER WATER (81)
LISTEN TO THE RAIN (83)
EAST OF THE NIGHT (85)
OCEAN (86)
TWILIGHT FIELDS (87)
THE MUSIC OF STONES (89)
DARKNESS AND LIGHT (90)
TO THE EVENING CHILD (93)

ASMUS TIETCHENS

«VELHO... COMO O VINHO DO PORTO»

três décadas a ditar os caminhos da modernidade, onde fazer música significa descobrir e procurar. Com 45 anos de idade, e mais de 25 a fazer música, Asmus Tietchens é, cada vez mais, um dos mais esclarecidos e radicais compositores do presente. Correntemente mal integrado, por jornalistas e interessados, em correntes de vanguarda diversas que não lhe dizem nada, Tietchens falou-nos em sua casa - um local onde embriões e caveiras humanas decoram as paredes e onde CD´s de New Age são utilizados como base de copos. «Mais vale humilhá-los do que deitá-los fora», diz ele!

Para início de conversa, dá-nos conta das tuas actividades do momento!

Estou agora a trabalhar com Vidna Obmana, num projecto de intercâmbio. O Dirk enviou-me 60 minutos do seu material e eu estou agora a decompô-los e a deformá-los em estúdio, sem tocar nada de novo só por mim, apenas realterando-o. Esse material irá ficar completamente modificado e restruturado. Será um novo tipo de música que não é minha nem dele.

Mas como surgem todas essas pessoas com que tu normalmente colaboras e que muitas vezes nem conheces pessoalmente?

Não é importante conhecê-las, só é importante conhecer a sua música! Quando eu colaboro com outras pessoas, preciso acima de tudo de gostar da sua música. Quando isso acontece, estou pronto a tentar trabalhar com elas!

Quem toma então a iniciativa de trabalhar em conjunto?

Depende. No caso de Vidna Obmana, por exemplo, fui eu que tomei a iniciativa, depois de ouvir os seus discos; no caso do CD «Five Manifestos», com PBK, a iniciativa foi do Philip. Não existe uma fórmula, apenas o interesse das pessoas!

E consegues viver da tua música?

Não, não é possível! Desde há três anos que trabalho na Escola Superior de Artes de Hamburgo. Sou professor de Instalações Sonoras e isso ajuda-me de forma muito importante.

O que são concretamente essas instalações sonoras?

São diferentes formas de usar o som juntamente com outras formas de expressão. É um trabalho extremamente interessante porque estou junto de estudantes muito empenhados e cheios de novas ideias, com os quais também acabo por aprender!

Fala-me do Okko Bekker. Penso que ele tem um papel muito importante na tua música, não?

O Okko é um amigo de longa data. Conheço-o há trinta anos! Ele é um músico profissional que trabalha para televisão e publicidade. É no seu estúdio que eu posso trabalhar e gravar a minha música.

Foi ele que te impulsionou para a música ou isso aconteceu de forma simultânea entre ambos?

Aconteceu em conjunto, sim. Mas o que é mais engraçado é que ele detesta literalmente o tipo de música que eu faço. Pediu-me, como bons amigos, para fazer o meu trabalho à vontade, mas para nunca lho mostar. Só colaborámos uma vez devido a um pedido.

Como conseguiram então?

Foi muito complicado, pois não nos conseguíamos ajudar mutuamente. Acabámos por fazê-lo numa base que não era a minha nem dele, naquilo a que os alemães chamam de «serious new music», a música de âmbito mais académico. Foi, aliás, a primeira vez que retirei uma grande ajuda dos computadores, onde tudo foi gerado. Normalmente recuso-me a trabalhar com computadores!

A tua música é afinal tecnológica, porque é concebida em estúdio, ou acústica, devido

às tuas bases de partida?

Eu classifico a minha música de acústica, mesmo que não o pareça. Para mim, já não se trata já de utilizar instrumentos, mas sim os sons. Não utilizo computadores e, desde há cerca de seis anos, nem já sequer os sintetizadores. Os sons são hoje o único ponto de partida: sons captados ou sons produzidos acusticamente. É claro que o tratamento final acaba por ser digital, mas isso não invalida a base onde se geram os sons, que é sempre acústica..Utilizei sintetizadores consecutivamente durante vinte anos, agora já não os posso ver à frente!!

O que é que mudou em 25 anos de música: as ideias, a tecnologia, ou ambas?

As minhas ideias básicas acerca da composição sonora pouco mudaram em todo este tempo e as mudanças na tecnologia nunca me forçaram a mudar as minhas ideias musicais. Nunca fui dominado pela tecnologia! Reconheço apenas uma evolução suave em todo o meu processo musical, no que diz respeito à concepção musical apenas.

ASMUS TIETCHENS

ABFLEISCHUNG

Consideras-te um experimentalista?

Sim, de certa forma. Deixa-me dar-te esta imagem: Existe uma paisagem, de sons, onde se encontram uma série de pontos brancos que representam áreas ainda não descobertas de som... estruturas...E eu tento atingir, em cada peça que gravo, algum destes pontos. É sempre um pequeno passo à frente na direcção da descoberta. No entanto, espero nunca vir a descobrir toda a paisagem!

Seria o fim!?

Sim! Mas não temo que isso aconteça, pois já trabalho nisto há 25 anos e cada vez existem mais pontos brancos para mim. Neste sentido, sou um experimentalista sim. Não de uma forma intelectual, porque componho mais com os meus sentidos do que com a cabeça.

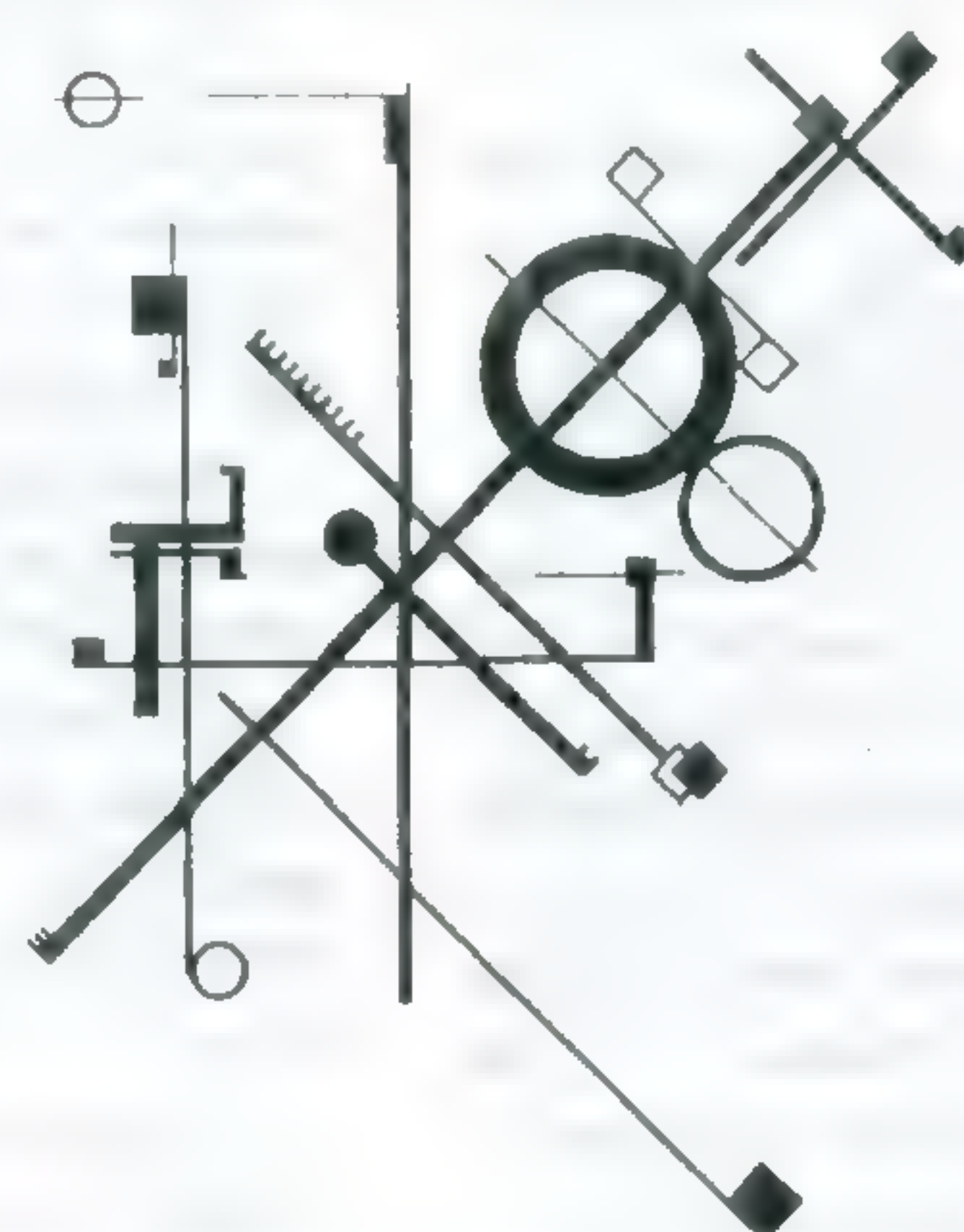
Mas como consegues atingir tão diferentes tipos de sonoridade? Por exemplo, «Marches Funébres» e «Geboren, Um Zu Dienen» (Born To Serve), dois dos teus melhores discos, estão em pólos sonoros completamente diferentes, não concordas?

Antes do mais, devo dizer-te que: «Marches Funebres» devia ter sido uma piada, mas ninguém a entendeu! Ninguém se riu! Eu passo a explicar: Um dia, um tipo disse-me que eu não utilizava os computadores porque era demasiado estúpido para o fazer, ou então que tinha medo deles! Foi assim que surgiu a peça principal desse disco, toda feita a partir de elementos musicais artificiais, sem qualquer valor. Esse disco representa, para mim, uma simples banalidade!

No entanto, pô-lo no mercado mostra, para mim, que existe uma faceta séria qualquer importante nesse disco, não!?

Bom, ele é composto por duas peças. Um dos lados, o mais electrónico minimal, é o elemento sério desta questão, feito com computadores e sintetizadores. O outro lado, o que soa a neo-clássico, é que é a anedota. Todos os sons dessa peça foram directamente retirados dos arquivos da Yamaha, sem que eu tivesse gerado o que quer que fosse . «Marches Funebres» é o kitsch total; mas porque não fazer algo assim, um dia! É este o perigo do Kitsch, ser tão atractivo! É que toda a gente gostou imenso desse disco, apesar de ele não ter qualquer substância.

Essas mudanças sonoras estão também relaccionadas com as tuas mudanças constantes de editora, não?

De certa forma. Eu faço tantos tipos de música diferentes e todas as editoras independentes têm sempre gostos tão específicos que não é possível manter a base.

Porque pediste especificamente, no teu último lançamento, que a editora Musica Maxima Magnetica utilizásse uma sub-divisão editorial com outro nome?

Para o meu gosto, acho que a MMM é uma má companhia discográfica, pois está repleta de discos muito maus, em minha opinião. Foi essa a razão de se ter criado a Syrenia para o lançamento de «Seuchengebiete 2»

Porque não tens feito tu próprio o lançamento dos teus discos, uma vez que até já lançaste o LP de estreia do Miguel A.Ruiz, sob a designação editorial de Hamburger Musikgesellschaft?

Sim, mas conjuntamente com três amigos, além de que isso foi algo de especial. Esse selo planeia lançar apenas discos de pessoas que nunca o tenham conseguido e a música tem de agradar a nós os três. Foi assim que surgiu o LP «Encuentros en La Tercera Edad».

Qual é a música que ouves em tua casa, já que é tão difícil de te agradar?

Eu ouço música do mesmo género da que toco e faço-o por duas razões: Primeiro, pelo prazer claro, e depois porque quando ouço música, electrónica ou concreta, faço-o também para saber que já não devo fazer aquilo, pois já foi feito por outras pessoas! No entanto, não ouço muita música, para não perder o gosto de a fazer, mas, quando o faço, fico extremamente concentrado e penetro para dentro dela. Nunca a ouço só!!

Para terminar, diz-nos como surgiu este teu recente contrato (o primeiro) com a editora Dark Vinyl?

Tudo aconteceu porque eles se ofereceram para lançar qualquer que fosse a coisa que eu quizesse. Foi a primeira vez que tal aconteceu, para além de que disponho de liberdade total a todos os níveis - capas, etc, e, mais importante ainda, dinheiro em «advance»!! Mas exigi também a criação de uma sub-editora, pelas mesmas razões da Musica Maxima Magnetica.

É, em suma, o contrato perfeito!?

Completamente!

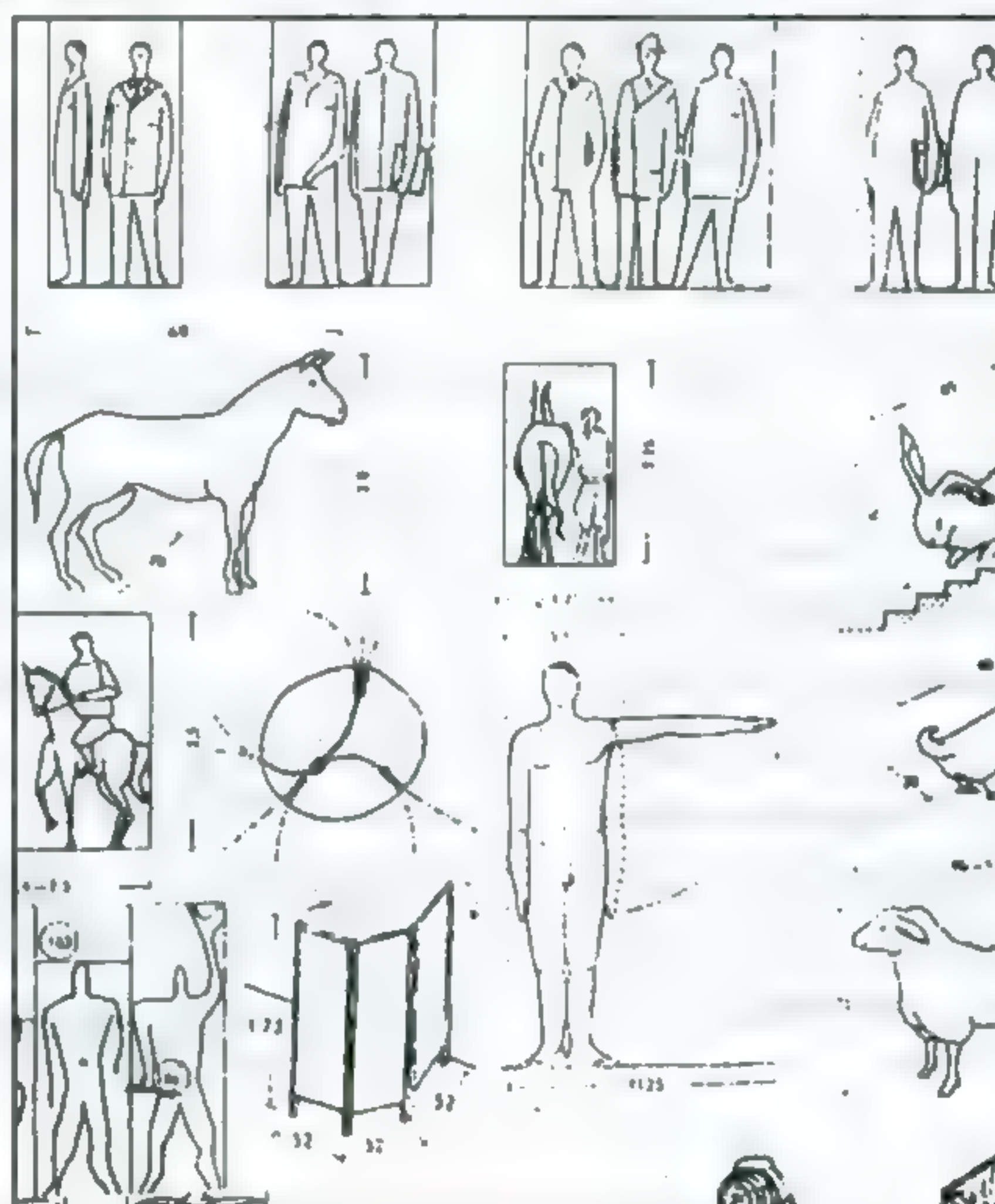
João Correia

A Música Tribal

Sesimbra, conhecida como terra de pescadores, começa agora a desabrochar para a música . Em Setembro de '91 o projecto Silicone, idealizado por Pedro Nuno Costa (pesquisas sonoras, vozes e samplers), Francisco Rasteiro (samplers, teclas e flautas) e Luca (samplers, violas diversas e marimbas), começou a dar os primeiros passos no restrito meio musical português. Aqui ficam algumas das suas ideias:

"Saturados das experiências *hi-fi* chegámos à ideia de insultar o vulgo computorizadíssimo com um ambiente o mais primitivo e colorido possível. Os nossos objectos de exploração são a sonoridade "Mono", os sons (únicos) dos mais elementares *casiozinhos*, samplers e aparelhos acústicos artesanais. Imaginámos mesmo, uma espécie de peça sonora que se demarcasse significativamente da tecnologia moderna, e quanto a nós, isso foi plenamente conseguido."

Da sua actividade constam já três maquetes a que correspondem respectivamente fases distintas. Fica a explicação...

1ª Fase - " MB(Em Goma)"
" O primitivismo sonoro foi a inspiração para esta primeira fase. Uma espécie de ritual de cores envolvidas num bálsamo de rudimentar ingenuidade impulsiva."

2ª Fase - "No News For Modern"
" É um outro modo de expressar a ideia dominante do projecto - a simplicidade das matérias na construção de ambientes diversos e diferentemente emoldurados. **No Never** resulta aqui como um choque de ideias, um caos natural, uma revoada de aves gigantescas num processo de auto-mutilação, um acto de desesperada razão."

3ª Fase - " Scared and Making Sense"
"É a festa do vinho e descontração."

A curto prazo, para além de muitas outras coisas, os Silicone pensam em elaborar embalagens de abertura fácil.

Pedro Navalho

C'EST LA MORT

Louisiana é o poiso desta etiqueta independente que deste há cerca de cinco anos batalha no mercado editorial norte-americano.
Surgiu como um projecto um pouco desenquadrado das habituais sonoridades típicas da região, uma vez que Woodrow Dumas, mentor da iniciativa, preferiu adoptar um perfil com algumas afinidades às etiquetas 4AD e, principalmente, à Third Mind.
Recrutando para o seu catálogo alguns nomes com provas claras nestas áreas, Dumas juntou-se à Rough Trade US para garantir uma distribuição mais ampla por todos os estados do país. Infelizmente, não contou (quem previa?) com o colapso financeiro desta entidade e, por isso, esteve durante os últimos anos pelas ruas da amargura.
Agora recomposto, regressou ao activo com o plano editorial que tinha há uns meses atrás.
Por aqui resolvemos, numa mostra de solidariedade, abordar a sua carreira e expôr, tanto quanto possível, as suas credenciais.
Mas antes de passarmos à listagem propriamente dita dos registos editados, vamos sucintamente apresentar-vos alguns dos projectos envolvidos neste catálogo.

Future Neighbors - banda vizinha oriunda do Canadá. Mais vocacionados para as áreas tradicionais, o grupo prefere interpretar temas não-originais de nomes sonantes como Peter Paul & Mary, Patsy Cline ou Neil Young. Nos States ficaram conhecidos como os sucessores dos Jefferson Airplaine.

Heavenly Bodies - som etéreo de dois ex-Dead Can Dance (Scott Rodger & James Pinker) e dois participantes nos This Mortal Coil (Caroline Seaman & Tony Waurea). Para nós chega...

Handful of Snowdrops - cinco Canadiano-Franceses provenientes do Quebeque. Sons dramáticos meio mecânicos meio electrónicos. Os Xymox do início de carreira e os New Order de hoje em festança conjunta.

Judgement of Paris - colectivo de multi-instrumentistas que prefere brincar aos sintetizadores. Formados em 88 e oriundos de Minneapolis, já suportaram grupos como os Meat Beat Manifesto, Legendary Pink Dots e Weather-men

Condition- Mais um projecto canadiano do Quebeque que opta por descrever as suas sonoridades por " primitive urban swing" ou "voodoo blues"

East Ash - quarteto formado em 85 por Jeff Rodgers, Rob Durando, Don Cizek e Bob Brass. "Really noisy or really melodic" são duas das facetas que a banda gosta de confrontar. Para arquivar na prateleira do pop-rock mais rebelde.

Johanna's House of Glamour - de Newport-Rhode Island, este trio já trabalha em conjunto há mais de 14 anos. "Farewell Street" de 91, foi, no entanto, a sua primeira edição. O seu som pode ser descrito por um cariz folk-neo-psicadélico. Notam-se algumas reminiscências dos Hugo Largo.

M-1 Alternative - duo de San Francisco que iniciou a sua carreira em finais de 85. Praticantes de um pop-industrial, misturam os sons acústicos e electrónicos com algumas mestria. As suas texturas melódicas, quando não vocalizadas, tornam-se imensamente belas, mas quando a voz participa, o resultado final torna-se muito "déjà-vu".

Area - Coqueluche deste catálogo, infelizmente já fora de actividade, esta banda tem uma vocalista que só (ou)vendo. Pode fazer corar de inveja muitas meninas que tentam em vão imitar certas vozes da 4AD. Chamam-se agora The Moon Seven Times.

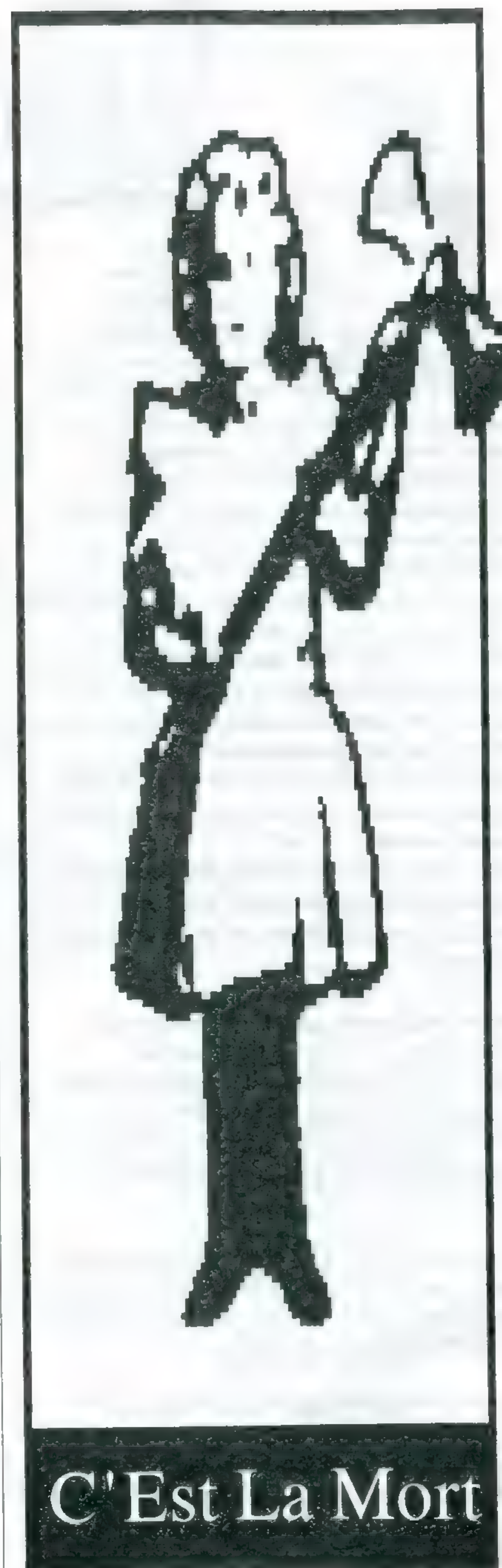
Blue Blue Blue - a destoar um pouco do restante catálogo, não contudo da cena norte-americana, este projecto novaiorquino azul pratica um rock'n'roll genuíno do tipo dos Green On Red e Dream Syndicate.

Big Hat - quarteto de Chicago constituído à base

de percussões, violino, teclados e os soberbos dotes vocais de Yvonne Bruner, prima afastada (e mais atinadinha) de Sinead O'Connor. O seu estilo, enquadrado convenientemente no catálogo de Woody, pode ser de certa forma também identificado com o de os Sundays (com chapéus), Julee Cruise (de chapéu), Mazzy Star (de chapéu) ou The Smashing Pumpkins (com bonés por cima das abóboras) - aliás foi por isso que acabaram por preencher as primeiras partes destes concertos.

C A T Á L O G O

CLM001 - ????
CLM002 - Room Nine - Voices Summer Day
CLM003 - Friends of Ghosts - Realm of the Senses
CLM004 - Psyche - Unveiling Secret
CLM005 - ????
CLM006 - Area - The Perfect Dream
CLM007 - Vários - Dr. Death Volume 3
CLM008 - Arms of Someone New - Promise
CLM009 - Beautiful Pea Green Boat - Still Life
CLM010 - Heavenly Bodies - Celestial
CLM011 - Future Neighbors - Flesh of Love
CLM012 - CLM013 - CLM014 - CLM015 - ???
CLM016 - ????
CLM017 - Heavenly Bodies - Rains on Me (EP)
CLM018 - Area - Radio Caroline
CLM019 - Arms of Someone New - Every Seventh Wave
CLM020 - Blue Blue Blue - Reclusallucination
CLM021 - Area - Between Purple and Pink
CLM022 - Controlled Bleeding - Songs from the Ashes
CLM023 - CLM024 - ????
CLM025 - East Ash - Crushing a Flood
CLM026 - Courage of Lassie - Sing or Die
CLM027 - Condition - Swamp Walk
CLM028 - Handful of Snowdrops - Land of the Dammed
CLM029 - Vários - Dr. Death Volume 4
CLM030 - Johanna's House of Glamour - Farewell Street
CLM031 - Area - Fragments of the Morning
CLM032 - M1 Alternative - Aviary
CLM033 - East Ash - Ellie
CLM034 - Handful of Snowdrops - Dans L'oeil...
CLM035 - Vários - Dr. Death Volume 5
CLM036 - Judgement of Paris - Conversion
CLM037 - Grace Darling - Grace Darling
CLM038 - Big Hat - Shimmer
CLM039 - Vários - Dr Death Volume 6
CLM040 - Judgement of Paris - Signal

Paulo Somsen

SDV - «FREE YOUR SOUL»

No reino do bom gosto, Birgit Gasser (aliás Dino Oon), Detlef Funder (aliás Konrad Kraft) e Bernd Sevens (aliás Seventh Day) dirigem a SDV - Stimme Des Volkes ("Voz do Povo") - desde 1982, ano longínquo. Sendo uma editora relativamente pouco conhecida, é surpreendente descobrir no seu catálogo tanta música ... forte. Música merecendo um destino melhor do que a mera descoberta ocasional de algum investigador mais ou menos persistente. Música, alguma dela, urgente e vital. Longe do desejo de propagandear a editora, o que interessa é tomar contacto com emoções inteligentes, ou seja, abraçar aquilo que não é despejado gratuitamente. É óbvio que a SDV possui um critério, e esse é o da diversidade, claramente exposto no LP compilação de 89. De certo modo previsível, o facto de o disco falhar na conquista do público. Apesar da inclusão dos Human Flesh e Bourbonese Qualk, nem toda a gente digere facilmente a electrónica 'laibachiana' dos Mynox Layh em conjunto com o 'folk' esquisito dos Deux Baleines Blanches. Nem eu.

As cassetes (cerca de uma vintena editada até 1990) foram lentamente substituídas pelo vinil mas sobretudo pelo CD, suporte eleito pela SDV como veículo da sua música para o público. Música? Músicas, mais correcto. Embora privilegiando clara e assumidamente a electrónica, esta é-nos mostrada em diversos estados de espírito, por vezes mesmo em ambientes quase totalmente acústicos. Estados de espírito traduzidos sem complexos por "alma" - música vazia de alma não interessa à SDV. Só assim coexistem os Mynox Layh (ainda que a alma de "Intra In Caelum" esteja na posse do Demónio) e os TUU. Sem dúvida no meio termo, a dupla Dino Oon/Konrad Kraft possui a alma à flor da pele, em "Environmental Studies". Alma e corpo confundem-se.

Type Non, com "Phantasmagoria", é um passo noutro domínio, nem techno, nem ambiental, nem experimental, ou se calhar as três coisas ao mesmo tempo. Numa palavra, brilho intenso para um projecto que, enquanto Oltre La Morte, sempre foi intenso. E a transição de Oltre La Morte para Type Non revela ainda um aspecto importante no percurso da SDV: a estreita colaboração com a (extinta?) Turn-A-Bout Tapes, editora em tempos essencial para se ter uma imagem filtrada do que a Alemanha tinha de melhor no seu underground. Além da natural entreajuda SDV/T-A-B, o principal resultado da colaboração foi a organização, há cerca de três anos, de um "festival" com 16 grupos de ambas as editoras, em duas noites. Foi uma tentativa de exposição em Dusseldorf, cidade de origem, e uma tentativa, segundo Birgit, de agitar o conservadorismo 'guitarrístico' que aparentemente lá impera. Lutar contra a corrente já nem é novidade de maior, nem para nós, nem para Dino Oon/Konrad Kraft que, num dos seus primeiros concertos, em Frankfurt, só levavam um baixo, procurando então por todo o lado tralha para utilizarem no "concerto": mesas, carrinhos de supermercado, etc. A produção de ruído foi dominante, e o público podia subir livremente ao palco para participar na acção. O verdadeiro espectáculo socialista (hmm... o nome da editora não é por acaso).

Birgit esteve envolvida, em 91, na sonorização de um espectáculo de choque bastante diferente. O grupo de performance BBM (muito inspirado nos Survival Research Labs) dispôs dois longos tubos/túneis, com 300 metros de comprimento cada, de forma a que o fim do segundo coincidisse mais ou menos com o início do primeiro. Passeando pelo primeiro tubo, o público apercebia-se a certa altura de que estava a ser perseguido por enormes máquinas metálicas sem qualquer função específica (os seus movimentos não tinham grande lógica). Claro que as pessoas só podiam

fugir em frente, e era no fim do túnel que Birgit produzia subitamente sons que se propagavam através do tubo como uma onda de choque até atingirem e ultrapassarem as pessoas. A sensação é de um ruído cada vez mais alto a aproximar-se até se tornar virtualmente insuportável, mas depois ultrapassa-nos quando já não se espera. As pessoas entravam no segundo tubo, tentando escapar, e a dose era repetida ainda mais intensamente. O pânico tomava conta de alguns...

E depois a SDV decide editar os TUU, nos antípodas de qualquer experiência de choque. "One Thousand Years" levita ao som de instrumentos tradicionais indianos, tibetanos, peruanos e brasileiros, entre os quais a electrónica não chega sequer a assumir um papel moderador.

Apesar de o mundo da editora, presentemente, se confinar aos compact-discs, qualquer verdadeiro interessado terá obrigatoriamente que prestar muita atenção ao catálogo de cassetes, nesse caso sem dispensar "Freier Mensch" (Jesus Drum), "Accident In Heaven" (Konrad Kraft), "Sieben Tage Und Nachte" (Dino Oon/Konrad Kraft) e "Bon Voyage" (banda sonora com Type Non, Alimentaire S.A. e Stelt).

Stimme Des Volkes continuará a dar ao povo não aquilo que ele quer, mas aquilo que ele faz.

Vinil e CD's:

SDV 016 "Stimme Des Volkes" LP compilação (89)
SDV 023 MYNOX LAYH "Intra In Caelum" LP/CD (90/91)
SDV 025 DINO OON/KONRAD KRAFT "Environmental Studies" CD (92)
SDV 026 TYPE NON "Phantasmagoria" CD (92)
SDV 027 TUU "One Thousand Years" CD (92)
SDV 028 PAUL SCHUTZE "The Rapture Of Metals" CD (93)
SDV 028 idem - edição limitada a 500 cópias em embalagem de feltro negro
SDV 029 JOHN WALL "Fear Of Gravity" CD (93)

José António Moura

Avant-En-Garde

Avant é o nome de uma nova editora japonesa, com sede em Tóquio e as suas edições destacam-se por terem na produção um menino querido das vanguardas de tendência popular, John Zorn. Faça-se aqui destaque ao seu catálogo.

Não se estranhe o facto do nome de John Zorn aparecer ligado a esta editora japonesa, pois é sabido da paixão do compositor nova-iorquino pelo país do sol nascente, desde há muito a ele fazendo referências quer nas notas dos libretos que acompanham os seus trabalhos, quer no uso de fotografias, quer ainda na colaboração com músicos de nacionalidade nipónica. Talvez daí se explique o facto de viver metade do ano em Tóquio e outra metade em Nova Iorque (não contabilizar aqui o tempo em que anda em digressão, que é praticamente o ano inteiro). Talvez outras respostas se encontrem num exotismo feminino. Ou no ritmo de vida alucinante dos japoneses (que conseguem contudo manter a calma e, simultaneamente, uma profundidade, de fazer o mundo ocidental entrar em parafuso). Ou num concretismo extravagante e radical (conhecem os projectos de noise-core japoneses, como, por exemplo, Zeni Geva, Boredoms, Masonna, K.K. Null, Merzbow, Ruins, S. Core, The Gerogerigegege, Omoide Hatoba, Nimrod, Daihakase ou The Hanatarashi, para citar alguns? - talvez apareça aqui, numa edição futura, um merecido artigo sobre a cena underground japonesa). A Avant deu os primeiros passos em 1992 e faz parte de um grupo editorial maior, de nome Disk Union. Tem sete trabalhos editados e outros tantos agendados. Se procurarem bem, podem encontrá-los em Portugal, numa daquelas raras discotecas especializadas em músicas alternativas. De qualquer modo, fiquem agora com uma chamada de atenção a cada um dos seus trabalhos. Bons sonhos.

Naked City - "Heretic" (CD, Avant AVAN 001)
Todos os registos de Naked City têm uma apresentação rigorosa, de um extremo cuidado gráfico. Tendo como subtítulo "Jeux des Dames Cruelles", "Heretic" confirma a regra. O preto como fundo, o prateado como linhas de recorte e o castanho velho das fotografias exibem um formalismo geométrico sensível, subtil e conseguido, provocando a atenção do leitor/ouvinte. Dedicado a Harry Smith, animador místico, etnomusicólogo pioneiro, autor de "Heaven + Earth Magic" (considerado por Zorn um dos melhores filmes de sempre), "Heretic" é uma banda sonora para um filme que nunca existiu fora da imaginação e contém essencialmente improvisações em duo e em trio. O *line-up* é aquele que já conhecemos de outros registos: John Zorn, Bill Frisell, Wayne Horvitz, Fred Frith, Joey Baron e Yamatsuka Eye. São 24 temas, num total de 56'56'', que desafiam a inspiração do momento, influenciando-se nos ensinamentos de Derek Bailey e Larry Ochs, moldando a sonoridade com uma acutilância perversa, pesada, agressiva e rápida o suficiente para provar o virtuosismo dos rapazes. Eclético, está mais virado para o grindcore Earache do que para o eruditismo de "Elegy", isto, claro, no interior de uma tipologia espasmódica, que vive de particularidades, da surpresa e da adrenalina, naquele jeito livre que a escola *downtown* nova-iorquina (e também londrina Music Improvisation Company, conduzida por Bailey) nos tem vindo a habituar. Um registo a procurar.

Naked City - "Grand Guignol" (CD, Avant AVAN002)

41 temas em 61'37", dos quais 17'54" pertencem a um só tema, aquele que dá título ao álbum e o mesmo que espantou uma Aula Magna completamente cheia, na abertura do segundo espectáculo de Naked City em Lisboa, quando os presentes esperavam os laivos curtos e rasgantes de "Torture Garden". "Grand Guignol" inclui não só quase todo o "Torture Garden" (menos 9 temas, cerca de 2/3 minutos) como também interpretações mutiladas e mutilantes de composições de Olivier Messiaen, Claude Debussy, Scriabin, Charles Ives e Orlando Di Lassus.

Sobre este disco já eu falei no semanário Se7e, onde foquei as imagens do sado-masoquismo, da tortura, do incesto e da morte, presentes não só nesta homenagem a esse teatro parisiense do horror como em toda a obra de Zorn. O medo, o terror e o mal que incarnam a criatividade numa exposição que parece (e é) mágica, fazem-se aqui transportar numa sequenciação que mistura tudo o que é género, perante agradáveis demonstrações de rapidez, inovação, surpresa, ruído, destreza, experimentação e improvisação. O grande (nos seus vários significados) tema aqui presente é, claro, "Grand Guignol", sem descurar no entanto os restantes. Há muito por onde escolher nesta diversificada mas coerente selecção. Façam o favor.

Buckethead -"Buckhetheadland" (2xCD, Avant AVAN007)

Guitarrista anónimo, de 21 anos de idade, Buckethead estreia-se aqui com a ajuda de Bootsy Collins (sim, o lendário mestre do funk) no baixo e na produção. O primeiro disco inclui 33 temas e conta uma história infantil sobre duelos de robots, realidades virtuais e zonas de acesso interdito. O segundo disco é uma "dance-remix" do primeiro. Habitualmente mascarado e movendo-se como uma marioneta motorizada nos espectáculos em que participa (foi convidado por Zorn numa das Company Weeks de Derek Bailey), Buckethead é um versátil guitarrista, aqui e ali secundado por sequenciações rítmicas electrónicas (a lembrar por vezes a sonoridade de Flour), que tão depressa dedilha malhas polidas e cristalinas, melódicas e melancólicas, como agride a sua guitarra com riffs metálicos, pesados, distorcidos e zeppelinianos quanto baste. As estruturas dos temas são relativamente simples, agradáveis, com tendências urbanistas (por vezes mesmo industriais) e não deixa de se fazer sentir um certo humor no modo como os temas evoluem entre si. O disco um acaba por funcionar como uma banda sonora pós-apocalíptica, com temas mais curtos e mais rudimentares, quase despidos de qualquer artificialidade de estúdio, enquanto que o segundo disco se afasta mais desse conceitualismo imagético, para beber muito da escola Big Black e onde se destaca, pela mestria e exotismo, o baixo funkadélico de Bootsy Collins. Destaque-se aqui uma vez mais o grafismo, de inspiração dadaísta.

Blind Idiot God - "Cyclotron" (CD, Avan AVAN010)

Blind Idiot God é um poderosíssimo trio norte-americano, formado por Andy Hawkins (guitarra), Gabe Katz (baixo) e Ted Epstein (bateria). Praticam um dub/hartcore intenso, recusam submeter as suas rajadas sonoras a vocalismos castrantes e são tidos por muitos como um dos grupos mais barulhentos à face da terra. De facto, o volume dos seus amplificadores nos espectáculos ao vivo só lhes tem trazido dissabores: foram expulsos e estão proibidos de tocar em tudo o que é clube de rock em Nova Iorque. Mas, confessemos, é também com o volume do nosso amplificador bem alto que melhor saboreamos "Cyclotron".

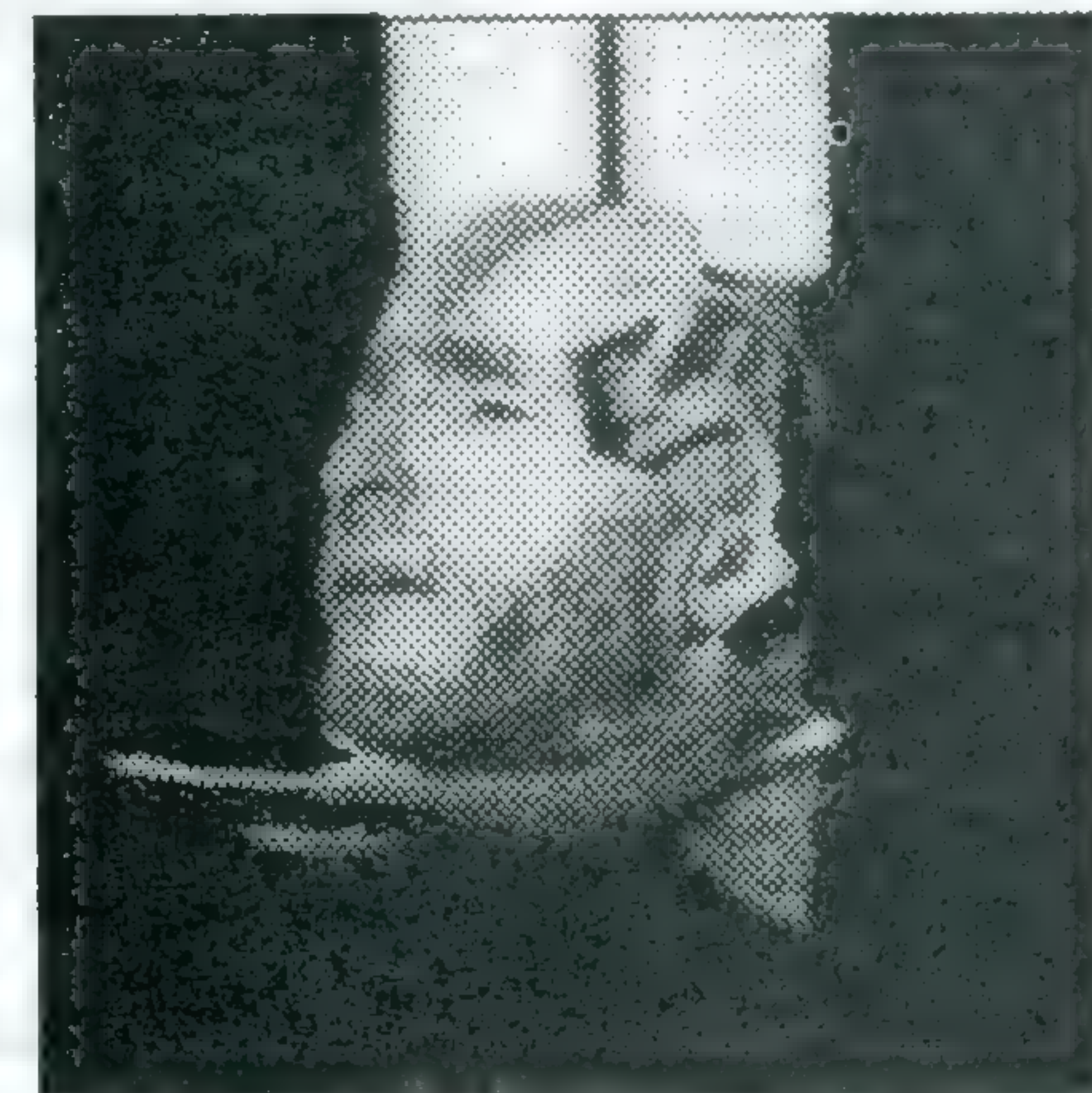
Este é o seu terceiro registo longo e é produzido por Bill Laswell, com produção executiva de Zorn. Entre experiências espaciais oriundas do dub jamaicano, quase sempre descontraídas e balanceadas nas contantes repetições estruturais e nos frequentes jogos de delays (a melhor estilo de Adrian Sherwood), é um hardcore energético e vigoroso que aqui se destaca. O virus da distorção, assim como o do feedback, são eficazmente difundidos e se precisarem de mais referências para estes Blind Idiot God imaginem um som obtido da mistura dos velhos e bons Swans com os Naked City de "Grand Guignol", com os African Head Charge intercalados pelo meio. Chega, não?

Anthony Coleman - "Disco by Night" (CD, Avant AVAN011)

Que eu saiba, este Anthony não tem nenhum laço de parentesco com Ornette, "aquele" saxofonista inovador que, nos anos 60, libertou o jazz de muitas amarras intelectuais. Elemento habitual de formações de líderes como John Zorn (desde 79), Elliott Sharp ou Marc Ribot (os Rootless Cosmopolitans), o pianista Anthony Coleman faz-se acompanhar neste registo por tão ou tão poucos ilustres personalidades como o são Doug Wieselman (clarinetista, toca habitualmente com Wayne Horwitz e Robin Holcomb), Guy Klucevsek (um aluno de Miss Pauline Oliveros, sendo ele próprio um conceituado acordeonista e compositor), James Pugliese (baterista, faz parte, entre outras formações, da Phillip Glass Ensemble), Roy Nathanson (saxofone, co-líder dos Jazz Passengers e elemento fundador dos Lounge Lizards) e Gisburg Smialek (vocalista, que participa nas formações do compositor Dieter Schnebel, entre outras).

Cinco peças compõem este "Disco by Night", influenciado saudavelmente pelas muitas músicas dos Balcãs, particularmente da (ex-)Jugoslávia. Com um carácter modernista que simultaneamente conserva um certo sabor tradicional enquanto mistura géneros em paralelo e em simultâneo, esta música vive de contradições, quer entre o passado e o presente, quer entre o leste e o oeste, quer entre o triste e o feliz, quer entre o bonito e o feio. "Disco by Night" é o primeiro lançamento na "New Composers Series" da Avant.

Peter Garland -"Nana + Victorio" (CD, Avant AVAN012)

Segundo lançamento da "New Composers Series", este registo inclui apenas duas, embora longas, composições: "Nana + Victorio" para percussão solo e "Peñasco Blanco" para vibrafone e piano. Aluno de Harold Budd e amigo íntimo de Lou Harrison, Conlon Nancarrow, Paul Bowles e Harry Partch, entre outros, Peter Garland viveu durante vários anos no México, onde estudou a fundo as músicas locais. Compôs peças para o acordeonista Guy Klucevsek e para o Kronos Quartet, entre muitos outros. Estas duas peças revelam-se simultaneamente simples e complexas, calmas e corridas, eruditas e populares. Sem resvalarem para o exotismo pós-modernista, respeitam os sons e ritmos da música peyote e demonstram um particular cuidado tímbrico, assim como pelo tempo e, claro, pelo ritmo. A segunda composição, pela conjugação piano mais vibrafone (percutido e tocado com arco), seduz pelo seu andamento marcado e seguro, forte, com as notas a prolongarem-se no tempo, de melodia simples, quase uma balada cheia de luz.

David Shea - "Shock Corridor" (CD, Avant AVAN 013)

Terceiro lançamento da "New Composers Series", este trabalho reúne três composições de David Shea (gira-discos, samplers, voz) com a participação de convidados tão especiais como Anthony Coleman (piano, orgão), Shelley Hirsch (voz, electrónica), Ikue Mori (caixa de ritmos), Zeena Parkins (harpa electrónica), Jim Pugliese (percussão) e Jim Staley (trombone e didjeridu). Como bem se pode repara, um excelente náipe de músicos e instrumentos. "Shock Corridor", "Cartoon for Scott Bradley" e "Trio for Samplers" são os títulos das composições e dão algumas pistas do seu conteúdo. Música para filmes a preto e branco, tipo série B e para desenhos animados é o que de imediato nos ocorre na audição deste trabalho. Assim, "Shock Corridor" (19'29") é uma homenagem ao filme com o mesmo nome, de Sam Fuller, que chega a utilizar samples do próprio filme e lembra o modo de compôr de outros compositores de bandas sonoras como Jerry Goldsmith, Ennio Morricone ou Bernard Herrmann. O resultado é do melhor e sobrevive completamente à vontade à dependência do filme. "Cartoon for Scott Bradley" (2'57") é uma improvisação para sampler e piano sobre a linguagem única do compositor de "Tom & Jerry". Utiliza samples dos próprios desenhos animados e mimeses de piano da acção animada. Por último, "Trio for Samplers" (6'29") explora o modo tradicional de tocar com as novas técnicas do tocar música já gravada em instrumentos electrónicos. Um trabalho inventivo, divertido e de audição bastante agradável, para resumir.

Como devem ter reparado, algumas das referências do

catálogo foram omitidas. A razão é simples: ainda não foram editadas, estando a sua edição prevista para breve. Faça-se então apenas uma pequena nota sobre elas (note-se não só a já conhecida "New Composers Series" como também as novas "Rock Series" e "Ethnic Series"):

Naked City - "Radio Vol. 1" (CD Avant AVAN003)
Experiências pela música popular. 20 originais do reportório dos Naked City, que exploram a música hardcore, surf, jazz, clássica, R&B, funk, acid, house, grunge, movie standards, klezmer, heavy metal, ethno pop, cartoon music e por aí fora (frequentemente tudo no mesmo tema).

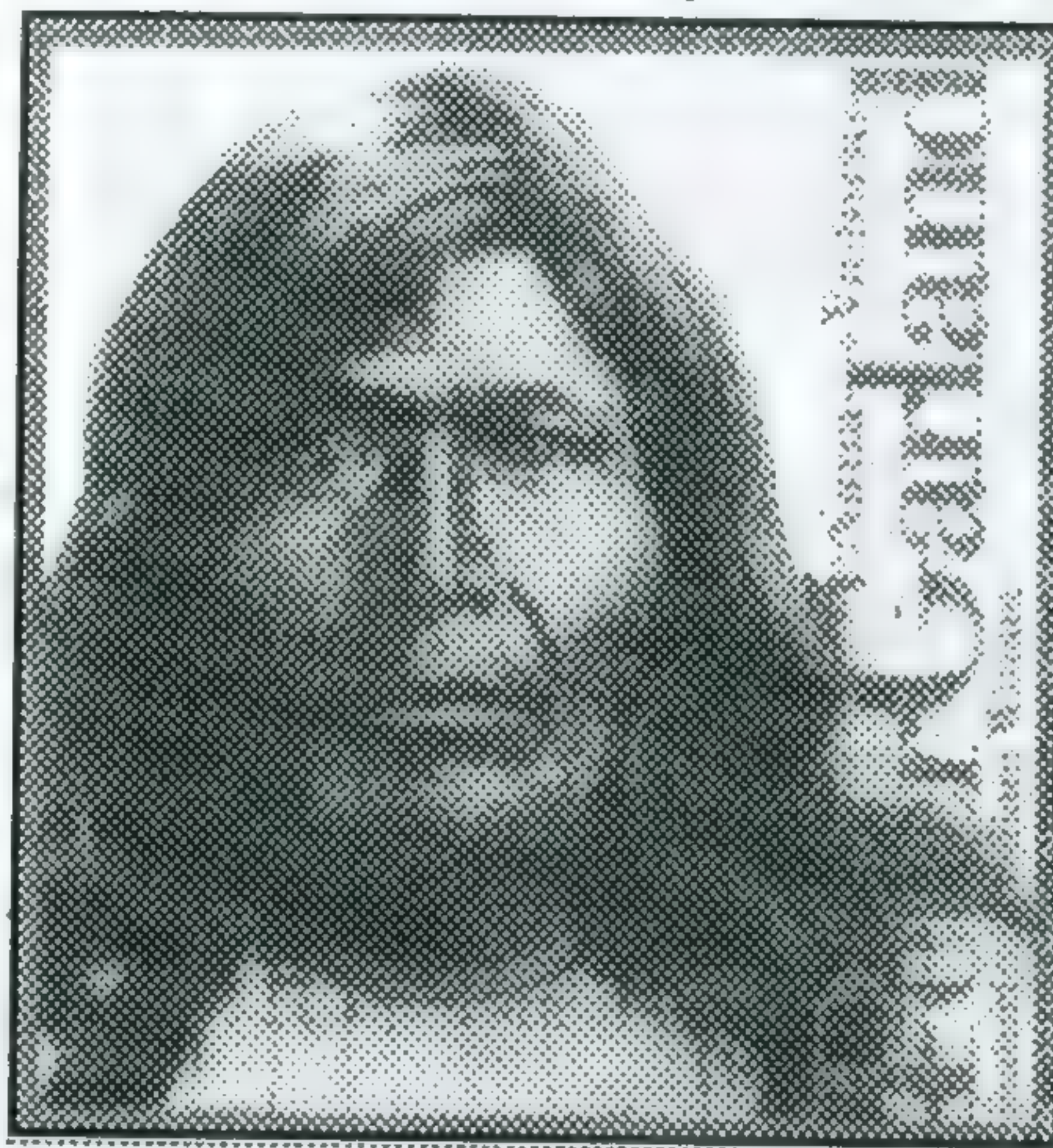
Naked City - "Absinthe" (CD Avant AVAN004)
Novas direcções pela música ambiental/industrial. Sete prestações endiabradas, à base de drones, dedicadas àquele licor verde que serviu de droga psicadélica preferida a Charles Baudelaire, Paul Verlaine e Pablo Picasso, na França do virar do século.

Naked City - "Radio Vol.2" (CD Avant AVAN005)
Um álbum de versões: Jerry Goldsmith, Ornette Coleman, Brian Wilson, Igor Stravinsky, Duke Ellington, Tushima Toshiaki, William Orbit, George Clinton...

DNA - "Dna" (CD Avant AVANT006)
Arto Lindsay, Tim Wright e Ikue Mori. Um grupo essencial da No Wave americana a que alguns chamaram de "Anton Webern" do punk rock. Gravado ao vivo no CBGB em 82. Contém todo o seu reportório: 13 canções.

Haino Keiji & Fushitsusha - "Allegorical Miscomprehension" (CD Avant AVAN008)
Grupo lendário de Tóquio, que faz uma mistura de música medieval, blues e hard rock.

Anton Fier (ainda sem título) (CD Avant AVAN009)
Uma nova direcção para o líder dos Golden Palominos. Um som mais pesado, com uma polirritmia mais complexa, com os amigos Bill Laswell (baixo) e Bootsy Collins (baixo), Buckethead (guitarra) e Phew (voz).

George Lewis (ainda sem título) (CD Avant AVAN014) (New Composers Series)
A primeira gravação da música para computadores de George Lewis, com músicos que improvisam ao vivo em paralelo com programas de computador interactivos.

Lee Hyla - (ainda sem título) (CD Avant AVAN015) (New Composers Series)
Pianista nova-iorquino que se concentrou em música de câmara, apesar de ter tocado em grupos de rock e improvisado ao lado de formações esporádicas.

John Oswald (ainda sem título) (CD Avant AVAN016) (New Composers Series)
Mais aventuras sampladas por este criativo canadiano, célebre pelas suas experiências com as "mystery tapes" e os "plunderphonics".

Boredoms (ainda sem título) (CD Avant AVAN026) (Rock Series)
Fascinante grupo hardcore japonês, que mistura Butthole Surfers com Bongwater e B 52's. Tudo com B grande.

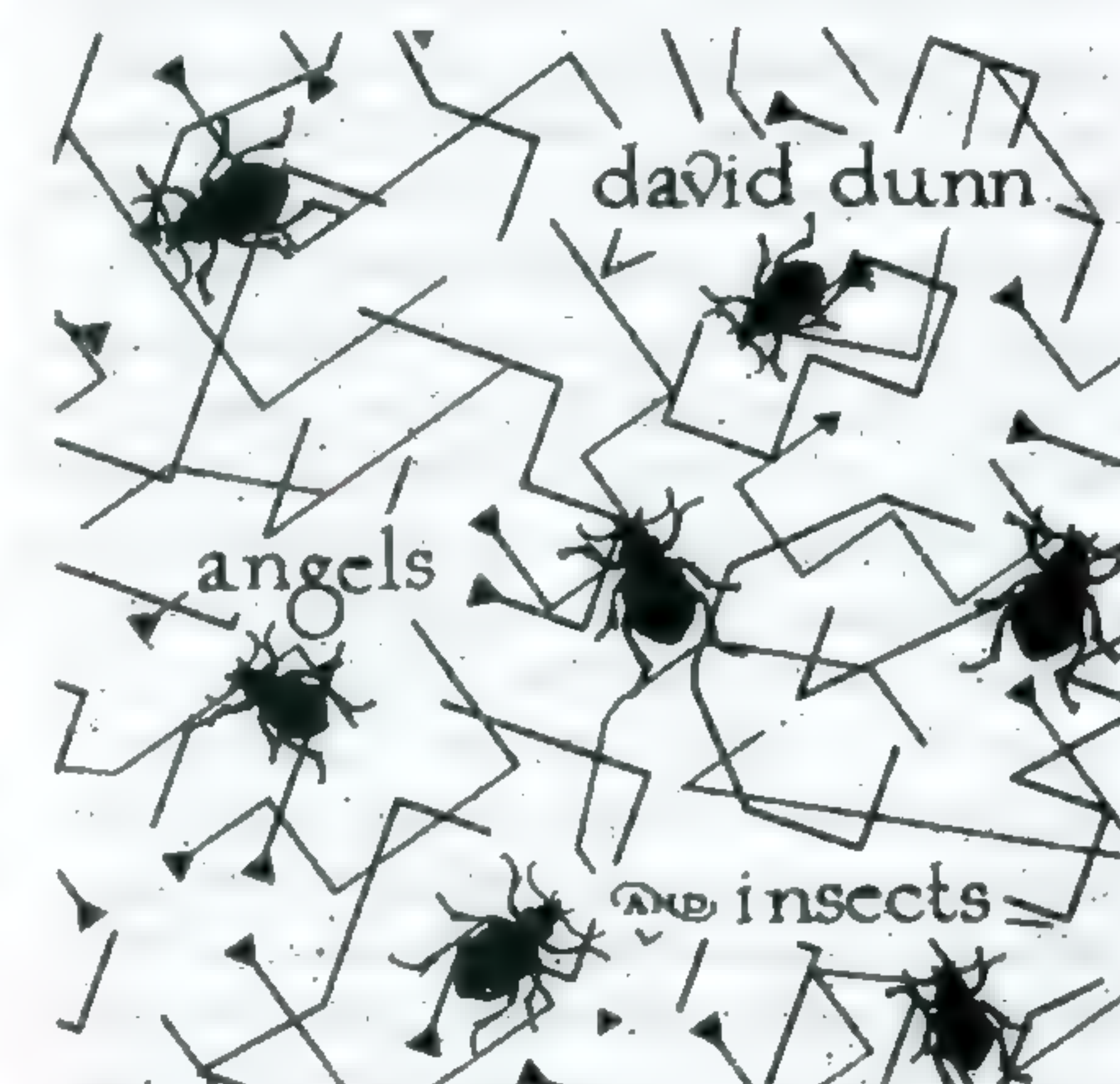
Disco Bhangra - "Music of Indian Weddings" (CD Avant AVAN031) (Ethnic Series)
Música para casamentos indianos. Um trabalho rejeitado por cinco editoras por ser demasiado estranho.

Miguel Santos

What Next? Recordings - Nonsequitur Foundation

Coelhos e Serpentinas

Continuando a desenvolver uma actividade intensíssima, a What Next? Recordings / Nonsequitur é como uma cartola do mágico de onde não páram de sair coelhos e serpentinas. E, no entanto, nenhum novo lançamento desta editora e Fundação com sede em Santa Fe, EUA, constitui uma verdadeira surpresa, isso se levarmos suficientemente a sério a colecção «The Aerial - Journal in Sound», de que agora foi publicado, aliás, o quinto volume.

A tendência é para relativizarmos a importância das compilações, dados critérios um tanto anárquicos que parecem nortear a sua coordenação mais um enunciado de princípios do que propriamente a concretização de regras temáticas ou com sentido globalizador.
No caso são eles a divulgação de práticas musicais ou de «audio art» conduzidas à revelia dos estudos de «viabilidade comercial» e da «credibilidade académica», o garantir-se um seguimento à tradição vanguardista norte-americana ou às que, originárias de outros países, com esta se cruzam ou nela resultem, e, não menos importante, a concessão de oportunidades a grupos sociais «não-representados» - mulheres, minorias étnicas e homosexuais - num levantamento de valores que tem óbvias implicações políticas.
Daí constatar-se que o recém-lançado «Thousand Year Dreaming», da compositora neo-zelandesa Annea Lockwood, não teria tomado forma se não fosse a inclusão de um tema seu tocado por Art Baron e Scott Robinson en didjeridu, búzios e percussão diversa, «Nautilus», no segundo CD desse «jornal de sons» concebido como um programa radiofónico. Nem tal teria acontecido com David Dunn e o seu «Angels and Insects», incluindo uma versão alargada de «Chaos and the Emergent Mind of the Pond», sem primeiro se ter testado a receptividade pública. Ou seja, é na série «The Aerial» que encontramos em gestação as opções de fundo da etiqueta. Nos dois discos em questão, nem as coisas poderiam ter acontecido de outro modo, dada a importância dos procedimentos que então se «prometiam».
De facto, a presente obra de Lockwood representa o seu regresso à escrita instrumental depois das colagens de sons naturais que a caracterizaram ultimamente e de que o mais notável exemplo foi com certeza «A Sound Map of the Hudson River». E ainda que não se repita a alucinação de «Piano Transplants» constituem uma pedrada no charco que já vai sendo a nova música de câmara, a começar pela gama de instrumentos, e logo de tonalidades, escolhida pela autora.
Os trombones de Art Baron e Peter Zummo, o quarteto de didjeridus constituído por Jon Gibson, John Snyder e os mesmos Baron e Zummo, os clarinetes de J. D. Parran, o oboé de Libby van Cleve e as percussões de Michael Pugliese, Scott Robinson e Charles Wood constroem uma música orgânica e densa, de materializações ásperas e carregadas, mas que não impedem a formulação de jogos tímbricos particularistas e subtis.

Digamos que a compositora recria uma linguagem ver-

nacular e ligada à terra, com sonoridades que fazem apelo directo aos nossos sentidos e à memória mais resguardada dos determinismos racionais (o didjeridu, não o esqueçamos, pertence à cultura aborígene mais antiga do planeta - a australiana).

Não se trata, bem entendido, de uma qualquer amostra de «folclore universal», fórmula que hoje sabemos banalizada, e se algo herda dos géneros e estilos existentes, dilui-os na sua lógica interna para reencontrar sob o signo da liberdade estética a força dos arquétipos fundadores. Os perfis dos músicos que interpretam as suas partituras e a quem em determinadas passagens permite improvisar não podia ser mais díspare: Baron e Parran vêm do jazz contemporâneo, Gibson é originário da escola minimalista, Pugliese continua fiel ao legado de John Cage, van Cleve e Zummo movem-se nas áreas eruditas da New Music, Snyder é conhecido sobretudo como musicoterapeuta, Wood é um inventor/construtor de instrumentos e Robinson conotamo-lo habitualmente com a New Age e World Music. Quando o resultado de um tal encontro não é o «melting pot» do costume, razão bastante para atentarmos nas suas restantes virtudes.

O disco segue dois perceitos fundamentais, um técnico, a que Annea Lockwood chama «living tone concept», e outro que podemos classificar como filosófico. Cada tom não deve ter um estado permanente mas mover-se consoante o conduzem os acontecimentos, considera a também autora de «Glass Concert», entendendo a música como a afirmação de «poder e vitalidade da energia sónica». Sendo assim, todas as estruturas que enreda funcionam por «incremento», para utilizar uma outra expressão sua. Importa salientar, à laia de conclusão reflexiva, que a compositora não recorre às tecnologias de ponta e às disposições da electroacústica, provando-nos que ainda é possível abrir caminhos por entre os convencionalismos vários, alargando possibilidades à música integralmente acústica.

Muito diferentes são as preocupações de David Dunn, no substracto das quais está o seu interesse em confrontar o mundo virtual e a Natureza. «Tabula Angelorum Bonorum 49» é uma suite para vozes processadas por computador inspirada em John Dee, o matemático e astrólogo da época isabelina que viveu uma apaixonada obsessão pelos anjos, enumerando-os e dando nome a cada um numa língua esotérica, o inoquiano, que o compositor reproduz na linguagem igualmente esotérica da informática musical. «Chaos and the Emergent Mind of the Pond», por sua vez, é um registo «de campo» com sons de insectos aquáticos quase microscópicos, reproduzidos tal e qual como foram captados, alguns com velocidades atrasadas em uma oitava e sequenciados mas nunca «tratados», não chegando a peça a entrar no domínio da música concreta. Dunn não aceita que a consequente «dança entre a periodicidade e o caos» seja apenas explicável por comportamentos instintivos tendo a ver com o acasalamento e a demarcação do território: «O músico em mim não pode senão ouvir muito mais», diz. «Angels and Insects» tem como pressuposto, pois, que todos os seres «estão saturados com uma inteligência que emerge da própria interconexão que os sustém», reunindo dados científicos a uma enorme pulsão mística. E se do ponto de vista ideológico o conteúdo do CD em apreço é especialmente rico, a qualidade das suas resoluções não lhe fica atrás: o ouvinte é convidado a participar, a estabelecer uma ordem pessoal aos remoinhos sonoros que se sucedem, participando na organização textural das duas composições.

Resta saber o que pretendem aprofundar os mentores da What Next? a partir das pistas lançadas no volume 5 de «The Aerial». A associação dos Hafler Trio (Andrew McKenzie) com o «contador de histórias» holandês Willem De Ridder tem tido outros episódios editoriais, portanto é de presumir que o trecho, intitulado «Report», que abre a colectânea não terá seguimentos. Philip Corner, uma das luminárias da New Music norte-americana, que intervém com o tema «Gong/Ear», não corresponde propriamente aos objectivos da Nonsequitur Foundation no que respeita à divulgação de novos e desconhecidos valores, pelo que também não deverá ter maior expressão. O mesmo se diga quanto a «In My Studio» de Derek Bailey, uma sátira ao «editing» musical.

O colectivo The Machine for Making Sense, pelo que ouvimos em «Changing the Subject», é que poderá ser a próxima grande aposta. A palavra e a música fundem-se de modo simultaneamente inteligente e sensível, confundindo sintaxes e processos, e sem que tal redunde em meros exercícios de «pesquisa», o que vai sendo cada vez mais raro. Et pour cause...

Rui Eduardo Paes

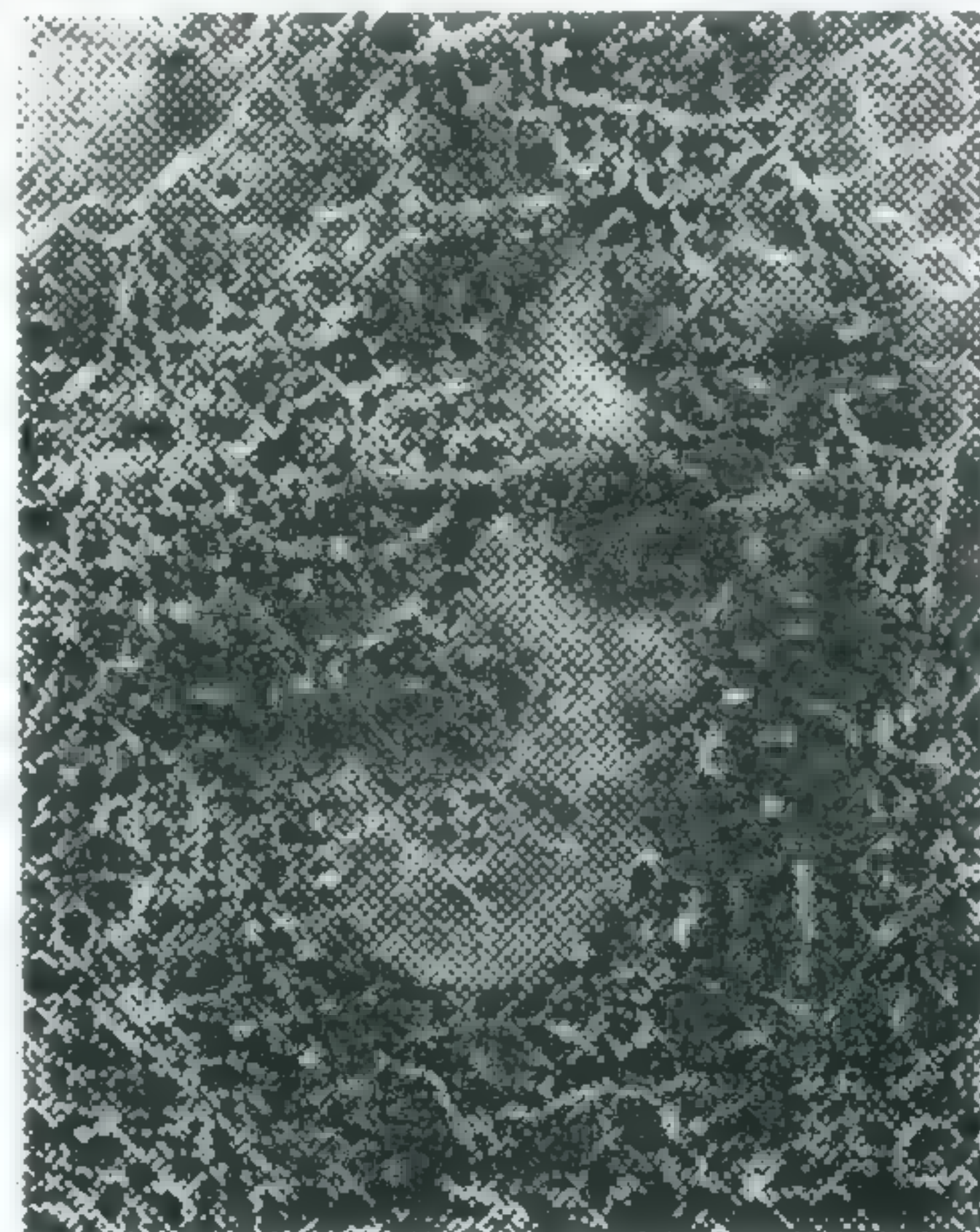
Para o que nos interessa agora, racionalizar é intelectualizar. Intelectualizar é matar a relacção física e emocional intensa que se deve ter com a música. Qualquer música, goste-se ou não. As limitações estilísticas dos registos que apresentamos devem-se a uma questão de acesso. Simplesmente, não se tem acesso a tudo. Uma pessoa não é muitas pessoas. Não vale a pena tentar sê-lo:

SNOG - "*Shop*" CDS (92) Duas remisturas de "Shop" (original no LP "Lies Inc."), onde o ritmo se confunde com samples de "Escape From Noise" dos Negativland, não valorizam grandemente este CDS. A tarefa cabe por inteiro a "Trilateral Commission", uma bizarria etno-electrónica que soa como um computador a assimilar os dados de um instrumento exótico. Há mais a esperar desta banda australiana. (Postfach 110226, 1000 Berlin 11 - Alemanha);**AND ONE** - "*Flop!*" CD (Machinery 92) Grande sensação nos clubs alemães, os And One não fazem mais do que estender a já parca criatividade do seu primeiro álbum, "Anguish". Voz limpinha, sons iguais, muito feito de propósito, 7 minutos interessantes em 35 - média pouco favorável. Absoluto aborrecimento;**THE FORBIDDEN DEEJAYS** - s/t CD (Machinery 92)Total dance!, adoptando a máxima "Out on the floor no one can hear you scream" (que os Snog prometeram mas não cumpriram). Os nove temas agarram e agitam e atiram para o chão as nossas carcaças. O CD é uma autêntica máquina de *beats* afastando-se a um ritmo entusiasmante dos habituais preenchedores de pistas, embora o corte de uma ou duas manias "house" só fizesse bem a este duo predador produzido pelos Swamp Terrorists. Para corpos muito activos;**PARANOID**-"*Love & Hate*" CDS (Machinery 92) Mais Nitzer Ebb, EBM, - etc. sempre com os músculos tensos. Os Paranoid entraram definitivamente neste padrão e procuram exceder-se. Razoável agressividade - ouve-se bem misturado com muitas outras coisas diferentes, porque é igual a muitas outras coisas iguais; **SYSTEMA THE AFFLICTION**- "*Summoning For The Files*" LP (Strontium 91) Compilação 88-91 de um grupo com formação mutante ao longo dos anos. É uma espécie de fechar de capítulo antes de se iniciar um novo período de actividade, e as amostras são variáveis. "The heavy artillery of elektronic music", não é bem assim. Techno mostrando experiência mas pouca imaginação, a música do grupo consegue em certos momentos ridicularizar-se a si própria ("Bed Wargame", "Loosing Lies"), enquanto noutros ("Time to Run", "Increase; Decrease?") assume uma sólida intensidade. Wallin já saiu para os Cultivated Bimbo, Wikestedt levará o projecto para a frente (ou para trás?) (Bockhornsgatan 8B, 413 17 Goteborg - Suécia); **BLOK 57** - *"Blok 57"* CD (Zoth Ommog 92) A associação Dirk Ivens (ex-Klinik) e Guy Van Mieghem (Vomito Negro) produziu finalmente o seu primeiro trabalho longo, após anos de vegetação. Techno-industrial, hmm... claro. Típico, mesmo, em "Fuck You", onde a passagem "Hey girls, I want your ass" é uma novidade 'ideológica', até pelos padrões de sempre dos Klinik - daaark - e dos VN - moraaal. Ruído, guitarras sampladas, alguma mudança, mas nada de ideias novas. Nem sequer é já novidade fazer uma versão de "Warm Leatherette", ainda que seja ultra-pesada. O ritmo de "I", dos Von Magnet, é descaradamente pilhado em "Nerve Damage", ideia infeliz. (Alte Sattelfabrik 8, 6380 Bad Homburg 4 - Alemanha) ;**ATTRITION** *"Something In My Eye"* CDS (Contempo 92) Quatro temas simples conseguem corporizar uma edição interessante, embora de modo algum essencial (excepto a capa). Os Attrition optaram decididamente pelo charme, num estilo techno suave, fora da agressividade padronizada. A voz de Martin Bowes continua a fazer grande parte da diferença - "Your Face, My Gift" é conclusivo. (Corso de Tintori 6, 50122 Firenze - Italia) ;**GWAR**- *"America Must Be Destroyed"* CD (Metal Blade 92) Metal sujo, rápido, barulhento e bizarro. Os clássicos elementos 'heavy-metal' não são normalmente em demasia, e o resultado são alguns temas deliciosamente violentos sem serem pirosos. O estilo introdutório de 'cabaret' em "Have You Seen Me?" alerta para horizontes um pouco mais largos que o costume. "Crack In the Egg", "Gor Gor",

"Poor Ole Tom" apontam também nessa direcção. O ambiente sonoro, visual e textual está carregado de sarcasmo, brutalidade, sujidade. Experimentem um pouco. (102, Belsize Lane, London NW3 5BB - Reino Unido); **CHEMICAL PLANT** - *"World Is Bankrupt"* CDS(D.O.R. 92) Primeiro CD deste projecto até aqui militante do 'cassete underground'. São muito óbvias as referências percussivas aos Test Dept. da primeira metade dos 80's. É a Inglaterra urbana, dizem. Pinkie Maclure empresta a voz a "Suffer In Silence", o melhor tema, enquanto os outros quatro se valem da percussão antiquada para se fazerem notar. Indicado para apreciadores do revivalismo industrial, "World Is Bankrupt" possui mesmo aquela ambiência de 'ao vivo' entre as paredes de uma fábrica abandonada. Interessante. (P.O. Box 1797, London E1 4TX - Reino Unido) ; **MALHAVOC** - *"The Release + Punishments"* CD (Devotion 92) 'Industrial Metal' canadiano, recheado de samples e guitarras rasgadas. A voz de James C. parece sempre cuspida de um walkie-talkie. Três ou quatro temas conseguem ser bem sucedidos na adopção de uma batida dançável (sem compromissos de estilo), tornando o CD menos denso do que se esperaria. Não chega a ser realmente radical neste tipo de crossover (os Swamp Terrorists, por exemplo, são-no). Há um punhado de temas com garras valorosas, só é pena que o todo se assemelhe apenas a uma demonstração de agressividade e revolta: "Lust shows... reason goes". (102 Belsize Lane, London NW3 5BB - Reino Unido); **BOMB EVERYTHING** - *"The All Powerful Fluid"* CD (Devotion 92) Os textos atingem-nos grosseiramente, evocando visões negativistas de uma sociedade sufocante para o indivíduo. Apesar de um som - diria - mais convencional do que o normal em bandas de 'industrial metal', samples ocasionais ("Robocop" também) e ritmos quase-dançáveis num par de temas equilibram a balança. "Offer Me Your Mouth" e "Fountainhead" (saído em máxi) sobressaem como os excertos mais significativos e ousados num álbum em que a componente 'metal' ainda se apega um pouco demais a padrões instituídos. **OOMPH!** - *"Oomph!"* CD (Machinery 92) - Os Nitzer Ebb pegaram nos DAF, mas os Oomph! pegam agora nos Nitzer Ebb e fabricam uma versão alemã, toda agressão e malícia. Usando todos os componentes da estética hard EBM-techno, o trio produz um álbum masculino, como tantos outros no género. Uma revista inglesa notava interessantemente que, apesar de este tipo de música estar carregado de um forte elemento sexual, ele é vazio de sensualidade. Os Oomph! reforçam a regra e, apesar de dois temas com fabulosa intensidade, perdem em atracção o que ganham em movimento. **EXQUISITE CORPSE** - *"Dream Night Dance Music"* CD (KK 92) - Ramificação dos Psychick Warriors Ov Gaia, exactamente no mesmo espírito ecológico-ritualista. Beats dançáveis muito discretos, nunca pesados, percorrendo o tempo suavemente. "Sitting In A Tree (Time Flies)" não podia ser mais exacto. Subitamente, apercebemo-nos de que o disco terminou sem darmos por ele passar. Isto diz-vos algo? (Krijgsbaan 240, 2070 Zwijndrecht - Bélgica); **VÁRIOS** - *"Sound From Hands"* colectânea CD (Minus Habens 92) Interpretemos "Sound From Hands" como título para música elaborada principalmente através da manipulação de diversas fontes sonoras. As vias escolhidas são obviamente muito pessoais, e isso é meio caminho andado para um choque com o gosto do ouvinte. É como uma longa viagem em que se adormece de noite e se aprecia a paisagem de dia, isto é, há experimentação demasiado aborrecida (Ramleh, Mauro Teho Tehardo, Skullflower, M. Toniutti, por exemplo) e outra colorida o bastante (Sigillum S, Jouissance, Cindytalk, Blackhouse) para valer a pena a viagem. Entre os 15 projectos, intromissão de nomes já capitalizados como Pacific 231 e Asmus Tietchens. Importa arriscar no SOM. (Via Giustino Fortunato 8/N, C.A.P. 70125 Bari - Italia) ; **POUPPÉE FABRIKK** - *"Betrayal"* CDS (Energy 92) A surpresa maior é o distanciamento, embora não muito pronunciado, dos PF em relação ao seu habitualmente monótono som DAFiano. As duas misturas de "Betrayal", e ainda "One Foot In The Grave", têm a pedalada que os discos anteriores quase não tinham. Nada de original nem de muito diferente mas, de certa maneira, um passo em frente para a banda que se diz ser a mais alta da Suécia. A agressividade é ainda o seu melhor trunfo. (Box 1506, 221 01 Lund - Suécia) ; **ASMUS TIETCHENS** - *"Seuchengebiete 2"* CD (Syrenia 92) Quatro de uma série de 'hidrofonias' compostas pelo músico alemão, naquilo que pode ser uma

abordagem mais movimentada que o costume da música concreta. A casa envolta em neblina que o interior da capa revela parece eternamente vítima de condições meteorológicas adversas, albergando com frieza o gotejar e sussurrar de uma música densa. Aquela que escutamos. A fértil imaginação humana encarrega-se da parte mais excitante: fazer o espaço mover-se... (P.O. Box 2280, 50100 Firenze - Italia) ; **CODE INDUSTRY** - *"Young Men Coming To Power"* CD (Antler-Subway 92) Mais techno-EBM. Mais intenções políticas. Pobres soluções. A denúncia social pode, assim, tornar-se completamente irrelevante. A capa é de grande mau-gosto (contrastando vivamente com as dos dois anteriores álbuns), a música totalmente sem efeito. Dança-se aqui e ali. Há muito melhor a ser feito; **VOLTAGE CONTROL** *"To An Undefined Public"* CD (Antler-Subway 92) Sem um critério qualitativo de confiança, o duo holandês prossegue no seu descarado assalto às pistas, sem personalidade suficiente para conseguir estatuto. Raramente é intragável, mas é a mediania que assusta e afugenta o interesse. Nada de realmente assinalável se passa entre tantas BPM's, exceptuando o exercício étnico de "Yatiyaña" e a incontrolável esquizofrenia de "Voltage Control", duas peças bastante interessantes mas que não equilibram as outras nove; **MAIN** - *"Hydra-Calm"* CD (Situation Two 92) Junção de dois EP's deste grupo sucedâneo dos Loop (não o único sucedâneo), "Hydra-Calm" projecta um som denso de guitarras enquadrado por electrónica de experimentação e uma ocasional e longínqua vocalização. O disco vive de uma séria combinação dos três elementos, sem espaço para boas-disposições. Não é comum. Consegue ser um disco frio, ou seja, é rude no contacto com os ouvintes ao não pretender... 'aquecer'. Torna-se desejado, à sua peculiar maneira; **THE HAIR AND SKIN TRADING CO.** - *"Jo In Nine G Hell"* CD (Situation Two 92) Produção de Roli Mosimann. Mais dois elementos dos Loop integram esta banda praticante de um rock roçando o alternativo, embora nunca nele mergulhando totalmente. Há pontas de Fall ("Elevenate") e Sonic Youth ("Torque"), há energia cativante ("Pipeline", "Ground Zero"), ideias interessantes ("Where's Gala", "Kak"), samples pertinentes e uma voz diversificada e muito credível (seriamente masculina). Aumentem a dose de risco; **KEELER** - *"Playing Field"* CD (Great Orm 92) Keeler é único, de facto. O seu tipo de electrónica 'ambiental' com rasgos de 'alegria' (chamemos-lhe assim) é facilmente identificável, embora "Playing Field" seja, sonoramente, o seu trabalho editado mais experimental (Keeler tem diversos álbuns em stand-by), ou seja, aquele que mais brinca com os sons. Ponto mais fraco, ainda, os ritmos - nunca se impõem. Quando surgem raramente se nota uma demonstração de força. É difícil saber o que pensar de Keeler. (496-A Hudson Street, suite D-35 New York NY 10014 - E.U.A.); **BOVOSO/BRUME** *s/t / Lisza-Lisza* (SPH 92) O prolífico Christian Renou (Brume) apegou-se à SPH e continua no lado B desta K7 a percorrer os caminhos demenciais que escolheu como expressão musical. Loops insistentes, vozes bizarras, ritmos caóticos, "Lisza-Lisza" em duas partes. Consistente, pleno de movimento e um salto em frente desde "Iswari". Bovoso é um colectivo incluindo também C. Renou, e o seu lado da K7 foi registado ao vivo (sem público). Improvisações (?) macabras, sons metálicos, tribalismo esporádico e gritos de morte (tudo um pouco longo de mais). Boa qualidade sonora. (Apartado 223, 2780 Oeiras) ; **BRUME** - *"Early/Unreleased Tracks"* K7 (SPH 92) Terceira K7 na SPH, esta leva-nos a descobrir o período 1981-88, do ponto de vista do sr. Brume. Muito mais ligado então ao som dito industrial, compila nesta edição momentos de grande interesse. Em relação a trabalhos mais recentes, onde a sensação de improvisação é evidente, "Early/Unreleased Tracks" revela, em geral, estruturas preparadas. Boa qualidade sonora; **CLOCKDVA** - *"Thirst"* CD / *"Advantage"* CD (Contempo 92) Esta reedição de dois velhos álbuns é, sem dúvida, um mergulho no característico soar da New Wave ("Thirst" de 81 e "Advantage" de 83). Esqueçam o que os DVA são agora. Passam pela cabeça, num raio, Bauhaus, Visage, Ultravox... A música - concebida com base no clássico alinhamento guitarra-baixo-bateria + metais, soa incrivelmente séria e importante, com coisas para dizer. De então para cá a temática mudou bastante, ficando a voz de Adi Newton como única constante. A ideia era vomitar nos homens cinzentos de fato e gravata e nos seus horários castrantes. Relevante? Claro, ainda hoje o é; **VÁRIOS** - *"Elementary"* colectânea CD (Memento Materia

92)Primeira edição da MM. 18 bandas suecas. Techno cobrindo todas as suas áreas mais conhecidas. Canções electrónicas. Elementares. A MM cumpre a sua função de dar a conhecer muitas bandas, mas a banalidade da maior parte terá dificuldade em catapultar a editora para vôos altos. Ficam certos nomes: Borley Rectory (muito bom), De/Vision, Poetica Grotesque, Sheweird. (Odengatan 1, 361 30 Emmaboda - Suécia); **MINISTER OF NOISE** - *"Jammin' The Void"* CD (KK 93) Sir Freddie Viadukt, o Minister Of Noise, prossegue com a sua muzak dançável esquisita, acessível mas pouco comercial. Batidas minimais de 'entertainment' circulam interminavelmente. É colorido e bastante uniforme, exceptuando as raras vocalizações, sempre com efeitos diferentes do habitual, encontrando-se assim subaproveitadas. Para ouvir a correr; **PSYCHICK WARRIORS OV GAIA** *"Ov 'Biospheres And Sacred Grooves"* CD (KK 92) Ramo holandês do Temple Ov. Psychick Youth, os PWOG conseguem no título resumir o conteúdo: ambientes espaciais entrecortados por batidas dançáveis comerciais. Pouco experimentalismo, muito ritmo, ambiente, cor, natureza, suor nas pistas de dança. Extremamente audível e, o que é melhor, isento da presença de Genesis P. Orridge; **ODE FILÍPICA** *"Ol Facipia Dei"* K7 (Ritual de Sombras 92) "Fears and tears" são palavras que não só rimam como - mais importante - dizem muito a nós, de fora, sobre o que significa ser Ode Filípica, lá dentro. Emoções à flor da pele, já foi dito, muito mais emoções do que experimentalismo crú, muito mais personalidade do que 'seguidismo'. Um projecto de vida, OF podia ser uma pessoa (e é, de facto). Pode ser um protótipo possível de música sentida, ou seja, de música milimetricamente ditada pelo batimento cardíaco ou o que quer que se passe dentro de nós no capítulo das emoções primordiais. OF não é uma fraude. É bom chegar ao fim da K7 com essa conclusão. Razoavelmente boa qualidade sonora. Embalagem: caixa de cartão impressa, fotografia a cores como capa, booklet informativo. Edição limitada a 100 cópias. (R. 31 de Janeiro 101, 7300 Portalegre)

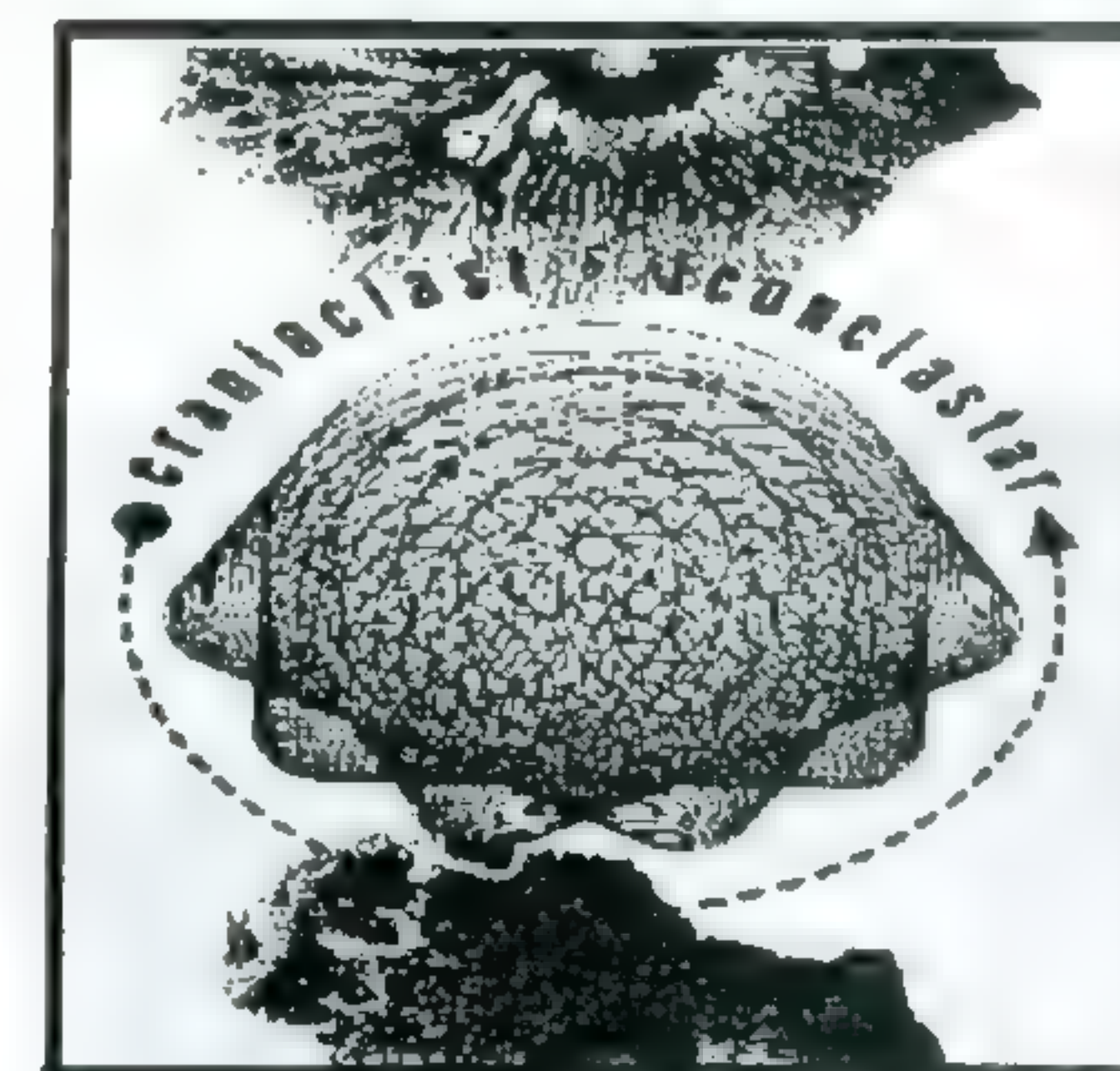
SCHNITZLER/THOMASIUS- *"Tolling Toggle"* CD (Fuenfundvierzig 91) Reunião Leste/Oeste de dois compositores alemães, "Tolling Toggle" ataca o experimentalismo com suficiente dinâmica para interessar o ouvinte iniciado. Possui um som pesado, concreto e rico. Ambiências nocturnas mas nunca 'obscuras' nem verdadeiramente calmas. Não se trata exactamente de música de choque, é antes música de movimentação: objectos, sensações, máquinas inundam o negro total destes 61 minutos de som. (Schmiedetwiete 6, 2411 Labenz - Alemanha);

ADVANCED ART *"Product"* CD (Poko 93) Sucedâneo de dois maxis, "Product" cola-se mais do que um pouco a uma sonoridade semelhante aos Front 242 de há uns anos. Voz excluída, claro. O apelo techno-pop é sempre mais forte, daí resultando o formato de 'canção' em quase todos os temas, realçado pelo certo orgulho que o grupo finlandês tem nos seus textos (impressos no booklet). "From Nothing To Nothing" continua a ser o melhor tema desde a demo que antecedeu o primeiro máxi, mas é louvável a aresta cortante que os AA conferem à sua música, raramente engolida pela ingenuidade dominante na área. "Product", no entanto, nunca será um clássico. (P.O. Box 483, 33101 Tampere - Finlândia); **XORCIST** *"Damned Souls"* CD (21st Circuitry 92) "Damned Souls" insere-se num estilo de techno que se tornou tipicamente americano, em termos de som como de textos (denúncia social + interesse por temas obscuros). Embora relativamente sem surpresas, é capaz de produzir bons temas com uma força positiva ("So Big", "Xorcist", "Hatelove") e outros com uma força negativa (os fúnebres "Chant" e "Candy"). Peter Stone ganha reconhecimento nos States, merecido pela notoriedade atingida enquanto militante das cassetes da General Purpose. De resto, pouco o distingue da horda. (396 Waller Street, San Francisco, CA 94117 - E.U.A.); **ILLUSION OF SAFETY** *"Inside Agitator"* CD (Complacency 92) Aumentando a carga 'gore' em toda a temática que envolve a música, os IOS tornam-se cada vez mais numa espécie de 'annual report' sobre a face obscura da América. O *inside* agitator nesta perspectiva poderia bem ser uma faca enfiada no estômago e revolvendo todos os orgãos circundantes. Verdadeira agitação. Considerem esta hipótese, mas não a tomem à letra. O real interesse aqui está na observação do exterior, a excitação está em nós, pessoas normais (em maior ou menor grau), termos contacto com uma realidade anormal. Não é animador ouvir os IOS, a sua música não conhece alegria (embora seja frequentemente irónica), mas pode ser compensador experimentar o ambiente por ela criado como banda sonora adequada para reflexões arrepiantes.; **INTERMIX** - *"Phaze Two"* CD (Third Mind 92) Leeb/Fulber, vulgo Front Line Assembly, vestem aqui mais um disfarce, o mais acessível que encontraram até hoje. Intermix bafeja comercialismo a um nível - surpresa - bastante elevado: Preconceitos à parte, que há muito deixaram de ter significado. A acessibilidade é marcante, inquestionável, vibrante. Aproveitando grossas fatias de uma techno-house geralmente insipiente, Intermix correm paralelamente a tal estética, sempre num estágio superior de imaginação. Intermix lembra discotecas e, enquanto era pouco provável ver alguém a suar com o primeiro álbum, mais ambiental que dançável, "Phaze Two" desliza pelas pistas com todas as luzes sobre si. Um projecto sério e, ao mesmo tempo, infinitamente menos sério que os FLA. Intermix appeal; **NUMB** - *"Numb"* CD (reedição KK 92) Recapitulando a área 'electro-industrial' desde 1987 (ano da edição original de "Numb"), é extremamente difícil encontrar um disco que, ainda hoje, consiga igualar em génio este primeiro trabalho do grupo canadiano. RAAAIVA, pulso firme e muita imaginação muito bem posta em prática. Muitos clássicos. Demasiados: "God Is Dead", "Eat Me", "The Hanging Key", "Blue Light, Black Candle" .... Dois inéditos de bónus, o ruído em cima dos ouvidos. Crime perder; **VÁRIOS**- *"Sky Flowers & Horse Eggs"* colectânea CD (Hypnagogia 92) Dead music ou music for the dead? Música de situações imaginadas, de certeza (sentidas?). Necessário sentidos alerta, para defesa contra os imprevistos ou, se forem menos pessimistas, para descobrir todos os pormenores. Nocturnal Emissions muito aborrecidos; "Sarajevo" (dos PFN) cria um paraíso melancólico para a Bósnia; John Watermann esfola animais; Zoviet France ameaçados por um assassino; Etant Donnés; Blackhouse; Randy Greif; etc. até aos 75 minutos. Sensações obscuras a serem exploradas por pessoas não necessariamente obscuras. Grande divisão estética entre sons ditos concretos e murmúrios electrónicos. Impossível generalizar sensações. (25 Humberstone Close, Luton, Bedfordshire, LU4 9ST - Reino Unido)

DANCE OR DIE - *"Psychoburbia"* CD (Machinery 92) Menos apelativo que o anterior "3001", contendo um só 'hit' definitivo: "Psychoburbia", o tema, mais eficiente ainda se a componente 'dancefloor' fosse levada às últimas consequências. O CD é agradável, e é detestável usar essa expressão... "Man Mind Machine" e "Escape" lembram fortemente "3001", enquanto durante o resto do disco os Dance Or Die tentam dar o Salto Em Frente, sem verdadeiramente atingirem terreno sólido ("Psychoburbia", "Archimedes", "Berlin 5 A.M." são excepções que não conseguem, apesar de tudo, compensar o encolher de ombros complacente que os outros temas merecem).

SLEEP CHAMBER - *"Siamese Succubi"* CD (Fuenfundvierzig 92) O sexo segundo os Sleep Chamber começa a tornar-se deveras insignificante - quanto mais doentio e obsessivo menos desejo provoca. Núcleo reduzido a John Zewizz, com uma nova teclista (Elaine Walker) a definir absolutamente o som do disco: techno banal, pouco rica e, logo, desinteressante. Nada para oferecer, excepto linguagem explícita. "I feel my cock iz hard az a rock..." Necessário continuar?;

NINE INCH NAILS- *"Broken"* + *"Fixed"* MCD's (TVT/Island 92) Trent Reznor não é Foetus, mas tem uma veia de Foetus. Rock electrónico é um termo asqueroso, e no entanto os NIN fazem dele uma experiência que apetece repetir. A intensidade das composições, juntamente com uma temática mais ou menos constante, fazem de "Broken" um objecto com potencialidade para se tornar pessoal. Culpa dos textos, sim. Não é fácil encontrar um crossover guitarras/electrónica tão cativante como o dos NIN - "too fucking physical", energético e inteligente, acabamos de ouvir os temas 98 e 99 do CD (o quê?), que são versões de Adam Ant e Pigface, e estamos rendidos. A Lei do Desejo, Reznor interpreta-a. "Fixed" rearranja brilhantemente alguns temas de "Broken", manipulados aqui por celebridades como Coil, Foetus (quem?) ou Butch Vig (produtor de "Nevermind", dos Nirvana, e também participante nas remisturas de "She Sells Sanctuary", dos Cult). Efeito magnífico, totalizando "Fixed" ainda mais minutos do que o próprio "Broken". NIN ao poder!; **PLASTIC NOISE EXPERIENCE** *"String Of Ice"* CD (KK 93) Segundo longa-duração para o duo gaytrónico alemão, pobre em invenção. Mesmo a força que o anterior "Transmission" produzia não encontra aqui expressão viável. A versão de "Why", dos Communards, é o pico de agressividade (nada demais), ficando-se os outros onze temas por uma tentativa mal sucedida. Tentativa de quê?; **SCORN** **"Deliverance"** CDS (Earache 92) Cinco versões do mesmo tema não criam propriamente água na boca, a priori, mas cinco versões muito diferentes entre si podem inundar a língua. A arte das versões, menosprezada, encontra nos Scorn (Mick Harris dos Napalm Death e Painkiller + Nicholas James Bullen, ex-membro original dos Napalm Death) imaginativos empreendedores. Dub, batidas distorcidas, atmosfera, são elementos espalhados em doses certas e, excepto a relativa parecença entre "Deliverance" e "Deliverance Through Dub", os outros temas são completamente distintos. Experimental nunca

aborrecido, industrial nunca idiota. 40 minutos por zonas estranhas ao Metal, onde abundam pontos de interesse. **SKIN CHAMBER**- *"Wound"* LP (Roadracer 91) Skin Chamber são Paul Lemos, Chris Moriarty (aka Controlled Bleeding), percussão, guitarra, baixo, voz e samples. A carga de negativismo é total, mas também o é o poder do som. "Wound" é *grind* na verdadeira acepção da palavra, ou seja, arrasta os sentidos para o esgoto e esmaga-os - um verdadeiro cenobita saído de "Hellraiser". Não é uma comparação gratuita (observe-se a fotografia na contra-capa, com Lemos e Moriarty envoltos em correntes suspensas). A dor era o verdadeiro prazer dos cenobitas, e os Skin Chamber transmitem-na furiosamente. Mas enquanto aqueles lidavam com a dor física, estes tentam canalizar toda a dor interior que sentem. Dor no interior de uma Câmara de Pele ferida por agentes exteriores. Não há como contornar a coerência implacável do disco. E não vale a pena tentar contemporizar, o disco não vai ser simpático connosco. **LASSIGUE BENDTHAUS** *"Cloned:Binary"* CD (Contempo 92) Os LB assumem uma coerência científica que é o próprio fundamento da sua música. "Cloned:Binary" tem unicamente a ver com todas as pequenas partículas (e são 42 minutos delas!) utilizadas nas várias versões de "Cloned". A ideia de reprodução é levada ao extremo, na medida em que 'cloning' é reproduzir - a função deste CD, de acordo com os LB, será a fecundação. Por outras palavras, "Cloned:Binary" deve interagir com o elemento humano (uma mente engenhosa) para que possa criar novos produtos de si próprio, mantendo embora uma identidade marcada: "being copied means being alike". **SLBC** - *"The Psi-Fi ep"* 12"EP (UN! 93) Grupo surgido há quatro anos na Electro Row Recordings, de Sheffield, estreia-se com um bom disco de dança alternativa numa editora apostada em agitar de novo a cena de Sheffield. Três ambientes dançáveis diferentes + remisturas dos dois primeiros. Guitarra nos sítios certos, vocalização sempre adaptando-se ao tipo de ritmo ("hit the brakes!", gritado no final de um tema, demostra uma imaginação que deverá ter sequência no futuro), quase nada de samples vocais, bastantes aspectos a favor de um grupo que não pode ser arrumado juntamente com a abundante techno sem graça. (P.O. Box 183, Sheffield S2 4YY - Reino Unido); **PANKOW** *"Treue Hunde"* CD (Contempo 92) Ainda no seio da techno, os Pankow fazem cada vez mais 'canções' fora do estereotipo a que este género nos habituou. Sempre divididos entre o alemão e o inglês, os textos de Alex Spalck (ou, pela primeira vez, Alessandro Micheli) falam sobre relações ("won't you save my life?"), comportamentos ("I don't want to be nice"), revolta ("the only reform is an H-bomb"). Temos em mãos um disco emotivo e completo como poucos nesta área. Emotivo desde a agradável lamechice de "You'll Never Walk Alone" à agressividade rancorosa de "Florence Is Dead", completo desde o ruído estruturado de "Save Your Life" à simplicidade de "My Baby Can". Permeável a várias influências, "Treue Hunde" faz da vulgaridade de algumas soluções uma arma poderosa, conferindo ao disco um equilíbrio que o impede de ser perfeito mas que vale precisamente por isso - as falhas aproximam-no de nós. Jon Wozencroft, da Touch, embala-o numa capa ingénua. Bonita; **NUMB**- *"Death On The Installment Plan"* CD (KK 93) O muito esperado terceiro álbum readquire a complexidade sonora do primeiro mas pouco lhe deve. Sons por todo o lado decididamente cativam (um espectro sonoro inundado desarma-nos), pena a demasiada semelhança vocal com Ogre (S. Puppy)... O ruído é muito benéfico neste disco, deixando completamente aberta uma nova via para os Numb. Mas extrema força contagia o disco, brutal mesmo. Por favor, abandonem as sequências regulares, abandonem-se ao caos. Hmm... sabe bem, muito alto, o volume. Go for it! ; **PSYCHOPOMPS** - *"Assassins DK United"* LP/CD (Zoth Ommog 92) Ritmos fortemente 'crunchy' servem textos directos e ofensivos. Os Psychopomps não se poupam a uma linguagem explícita de constante agressão. Dinamarqueses, denunciadores, fazem-nos passar neste disco por uma experiência demasiado homogénea de distorção e BPM aceleradas. É arriscado duvidar da seriedade de intenções, com textos tão claros e tão pouco idiotas, mas são eles próprios a ironizar, afirmando "I'm hopelessly devoted to my morbid theories"...; **LEATHER STRIP**- *"Solitary Confinement"* LP/CD (Zoth Ommog 92) Claus Larsen aperfeiçoou bastante a sua techno nórdica recheada de sintetizadores... hmm... grandiosos e sequências cada vez mais brilhantes, apesar de um par de ritmos DAF-ianos ser algo incomodativo. Aqui se

encontra alguma da melhor 'hard-techno' da actualidade, armada com uma grande dose de coerência (especialmente as samples, que parecem estar todas no sítio certo) e vocalizações que, embora totalmente distorcidas, contêm mais melodia que nunca. "Adrenalin Rush" pode tornar-se imbatível nas pistas - a sua perfeição é arrasadora; **YEHT MAE** *"Anatomy"* LP/CD (Zoth Ommog 92) Segundo disco do duo americano, "Anatomy" consegue de algum modo não ser arrastado na enxurrada techno. Isto significa que tem um certo mérito em termos de personalidade, embora esta não seja, de facto, substancialmente atraente. O tipo de distorção vocal e na guitarra não traduz uma combinação completamente bem sucedida, mas é bom concluir que o disco, longe de ser radical, é pouco fácil de ouvir. **PLACEBO EFFECT** - *"Galleries Of Pain"* CD (Danse Macabre 92) Dominados embora por um layout carregado de morte, os Placebo Effect adoptam uma postura mais techno e menos gótica do que, por exemplo, os Das Ich. Distanciam-se sabiamente da vaga E.B.M. que contagia a Alemanha, preocupando-se sobretudo em criar ambientes de emoção e não simplesmente de agressão. Não se entregam à lamechice, possuem bons arranjos (apesar da ocasional mostra de vulgaridade) e é bom ouvir um disco em que a voz tratada não cansa. **RINGTAILED SNORTER**- *"Revealing Obstacles"* CD (Zoth Ommog 92) Techno não ambiental mas de ambiente, ou uma tentativa de muzak techno, um cruzamento entre Delerium e a E.B.M. mais pura, música de passar o tempo. Sevren Ni-Arb, metade dos X-Marks The Pedwalk, não parecia capaz de uma abordagem tão simplista, à partida. "Revealing Obstacles" torna-se, assim, altamente pretencioso; **ELECTRO ASSASSIN**- *"Jamming The Voice Of The Universe"* CD (Hyperium 92) Techno cibernética mais do que um pouco inspirada nas visões futurescas dos comics de ficção científica, Electro Assassin nasce do esforço conjunto de Andrew Burton (Pornosect) e Kevin Gould (dos extintos Johnson Engineering Co.). Bastante longe da E.B.M. germânica, este disco fabrica uma caótica realidade virtual sonorizada por várias soluções que os JEC cessaram de explorar mas que eram muito suas. Bons efeitos vocais, sobretudo porque variados, eliminam o aborrecimento que outros grupos causam. Os clichés são moderadíssimos, originando temas extremamente cativantes como "Big Violence" e "Anti-Pure". Excelente alternativa ao germanismo dominante.

José António Moura

AIN SOPH - "Aurora" CD (*Cthulhu* - 1992)

"Bienvenuti Nell'a Italia Demockristiana" (in "Tutti a casa!").
Este disco poderá ser, naturalmente, uma séria desilusão para os mais incondicionais adeptos do som que lhes era próprio. Isto porque a atmosfera mística e pretensamente mágica que os Ain Soph sempre perfilharam está desta vez ausente. Difícil será dizer o que a substitui, neste registo híbrido e surpreendente que "Aurora" é.
Em vez do hermetismo dos trabalhos iniciais, repletos de sugestões medievais, ou do conseguido exercício de melancolia que foi "Ain Soph" (recentemente (re)editado pela Staalplaat em formato CD), temos agora canções perfeitamente explícitas, avizinhando-se com frequência das sonoridades ditas "pop". A reacção primeira a este trabalho é de impasse, sem que a rejeição ou submissão ao que nos é proposto sejam juízo fácil. Mas sejamos precisos.
O piano e a guitarra acústica são os instrumentos dominantes em "Aurora", servindo de base às vocalizações (de crucifige?), ora amenas, ora enfurecidamente "pop", quase sempre encantórias, apesar do péssimo francês em que se ouve cantar.
Tendo em conta não só o cansaço e aparente esgotamento do "género" musical que se entende por alternativo (refiro-me mais precisamente à profusão exagerada de misticismos e ritualismos por-dá-cá-aquela-palha), como também a qualidade das canções apresentadas, "Aurora" é um disco que não deveria passar despercebido. Chegámos pois ao ponto em que estamos seduzidos pela tristeza de baladas como "Vent" e "Gliamanti Tristi", pelo ritmo tango (?!) de "Liberté ou Mort" e, muito em geral, pela versatilidade aqui demonstrada pelos Ain Soph.
Curiosa é ainda a miscelânia de referências, que vão desde uma audaciosa colagem de versos de Borges e Apollinaire (cantados nas respectivas línguas de origem) em "Le Départ", as influências políticas ambíguas, quando não contraditórias, passando por letras de uma futilidade quase provocante ("io e ce", sobretudo) e pela evocação do céptico e bêbado Omar Khayyan, em "Rubayyat".
Sou quase capaz de apostar que o comentário mais partilhado entre os que compraram este disco será "estes gajos passaram-se ! " . Não lhes levem a mal, e se puderem, entendam "Aurora" como um crepuscular festival da canção, indiferente a quaisquer preconceitos que eventualmente vos aflijam.

M F

ARTURO STALTERI - "Syriarise" CD (*Materiali Sonori*-1992)

O primeiro contacto que tive com a música e o piano deste compositor italiano, foi feito através do CD compilação que acompanhava a revista Sonora, e a estupefacção foi enorme. Mais que uma grande influência de Erik Satie, Stalteri parecia a reencarnação no final do século do génio do compositor francês. Mais tarde soube-se que tinha liderado o grupo italiano de música progressiva Pierrot Lunaire, e que já tinha editado dois trabalhos em nome próprio.
Stalteri, embora não renegue a influência do piano francês do início do século, não se cinge exclusivamente a ele. Aliás as influências de Satie só são claramente detectáveis em "Gymnovalzer" (significativo, este título, a evocar as célebres Gymnopédies), tema também incluído na compilação já referida, surgindo aqui numa versão menos enérgica e mais longa. Na generalidade dos temas, não só Stalteri soube saltitar de piano para outros instrumentos de teclas, inclusivé electrónicos, como se reuniu de um trio de instrumentos acústicos (clarinete, guitarra, violoncelo) que transmitem um colorido particular a este disco e evitam a queda na monotonia, tão típica dos compositores/executantes que, sem talento suficiente para serem apenas intérpretes de clássicos, muitas vezes nos massacram em composições aparentemente profundas, mas que mais não fazem do que esconder uma banalidade arrepiante.
Stalteri conseguiu fugir aos clichés do estilo, criando um disco de inegável bom gosto, despretensioso, variado e rico, certamente centrado sobre o piano, mas não se lhe confinando em absoluto. Um dos melhores discos do género dos últimos anos, e seguramente a não perder pelos amantes da música serena e envolvente, e que nos tempos mais recentes não tinham particulares razões para andar felizes.

J S

CAMBERWELL NOW - "All's Well" CD (*Rec Rec* - 1992)

A passagem do vinil ao CD, neste caso particular, só se reveste de virtudes. Senão, vejamos os três parágrafos seguintes.
Nesta rodela, com 73' de duração, a editora conseguiu reunir toda a discografia do projecto e, ainda a faixa bónus "Daddly Needs a Throne" que antes só aparecera numa limitada edição em formato cassete, disponibilizada pela independente britânica Touch.
Os discos em questão, acessíveis unicamente por casas da especialidade atentas, passaram deste modo a estar ao alcance de qualquer um, a um preço mais compensador.
E, finalmente, a qualidade da recolha (que prima por incluir um libreto com os textos das composições e toda a informação complementar) não se perdeu, mas manteve-se.

Pode-se afirmar que Charles Hayward (envolvido com os This Heat numa altura em que a cena punk fervilhava pelos becos londrinos) terá sido o mentor deste projecto. Encarregue dos textos (autênticos poemas), dos teclados, das percussões e da voz, foi Hayward o principal motor dos Camberwell. Claro está que as prestações de Trefor Goronwy (guitarra e baixo) e de Stephen Rickard nas manipulações, também foram importantes para o desenvolvimento da banda mas, quem já tem o privilégio de conhecer alguma discografia posterior de Hayward a solo, decerto não atribuirá créditos a mãos alheias. E de facto, tanto "Meridian" (EP de 82) quanto "The Ghost Trade" (LP de 85) ou "Greenfingers" (EP de 86), só merecem considerações aplausivas.
"All's Well" quando surge uma recolha deste género, e por isso não vale a pena estar, aqui e agora, a jogar com as palavras, numa tentativa de persuadi-los a procurar e a ouvir este disco.
Depois de o terem feito, acreditem que todas estas palavras nada significam. Está tudo lá. No disco. Tudo bem.

P S

DEATH IN JUNE -"Cathedral of Tears" CDS/12" (*NER* -93) ;"Something is Coming" 2CD/2LP (*NER* -93)

Depois do excelente álbum de 92, Douglas P. não poderia estagnar, e a sua frequente visita a terras da ex-Jugoslávia teria de dar os seus frutos. O resultado foi não só um single (5 temas) parcialmente gravado em Paris como também um duplo álbum gravado ao vivo e em estúdio na Croácia.
O single - a versão em CD com uma capa belíssima e o vinil em formato 'picture disc' - contém duas versões do tema "Cathedral of Tears", ambas muito belas, e três temas gravados ao vivo em Paris - "To Drown a Rose", "The Fog of The World" e "Europa: The Gates of Hell" -, numa performance (como sempre tem sido ultimamente) completamente acústica, e cheia de melancolia e nostalgia.
"Something is Coming" é um disco gravado (ao vivo e numa 'radio session') em finais de 92 por terras da Croácia. Tal como em muitos outros discos que os DIJ gravaram ao vivo, também no primeiro CD deste duplo álbum vamos encontrar temas clássicos como "Heaven Street" e "Fields of Rape" (este marcando sempre presença), no entanto aqui Douglas e os seus ajudantes (?) decidiram explorar mais profundamente peças recentes - "Death is The Martyr of Beauty", "He's Disabled", "But, What Ends When The Symbols Shatter?", "Little Black Angel", "Break The Black Ice", etc. -, oferecendo-nos interessantes versões desses trechos. Em questões de instrumentos, a gravação peca pela sua escassez, mas talvez neste caso especial, e devido à excelente qualidade de gravação, tal escassez crie uma maior melancolia e nostalgia. Estou certo que esse era o objectivo de Doug, por mais que não seja pelo impacto das fotos do 2CD/2LP, com imagens de uma clínica para feridos de guerra. De facto, todos os lucros deste álbum reverterão a favor da Clínica Bolnicki em Zagreb, um centro de reabilitação de soldados e civis cujos membros (pernas e braços) tenham sido perdidos neste eterno combate que é a guerra dos Balcãs.
O segundo volume do álbum, gravado num estúdio também da Croácia e com apenas alguns minutos de duração, contém versões de "Giddy Giddy Carousel", "Runes and Men", "The Golden Wedding of Sorrow", "Fall Apart" e "Death is The Martyr of Beauty". Tal como a actuação ao vivo, também estes temas são totalmente acústicos, com um forte e dominante espírito melancólico e mesmo deprimente.
Provavelmente este duplo álbum não é mais do que uma homenagem a todos aqueles que têm lutado pela liberdade do seu povo - e também pela opressão a outros. Douglas pretende assim alertar para o que se passa naquela atribulada região do globo, não só pelas próprias letras de cada tema - que incrivelmente se encaixam perfeitamente na situação - mas também pelas chocantes imagens de (muito) jovens soldados marcados irreversivelmente pela guerra. E é uma peça

extremamente eficaz.

FS

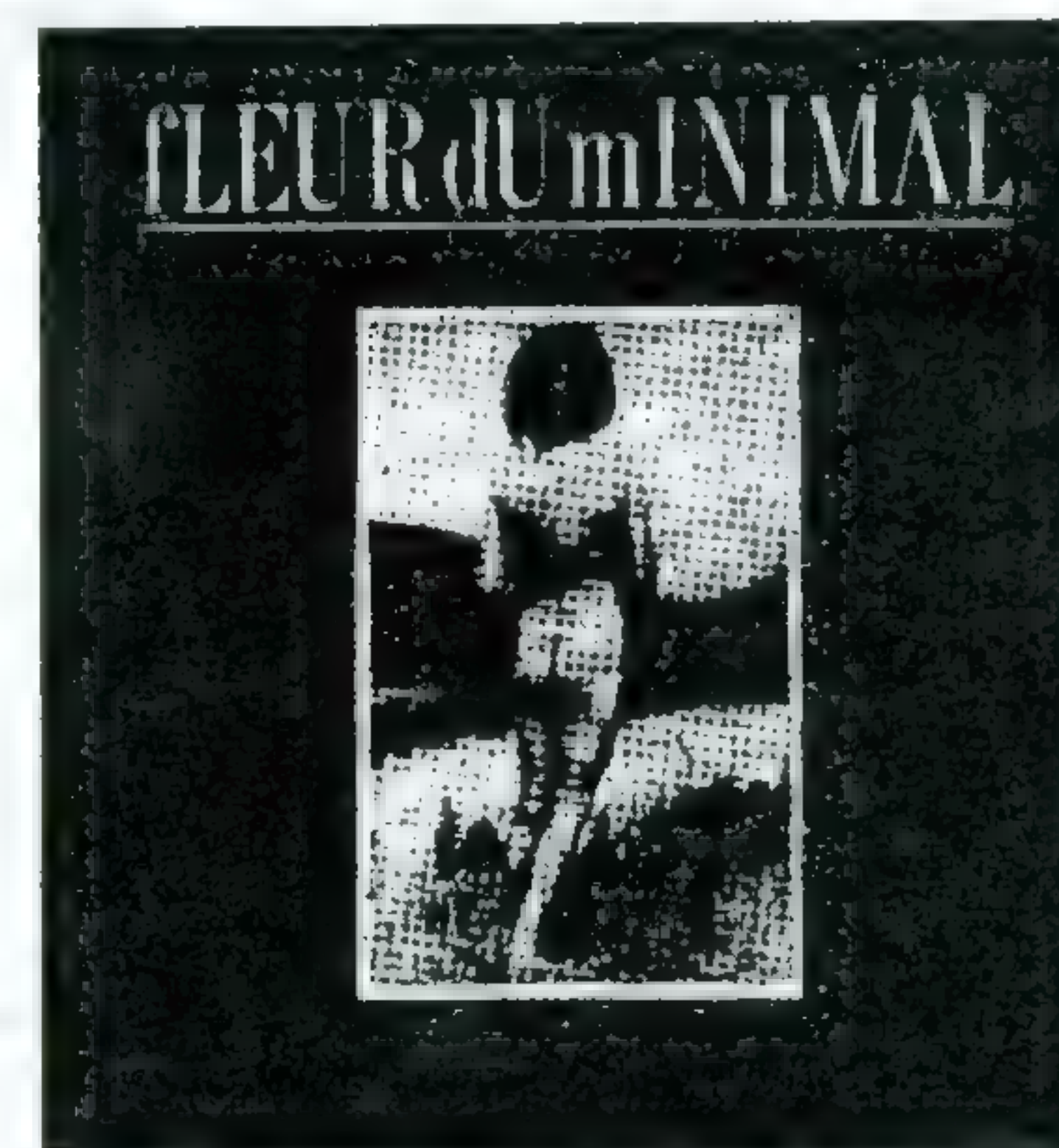
DEATH IN JUNE - "But What Ends When Symbols Shatter?" CD (*NER*- 1992)

Depois do longo silêncio que se seguiu a "The Wall Of Sacrifice", confessada obra-prima e proposta de epílogo, os Death in June regressam afinal com o mesmo travo de mestria e despedida. De permeio, ficou a promessa de Douglas P. de extinguir o projecto, sem qualquer alusão ao que das cinzas poderia nascer. Mas verifica-se, agora, não se tratar ainda de cinzas mas sim de mais algumas canções de puro desencanto.
À semelhança de recentes trabalhos do seu antigo companheiro Tony Wakeford, mentor dos Sol Invictus, Douglas P. mostra-se neste disco renitente a experimentalismos e interessado tão-só em dar forma e expressão às suas letras, usando para isso canções, no mais convencional sentido da palavra. E, ao mesmo tempo, canções cuja intensidade, o acento tónico num desespero pessoal que reclama a sua dignidade, tornam inconfundíveis.
Dos assíduos "Comrades in Tragedy" que Douglas P. costumava recrutar, só vamos reencontrar David Tibet, encarregue das vocalizações de "Daedalus Rising" e "This is not Paradise". Ausentes estão pois os angélicos acompanhamentos vocais de Rose McDowall e as investidas sarcásticas de Boyd Rice, entre outros. Pode com isso denotar-se um empenho em Douglas P. (há já vários anos membro e titular único dos DIJ) em intensificar o que, com riscos de hipérbole e pirosice, chamaria a sua solidão criativa. Nisso seguirá talvez o conselho de Genet, esse outro acólito da solidão procurada, que sempre influenciou a obra desta banda. E não é de todo improvável que a esse abandono voluntário se deva o intimismo maior deste trabalho, onde a preocupação lírica se sobrepõe à procura de novas sonoridades. De resto, "But What Ends.." poderá entender-se como a recusa do novo, um manifesto melancólico onde, do princípio ao fim, se ouve a mesma guitarra acústica que há muito conhecemos, acompanhada apenas pela percussão de James Mannox, sintetizadores e, uma ou outra vez, trompete. Canções como "Death is the Martyr of Beauty", "Hollows of Devotion" e, sobretudo, "Little Black Angel" redimem inapelavelmente a ausência de novidade, consagrando-se por inteiro à causa nobre e desactualizada da beleza. De salientar ainda que estamos em presença de letras comparáveis ao que de melhor se tem feito em poesia inglesa.

M F

FLEUR DU MINIMAL -"Deutschland 3 Oktober 1990" CD (*Der Verlag*, 1993)

Segundo trabalho longo para este duo alemão, "Deutschland..." repete o conceitualismo inaugurado no álbum de estreia homónimo. Sons do mundo como poesia sonora, sons urbanos como companheiros de vida, aqueles aqui gravados buscam nos ensinamentos da música concreta e da sound-art documentativa o significado para uma nova postura auditiva. A 2.12.90, Tim Buktu e Johannes Thor gravam, ao longo de 24 horas, em 24 locais diferentes, 24 ambientes de dois minutos cada. Excertos do quotidiano sonoro, sem qualquer interferência pós-gravação, sem qualquer uso de outros instrumentos além do gravador e do microfone, onde se pode ouvir ambientes retirados a fábricas, estações de metro, festas, rios, igrejas, restaurantes, hospitais ou florestas. Talvez não tão irreverente quanto o álbum de estreia mas igualmente curioso, este trabalho esquece qualquer compromisso comercial e investe no puro gozo do(s) jogo(s) sonoro(s). Talvez por isso seja uma edição limitada, especialmente dirigida para colecionadores. Talvez por isso se aconselhe a sua audição, com a janela aberta.

M S

GREEN ISAC -"Happy Endings" CD (*Origo Sound* - 1993)
Morten Lund e Andreas Eriksen são os dois nórdicos que constituíram Green Isac, e que agora regressam para mais uma agradável prestação.
Fundamentalmente integrando trechos curtos (não existe nenhum com mais de 6 minutos), este disco segue de perto as pegadas já trilhadas por "Strings and Pottery" (seu longa-duração de baptismo), o que é o mesmo que dizer que estamos novamente em presença de mais uma colecção de harmonias estruturadas à base dos efeitos dos sintetizadores e percussões, e de uma cuidadosa e brilhante produção de estúdio.
Outros pontos a favor deste trabalho (e felizmente que os há, senão o projecto teria estagnado), terão sido os recursos a que o duo se socorreu para dissimular o efeito incaracterístico, comum na maioria dos registos deste tipo. De facto, acentua-se uma agradável tendência de sobrepôr aos bits e bytes gerados, uma componente acústica de fortes influências étnicas, o que proporciona bons momentos, mesmo aos que não suportam o sabor ao pacote plástico que embala as pobres melodias da *new age music*. Chamo a vossa atenção pois, para a utilização brilhante do acordeão (de Reidar Aarsand) em "I Raised my Head", das flautas e *melodion* (de Torstein Kvenas) em "Hey Babe..." e "I Hear You're Still Wet Behind the Ears" respectivamente, e do *Kora* (de Sanjally Jobarteh) nas faixas "Warra" e "Lasidan", que não fazem mais do que provocar ambientes de rara beleza.
No conjunto dos 47'59" nota-se que a ligação subtil entre os instrumentos acústicos e os da nova geração foi plenamente conseguida, quer ao nível da criatividade, quer ao nível técnico e, por isso, este torna-se um trabalho que é urgente conhecer.

P S

HAFLER TRIO -"Fuck" CD (*Touch /Soleilmoon* 1992)

A capa e o título hiper-explícitos fornecem uma dose de realismo 'in your face' pouco visto. Apresentado no Johnny Guitar em Dezembro de 91, "Fuck" teve um efeito devastador, conquistando tímpanos com um ritmo que não se conhecia nos H_3O. Em disco, o assalto aos sentidos desilude quem experimentou o estremecimento ao vivo, mas não deixa de ser uma das mais estimulantes composições apresentadas ultimamente por McKenzie (e agora também Karkowski). "Fuck" representa o aspecto masculino (como "Masturbatorium" fora o feminino) presente em homem e mulher, e destina-se a enaltecer a energia masculina através de uma concentração proposta pela música. Embora não único, o propósito sexual é óbvio. A comparação entre "Masturbatorium" (fem.) e "Fuck" (masc.) é também interessante a nível dos respectivos títulos - enquanto o primeiro está envolto numa aura de sofisticação enaltecida pelo latim, o segundo encarna a própria rudeza masculina do palavrão directo.

J A M

HARMONIA ENSEMBLE - "Nino Rota" CD (*Materiali Sonori* - 1992)

Quando, num futuro distante, se fizer a história de uma das mais arcaicas, mas ao mesmo tempo mais populares, formas de arte do séc. XX, o cinema, o contributo de um velho país europeu chamado Itália, não se limitará a uma mera nota de rodapé. Recordar-se-ão então a excelência dos seus realizadores, o carisma e a qualidade dos seus melhores actores e actrizes, e, infalivelmente, a extraordinária capacidade criativa dos compositores das bandas sonoras.
Talvez mais do que quaisquer outros compositores, foram os italianos Ennio Morricone e Nino Rota, e os respectivos realizadores com quem trabalharam, que melhor souberam identificar um filme com a sua música,

a ponto de as tornar indissociáveis. Assim, é tão essencial a música de Morricone a filmes como "Aconteceu no Oeste" de Leone ou de Rota a "A Estrada" de Fellini que, sem ela, não só os filmes não seriam os mesmos, como grande parte da sua popularidade advém do suporte musical, bem patente nos exemplos citados na inconfundível harmónica que acompanha Charles Bronson, ou na melodia trauteada por Giuletta Massina. De qualquer modo, a música de Morricone ou Rota vale por si independentemente das imagens que suportam. E se Morricone tem justamente sido alvo do reconhecimento da crítica e dos ouvintes, já o reconhecimento de Nino Rota só se processou em plena década de 80, quando Hal Willner editou na A&M a sua releitura das obras do compositor, contando com um notável grupo de músicos numa estratégia que posteriormente teria continuidade com outras homenagens, particularmente a Kurt Weil, a Thelonious Monk, ou à música dos desenhos de animação da Disney.
O disco "Nino Rota", do trio italiano Harmonia Ensemble, é a pedra de toque para o reconhecimento mais amplo das extraordinárias capacidades criativas de Rota. Estamos provavelmente em presença do mais belo disco de 1992, pelo menos do mais sentido e envolvente. Despojando as composições de Rota dos pesados arranjos orquestrais que os filmes revestram, o trio Harmonia "limita-se" a recriá-las através do piano, do clarinete e do violoncelo, aqui e ali entrecortadas pelos samplers e os gravadores, o que só aproxima mais em termos de simplicidade e encantamento, a composição e os intérpretes. É assim notável a profundidade e a singeleza que ganha, por exemplo, o tema do filme " O Padrinho" de Francis Ford Coppola, anteriormente detestado depois de tantas versões açucaradas para abrilhantes bailes decadentes de convivas de meia idade. O mesmo se pode dizer, quer dos temas de filmes de Fellini - "81/2", "Amarcord", ou "La Strada"-, quer de Visconti - "Rocco e os seus irmãos", ou o "Leopardo" -, quer ainda das 3 composições originais do trio, particularmente o emotivo e plenamente significativo "Buongiorno Nino".
Seria de facto lamentável se o desconhecimento ou a menor atenção a este precioso disco, obviassem à sua consagração mais do que merecida.

J S

IL GRAN TEATRO AMARO-"Port Famine" CD (*Rec Rec* -1992)

Se alguma vez se pudesse falar da nova folk music europeia, seria inevitável referir o excelente trabalho dos Il Gran Teatro Amaro. O grupo, constituído por François-Regis Cambuzat (canto), Robert Van Der Tol (guitarra acústica), Stefan Lienenkämper (contrabaixo) e Roberta Possamai (piano e acordeão), não só constitui um exemplo realista de internacionalidade, como inclusivamente faz questão de a transmitir aos ouvintes. Imagine-se, então, como resultará a música deste quarteto (cantada em francês, italiano e espanhol) que se sente influenciado pelo classicismo de Luciano Berio, pelo intervencionismo de Jacques Brel, pelo sentimentalismo de Edith Piaf, pelo realismo decadente de Jean Genet, e pelo idealismo revolucionário de Serguei Esséninel.. O disco reflecte tão somente uma profunda procura do verdadeiro sentido para a vida e para o amor, e é suficientemente belo e rebelde para que a sua mensagem possa perder sentido...

L F

IN SLAUGHTER NATIVES-"Sacrosancts Bleed" CD (*Cold Meat Industry* -1992)

Cada vez mais longe dos bons velhos tempos da cassete/ CD "In Slaughter Natives" e "Enter Now The World", os In Slaughter Natives continuam ainda a causar surpresa. Depois de se ter pensado que a fórmula já havia dado todos os seus frutos no segundo trabalho do projecto de J.Havukainen, eis que "Sacrosancts Bleed", o mais recente álbum de originais, vem mostrar o contrário.
Iniciando com uma peça muito ritmada e violenta, somos levados a pensar que Havukainen teria começado a deambular por áreas dos Ministry ou Skinny Puppy, mas logo de seguida todas essas ideias desvanecem-se. Aqui a violência é omnipresente, o mistério omnipotente, e o horror uma constante.
Com essencialmente os mesmos ingredientes de discos anteriores, os In Slaughter Natives atacam catedrais com lança morteiros, pegam fogo a pequenas aldeias cheias de mulheres e crianças, ou marcham sobre cidades reduzidas a cinzas... Terá Havukainen ido buscar algumas ideias à Bósnia-Herzegovina? Um trecho calmo e belo esconde sempre uma figura diabólica por trás. Os anjos estão ali, mas observando bem, as suas figuras estão distorcidas de dôr infligida por Satanás que, ao longe, controla a sua tropa de diabinhos...
O Céu é belo, mas não será a Terra mais bela com todos estes pequenos pedaços de Paraíso e de Inferno quase no mesmo local? "Sacrosancts Bleed" é isso mesmo - a água benta transformada em sangue... Que delícia...

F S

IUGULA-THOR -"Forced Flesh" CD (*Minus Habens* 1992)

Mais uma morte não anunciada do rock ou, pelo contrário, mais um apregoado renascimento das cinzas? As dissertações estilísticas são pouco relevantes neste terreno de sentidos aguçados. Iugula-Thor é um nome alternativo para os Sigillum S, cyberpunks experimentalistas, mas "Forced Flesh" contém infinitamente mais genes rock do que cyberpunk, exercitando as guitarras e a bateria em volta de alguns pecados da carne. A manipulação da carne, não só no sentido sexual, torna-se hábito de difícil convivência, e isso é válido para "Vagina-Thorium" como para "Putrefacçao (Lost Bodies)" e "Bag Of Corpses".
"Is your flesh strong enough?" ou, dito de outro modo, até onde nos querem submeter? A força (ou fraqueza) da carne tem uma natureza ambivalente, realçada pelos Iugula-Thor com uma energia visceral. "Forced Flesh" não é um objecto normal. Explorar soluções 'anormais' é uma opção cada vez mais forte. E interessante.

J A M

JILALA/GNAOUA - "Moroccan Trance Music" CD (*Sub Rosa* 1992)

Com a explosão verificada nos últimos anos da chamada "World Music", vendeu-se muito gato por lebre, sobretudo com algumas expressões musicais não-europeias. Por um lado, foi a voragem incontrolável das multinacionais que, apercebendo-se de que poderiam aumentar os seus lucros com a exploração do filão, passaram a editar o que de mais adulterado no sentido comercial existia fora do mundo ocidental para agradar aos ouvintes menos exigentes, mas mais endinheirados; por outro lado, são alguns dos músicos nacionais que se desvirtuam e alienam para conquistar um lugar no mundo dos bem considerados, ou seja, dos vendáveis.
Não é obviamente esta a postura da Sub-Rosa, editora belga célebre pelo seu arrojo e pela sua capacidade de não se desviar um milímetro que seja do seu projecto cuidado de edição. Editora multifacetada tem, porém, na área da World Music, ou mais concretamente na "Sub Rosa Sphere of Ritual Music" um notável conjunto de edições, abrangendo sobretudo áreas de musica religiosa das mais diversas proveniências, particularmente do Tibete, México, Marrocos, para além das tradições Judaica e Católica.
É neste contexto que se insere "Moroccan Trance Music" das tribos marroquinas Jilala e Gnaoua. A música aqui representada é uma viagem muito especial ao mundo do norte de África e em particular à sua música de expressão ritual. A música de ambos os projectos foi concebida não só como forma de entretenimento, mas sobretudo como expressão religiosa de exorcização dos maus espíritos que vivem nas pessoas através da música e da dança.
Assiste-se neste disco a um confronto entre o quinteto de Tânger (Jilala), e o quarteto de Marraquexe (Gnaoua), que, pertencendo ambos à mesma tradição da música árabe de cariz sacro, nem por isso deixam de apresentar perspectivas bem distintas na abordagem dessa tradição. Assim, os Jilala fascinam pelos ambientes hipnóticos dos ritmos complexos ditados pelos múltiplos instrumentos de percussão. É curioso referir que essas percussões são um declarado convite à dança, pontuada pelos sopros e pelas ocasionais e convulsivas vocalizações; o que nos surpreende, inseridos como estamos numa tradição cristã em que a música sacra se afasta totalmente do corpo e particularmente da própria dança frequentemente interpretada como manifestação pagã. Já a música dos Gnaoua apura o sentido melódico e sem nunca cair no formato convencional da canção, reforça o papel das vocalizações e dos instrumentos tradicionais de corda, remetendo-nos para uma dimensão onírica, próxima de beatitude e do êxtase.
Imprescindível a sua audição e posterior comparação com os grandes "arabistas" do Ocidente, os Muslimgauze. Talvez se compreenda melhor a génese da genial música deste grupo de Manchester.

J S

JOAN GOIKOETXEA/JUAN MARI BELTRAN - "Egurraren Orpotik Dator" CD (*NoCd* - 1993)

A pequena editora espanhola NoCd começa na sua quarta edição a ganhar um plano de destaque no meio, ainda assim pobre, da música alternativa do país vizinho. Depois de Suzo Saiz e de Jorge Reyes, trata-se agora de mostrar o talento deste duo basco, mais uma vez a mover-se no difícil terreno dos seus predecessores, ou seja, na intersecção entre a tradição popular basca e o envolvimento ambiental contemporâneo.
Mais uma vez o resultado é francamente positivo para quem criou e para quem ouve. Goikoetxea e Beltran em nenhum momento cedem à tentação fácil do "bonitinho", ou do "folclórico", mesmo num tema como "Lo Kanta" em que só se ouve a excelente voz de Amaia Zubiria num fundo constituído por programações e sons de rádio. Em tudo o mais, ressalta a estranheza da cultura basca tão própria e original que, hoje como ontem, teima em resistir em condições sparticularmente desfavoráveis, perante a onda avassaladora de "espanholização" do seu país.
Em todo o disco existe um diálogo tenso e desigual entre a tradição e a modernidade. Tenso, porque nem sempre o cruzamento destas duas influências é resolvido da forma mais apropriada, sobretudo se tivermos em conta a experiência de Jorge Reyes em áreas relativamente afins; desigual, porque em última análise são sempre os instrumentos populares bascos que se impõem: são os txalapartas, os dultzainas, xirulas, toberaks, eltzegors e ezkilaks (com nomes perfeitamente indecifráveis e sem informação suplementar que permite ligar o nome ao som) que modelam o tom da música.
De qualquer modo, e sem se tratar de um genuíno disco de música popular, é perceptível que os instrumentos utilizados são sobretudo percussões e sopros. Nestes, além de sons semelhantes a flautas, destaca-se uma espécie de gaita-de-foles que domina os dois primeiros temas; as percussões vão do toberak (próximo do xilofone) à txalaparta, constituída por duas pranchas horizontalmente colocadas e com uma sonoridade relativamente próxima de alguns instrumentos indianos. Mas, acima de tudo, o que se salienta é uma identidade própria não confundível com outras culturas europeias, capaz de trancender os próprios limites da música e legitimar velhas aspirações sempre renovadas.
Seria injusto considerar importante este disco apenas pelas razões que o ultrapassam. Trata-se provavelmente do disco mais conseguido da pequena editora, o que só

por si, já é elogio suficiente para justificar a sua audição.

J S

JORGE REYES/STEVE ROACH/SUSO SAIZ - Suspended Memories - "Forgotten Gods" CD (*Sejos del Paraiso*-1992)

Era com grande curiosidade que se aguardava o trabalho conjunto destes três notáveis: Reyes, vem mantendo um percurso exemplar de recuperação e transformação criativa do imenso tesouro que é o legado da música mexicana -particularmente a pré-hispânica - literalmente desconhecida da generalidade dos ouvidos; Saiz, surpreendeu em 1991 com "Simbolos", um disco sobretudo interessante pelo conceito de fazer desaguar no mesmo espaço influências tão diversificadas como a " ambient music ", as influências étnicas e as guitarras de sabor hendrixiano; finalmente Roach, é um veterano da música ambiental, e marca a "Fortuna" com uma discografia já longa e coerente, da qual se destacam as colaborações com Robert Rich.

O resultado desta colaboração é interessante, mas não surpreendente. Embora se note que a capacidade de diálogo e de trabalho conjunto funcione na perfeição, é igualmente evidente que cada um dos músicos não parece particularmente disposto a abdicar do seu território especifico e a aventurar-se no dos outros. Assim, mais do que a fusão e/ou confrontação de estilos ou de influências, o que predomina é a exposição dos mesmos. Em termos puramente subjectivos, acho o disco um tanto mais interessante quanto maior for a predominância dos instrumentos pré-hispânicos de Reyes (flautas, ocarinas e percussões) que lhe dão o toque de inovação e exotismo que se mantém e se reforça após sucessivas audições; o seu cruzamento com as guitarras eléctricas de Saiz, o instrumento emblemático da música moderna ocidental, funciona de um modo estimulante. Quando , porém, tudo se parece dissolver nos sintetizadores e samplers de Steve Roach, a capacidade de encantamento diminui drasticamente, com uma certa tendência para a banalidade e para a anestesia dos sentidos. Mas este é um velho problema da maioria do catálogo da prestigiada editora americana : «new-age» é sempre «new-age»: mesmo quando levada aos seus limites de bom gosto e imaginação, não deixa de ser música para entreter e esquecer.

Sem ser uma desilusão, muito longe disso, "Forgotten Gods" ficará como um interlúdio na obra destes três músicos, enquanto esperamos com ansiedade o próximo disco de Jorge Reyes.

J S

LEFT HAND RIGHT HAND - "Hum Drum" CD (*We Never Sleep* -1992)

Sendo ou não canhotos, o que é verdade é que este projecto britânico - a editar os seus trabalhos num selo norte-americano - surpreende qualquer um pela forma como conjuga a vertente das ditas "novas sonoridades electrónicas" com certas influências étnicas, nomeadamente os efeitos das percussões, do baixo e dos metais.

Soando um pouco a O Yuki Conjugate, os LHRH têm contudo a particularidade (ou originalidade) de se servirem de dois saxofones - soprano e barítono - de uma forma pouco ortodoxa. Estas prestações, discretas mas persuasivas, conjugadas com vocalizações femininas - do género de Lunch/Galas ou Frazer - provocam nos arranjos finais momentos de rara beleza.

A destoar neste disco, convirá assinalar dois factores que não pude deixar escapar. O primeiro, apesar de ser de certa forma irrelevante, deve-se ao facto de surgir uma faixa perfeitamente desintegrada do contexto global. Intitulada "Disc Jockey" e apenas com 12" de duração, este sampler peca simplesmente por falta de enquadramento - um rap não se coaduna de maneira alguma com o espiríto que os LHRH pretendem transmitir. Em relação ao segundo factor, será proeminente pelo menos no que se refere à influência que poderá ter para o interessado em adquirir o trabalho; é que a totalidade das seis faixas incluídas em "Hum Drum" perfaz unicamente 23 minutos de duração, o que, hoje em dia, sabe a muito pouco...

P S

MOSAIC - "Yiddish & Judeo-Spanish Songs" CD (*Sub-Rosa* - 1992)

Quando se ouve este disco, belo como poucos, renasce em nós um certo espírito de cruzada: não se trata de ir ao Médio Oriente propagar a fé cristã, mas tão somente, de voltar a utilizar o método do passa-palavra, de pormos toda a nossa energia e vontade ao serviço da urgente divulgação deste trabalho.

Tivesse a Sub-Rosa a vontade ou os meios que a 4AD pôs em marcha há alguns anos atrás e este "Yddish & Judeo-Spanish Songs" teria o impacto, nos media ocidentais, idêntico ou mesmo superior a todos os mistérios das vozes búlgaras. A mesma música de uma singeleza e austeridade deslumbrantes, os mesmos ambientes diáfanos, as mesmas vozes de cortar a respiração. No entanto, não nos iludamos: estas dezassete canções, salvo alguma reviravolta absolutamente inesperada, ficarão na posse de apenas meia dúzia de felizes contemplados que as puderam ouvir, talvez mais por um acaso fortuito do que por um acto deliberado de procura.

Em boa vontade, talvez seja melhor assim, se pensarmos na fúria que se instalou no mercado em torno da música búlgara, com sucessivas edições, num esforço de massificação com consequências funestas, já que, à medida que os discos iam saindo, a qualidade e a originalidade dos mesmos ia decaindo.

De que trata então este disco, já tão elogiado e ainda não descrito ?

São as canções do desespero dos judeus sefarditas

expulsos de Espanha pelos reis católicos no final do século XV, verdadeiro e único testemunho das tradições de uma cultura, que lentamente se foram dispersando pela bacia mediterrânica e pela península balcânica (daí, a associação espontânea à música búlgara) e que aqui procuram ser preservados do esquecimento fatal.

O cancioneiro dos Judeo-Espanhóis é uma espécie de entreposto enriquecido da diáspora de um povo. Das suas origens na Palestina recebem influências, sobretudo temáticas, do velho Testamento nas canções de carácter litúrgico; da sua vivência na península Ibérica, desenvolvem temáticas muito próprias, casando canções medievais francesas com baladas espanholas, harmonizando o sagrado e o profano e desenvolvendo o estilo de canto " a capella", corporizado sobretudo por vozes femininas e que posteriormente faria parte integrante da diáspora judaica para o império otomano.

O trio Mosaic faz reviver estas belas canções com arranjos do seu líder, André Reinitz, sóbrios e de muito bom gosto. Os temas cantados ora em castelhano, ora em yiddish, nas vozes de Jahava e Baczinsky, evocam o tom sereno e nostálgico de uma comunidade que, mesmo cansada de sofrer, ainda não perdeu a esperança. Decididamente, um disco inesquecível.

J S

MENTAL MEASURETECH-"Songs From Neuropa" CD (*Discordia* -1993)

Cada vez mais o melhor som marginal vem da Europa Central. Muita da música obscura começou a surgir primeiramente em Inglaterra - não esqueçamos os Coil, Current 93, Psychic TV ou Death In June - mas esse movimento desencadeou maiores reacções em países como a Alemanha, Itália e mesmo Suécia. O episódio seguinte mais não poderia ser do que um surgimento de projectos desse estilo nesses países: a Itália com Nightmare Lodge, Sigillum S, Ain Soph, Ordo Equitum Solis...; a Suécia com In Slaughter Natives, Memorandum, BDN...; a Áustria com Zero Kama e Allerseelen e por fim a Alemanha com Phallus Dei, Mynox Layh, Temps Perdu? ou Mental Measuretech. Felizmente todos estes projectos não-britânicos têm uma excelente veia criativa, e o CD de estreia dos Mental Measuretech só vem comprovar isso ainda mais.

Com o nome "Songs From Neuropa" é a passagem para o formato digital da cassete da Minus Habens editada em finais de 91, mas agora remisturado e com alguns temas a mais. O projecto, como alguns já sabem, é formado por Rose e Willi da Cthulhu Records acompanhados de D.A.R.P.A., e nele podemos encontrar uma amálgama daquilo que saíu na Cthulhu, com um pouco dos Ain Soph nas melodias mais calmas, os Sigillum S no ritmo, os Blood Axis na postura agressiva militarista, e muito deles prórpio nas vocalizações, com a suave voz de Rose a desempenhar quase o mesmo papel que o de Rose McDowell nos Death In June e Current 93.

A mão de Kadmon - Allerseelen/Sakristei - também está presente em muitos temas, bem como a forte ajuda de Dino Oon e Konrad Kraft da SDV. É por isso que "Songs From Neuropa" é um disco bastante eclético, não deixando de ser uma nova faceta deste estilo musical que certamente terá um futuro próspero nos países do Centro e Sul da Europa. E para quando algo realmente interessante em Portugal?

F S

MOON SEVEN TIMES -"The Moon Seven Times" CD (*Third Mind*- 1993)

Depois de uma curta carreira, ainda que feita quase sempre na penumbra de bandas como os Cocteau Twins ou Dead Can Dance, os Area foram um projecto que desenvolveu determinadas sonoridades de uma forma brilhante. O seu profícuo trabalho, com saudosos resultados patentes em discos como, "The Perfect Dream", "Radio Caroline" ou "Between Purple and Pink" terminou, no entanto, abruptamente, sem que se percebesse os motivos que justificassem esta atitude. Agora regressam sob a uma nova faceta. The Moon Seven Times não reencarnaram o ideal Area mas, pelo menos incluem os dois principais motores da falecida banda, e isso, para aqueles que se apaixonaram pela magnífica voz da dama e pelo dedilhar da guitarra do seu parceiro - (infelizmente de momento não possuo os nomes dos dois intervenientes...) , é uma razão mais que lógica para perder um certo tempo com este disco. De facto, e apesar de surgir uma percussão que elimina de certa forma a tal característica planante dos Area, existem motivos de sobra para ouvir este primeiro trabalho, homónimo de "uma semana de luar". Procurem-nos !!

P S

NO SAFETY -" Spill" CD (*Rec Rec* -1992)

Os NS são uma formação irreverente nascida no coração cosmopolita de Nova Iorque. Das portas da Knitting Factory partiram para outras paragens americanas, e daí para a Europa, onde viriam a tornar-se extremamente apreciados. A sua música tem a particularidade de assimilar um largo número de características identificáveis (um baixo "batido" à King Crimson e uma voz com a qualidade da dos Throwing Muses, por exemplo), sem que o seu som resulte *déjà-vu* ou menos criativo. Zeena Parkins, já conhecida pelo seu trabalho com Carbon, John Zorn e a solo, canta, toca harpa eléctrica, acordeão e teclados. Ann Rupel (que igualmente integra os V-Effect e os Curlew), toca a guitarra-baixo e canta. Nas outras duas guitarras estão Chris Cochrane (que canta) e Doug Seidel. A bateria é assegurada por Tim Spelios (que formou os Chunk). De registar ainda a extraordinária participação de David Shea nos gira-discos e samplagem. O disco foi gravado entre Janeiro de 91 e de 92, sendo editado nos Estados Unidos pela Knitting Factory Works e, na Europa, pela

Rec Rec Music. Para deliciar até à última nota, sem reservas !...

LF

NOUVELLES LECTURES COSMOPOLITES- "Vestiges" CD (*L'Encyclopedie Des Tenebres*- 1992)

Disco um pouco macabro mas muito importante na carreira dos NLC, pois acaba por servir de reedição de duas cassetes ("Schizolithe " e "Kriegstraum") que testemunham o período mais cinzento deste projecto francês.

Julien Ash, mentor da banda (acompanhado por Albia e Angustere), pretende neste trabalho explorar de uma forma puritana algumas áreas menos acessíveis do eixo ruído-distorção. Não se pense, contudo tratar-se de mais uma manifestação em torno da vaga hard-core improvisada. O disco pretende ser fundamentalmente um documento de uma era em que os NLC compunham trechos com base em tapes/rádio/misturas e samples. A ambiência musical, se é que se pode chamar, é, no entanto, da responsabilidade dos sintetizadores. "Vestígios" poderá ser encarado como uma divertida sessão da pesada em que o sonoplasta decidiu enfiar 10 cotonetes em cada ouvido!

(EDT 14 , Rue Grandval - 54000 Nancy -França)

PS

NOUVELLES LECTURES COSMOPOLITES - "Allegro Vivace"CD (*Permis de Construire* -1992)

A audição tardia deste disco obriga a reformular todas as listas públicas e privadas em relação aos melhores registos do ano passado. Efectivamente, "Allegro Vivace" entra directamente e sem qualquer espécie de favor para a lista dos melhores discos de 92. Como estamos longe dos primeiros discos dos NLC, onde era patente um radicalismo algo inconsequente. Se, por vezes, o amadurecimento é o primeiro passo para a estagnação e a decadência (e os exemplos são tão frequentes que não vale a pena nomeá-los), outras vezes contribui para o reformular de propostas, ou para encontrar novos e mais criativos meios para a sua concretização. Tal é o caso de "Allegro Vivace" dos Nouvelles Lectures Cosmopolites.

O ponto de partida é "Incadescent", o disco de Julien Ash, uma das metades do grupo, gravado em 1991 e que foi o mais injustiçado disco dos últimos anos, passando praticamente despercebido, quando deveria ter sido aclamado. Ash, optou então em 20 curtos temas, por uma música tão bela quanto tensa e emocionante que infalivelmente nos envolve e arrasta para um turbilhão de sentimentos contraditórios e intensos.

O novo esforço de Julien Ash, agora com Fred Bailly, está claramente nos limites do indizível, ou seja, não há palavras suficientemente fortes para os descrever. Imaginem aquilo que os In The Nursery dos melhores dias ("Koda", "Stormhorse") procuraram sem nunca o terem conseguido; suponham em certos momentos, Michael Nyman que, liberto do torpor e da preguiça que o têm dominado ultimamente, redescobrisse a mistura de lirismo e tons épicos que o têm caracterizado. Quando se ouve um tema grave e austero como "Drosera (Broken Hearts, Burning Souls)" cruzando dramaticamente o piano com as cordas, redescobrimos com alegria o velho tesouro das músicas perdidas. "Allegro Vivace", parece, à primeira audição, um disco neoclássico, pontuado pela gravidade das cordas (violinos, violoncelos) e dos sopros, mas à medida que nele nos embrenhamos (e confesso a minha falta de paciência para ouvir outras coisas desde que este disco "aterrou" no meu CD player) vamos descobrindo aqui uma percussão, ali um sintetizador, mais à frente um envolvimento com a música experimental - particularmente no longo e impressionante "Collision of Worlds" -, uma homenagem a Lewis Carroll, sempre um novo motivo que nos torna reféns da música.

Se este disco for comercializado em Portugal, e esperemos que alguém o faça o mais depressa possível, livrem-se de o tratarem do mesmo modo que fizeram a "Incandescent" de Julien Ash. Se tal acontecesse, só me restaria pensar que não vale a pena escrever...

JS

NURSE WITH WOUND - "Sugar Fish Drink" CD e "Thunder Perfect Mind" CD (ambos *United Dairies* - 1992)

A mais inigualável demonstração de genialidade pode facilmente desembocar em tédios irresolúveis. Não endereço a Steven Stapleton esta constatação eventualmente discutível; temo antes que seja este o destino do homem que inventou os Nurse With Wound. Porquê ? Sobretudo pelas decadências menores a que o género humano não sabe esquivar-se: envelhecimento, com todas as consequências e, não menos que isso, o abandono a qualquer alicerce minimamente válido, o repouso em qualquer certeza ou ponto de acção (no caso de Stapleton, a proximidade cada vez maior para com as doutrinas orientais). Se refiro estes lugares comuns tão pouco musicais, é apenas pelo modo inequívoco como sempre se refletem na obra musical de quem lhes sofre os danos.

Há não muitos anos Stapleton era, por excelência, um dos mestres da desconstrução sonora, plágio, blasfémia e aberração. Não é pouco, parece-me a mim, ter-se por justo direito a tutela do que de mais grotesco, inaudível, burlesco-asfixiante se fazia então. Como prova disso, tão perenes quando insondáveis, tivemos "Homotopy to Marie", "Chance Meeting on a Dissecting Table of a Sewing Machine and an Umbrella", ou o inesquecível "Sylvie and Babs Hi-Fi Companion". Estes títulos poderiam sem prejuízo, e com a mínima variedade exigível, ser substituídos por outros. Era quando Stapleton se deixava roer pela impossibilidade de se restringir a qualquer teoria, filosofia ou critério musical definido ou definível. Merecendo um lugar de destaque na história da disformidade musical, quase todos os discos de NWW poderiam figurar como abjecções maiores de um processo único, fruto de muita (e boa) inspiração Dada (via Russolo/Schwitters, sobretudo). Para além da demência original, devidamente cultivada, do gestor de pesadelos em questão, bastou-lhe munir-se das boas ajudas de John Fothergill, David Tibet, Jim Thirwell (mais conhecido por Foetus), William Bennett (dos sórdidos Whitehouse) e outros que tais, então mais do que nunca dispostos ao desiquilíbrio estrutural (excepção feita a Foetus) e à incomodidade sonora. E o que é inegável, por essa altura, é que os registos dos NWW se apresentam como exemplares perfeitos dentro do seu género - ou, se preferirem, num subgénero até aí apenas aflorado. É isso que testemunha a "antologia" "Sugar Fish Drink", recentemente trazida à luz pela United Dairies. Espécie de "Best Of" impossível, este disco consegue, mesmo assim, obedecer a um excelente critério de selecção, não convidando para nele se incluir peças que só funcionam no todo da obra de que faziam parte ("Soliloquy For Lilith", "Sylvie and Babs" e "Spiral Insana", pelo menos). O início é-nos assegurado por "Cooloorta Moon", momento particularmente lúdico, com passagem imediata ao desvario de "Creakiness", e sem que "Swamp Rat" ou outras peças mais recentes, de parceria com Tony Wakeford, fiquem esquecidas. Um belo resumo, portanto, da insanidade enquanto emergência musical. Aos mais duvidosos, fica a advertência de Cage: "You don't need to call it music, if the term shocks you".

O mesmo se não pode amavelmente dizer da última gravação dos NWW, "Thunder Perfect Mind", "álbum-irmão" do disco do mesmo nome dos Current 93. Irmandade um pouco irritante, ainda que resultante das coincidências oníricas que vão entretendo Stapleton e Tibet, pois foi em sonhos que a ambos foi "revelado" o título que deviam ter os seus mais recentes álbuns.

Apesar de poucos serem os defeitos concretos a apontar a "Thunder", este surge como produto embotado de uma imaginação maior, que se limitou desta vez a assegurar o mínimo de qualidade e "exotismo" para salvaguardar de nódoa. Composto apenas por dois longos temas, mostra-se incapaz de dar resposta às expectativas de constante surpresa que nem "Soresucker" nem "A Sucked Orange" souberam defraudar. É um disco monótono, embora o não queira aparentar, um disco fraco sem conseguir ser um mau disco. Nem "Soliloquy For Lilith", um conjunto de três discos sendo cada lado um tema sem título, conseguiu ser enfadonho, de tal modo eram orgânicas a sua força e unidade. E, de resto, levar a "monotonia" a um limite tão extremo, vizinho do silêncio, talvez seja anulá-la, despoletando uma nova percepção. Infelizmente, "Thunder Perfect Mind" fica-se por uma sonoridade NWW, para todos os efeitos, só que domesticada, enfraquecida como se uma lavagem a sêco budista lhe tivesso cabido por sorte.

MF

PASCAL COMELADE - "Traffic D'Abstraction" CD (*Disques du Soleil et L'Acier* - 1993)

Cada novo disco de Comelade confirma e reforça a opinião que vê nele um dos mais criativos e inovadores músicos actualmente em actividade.

Este novo trabalho mantém-se fiel ao modelo simples mas eficaz do autor: pequenas melodias tocadas num estilo totalmente despretensioso; instrumentos predominantemente acústicos, com destaque para o piano e orgão e sobretudo por instrumentos infantis (cornetas, pianos de brincar, percussões exóticas e simples); e finalmente, o que é mais relevante, o indescritível humor do músico, por vezes quase a roçar o kitsch, como por exemplo em " A La Recherche du Baron Corvo", onde o orgão e o acordeão evocam irresistivelmente os bailaricos de província do nosso imaginário e não só.

Este é o grande segredo de Comelade: manter-se nos limites do "piroso" sem nunca o alcançar; encontrar as soluções instrumentais mais inesperadas que mistura oboés com bongos furiosos, guitarras e orgãos eléctricos com " little red machines", xilofones com trompetes de plástico, para além da sua marca indelével constituída pelos instrumentos de brincar. Mas o que ressalta acima de tudo é esta vontade de não complicar o minimalismo bem-humorado capaz de se estender do tango ao passo-doble, com a mesma desenvoltura com que a seguir se aborda, numa visão inesperadamente radical e doce, o velho "Like a Rolling Stone" de Bob Dylan ou o título-tema do lendário " Johnny Guitar" de Nicholas Ray, numa inspirada incursão de trompete, violinos e piano infantil.

É difícil classificar este disco entre o conjunto já relativamente vasto de discos gravados por Pascal Comelade. Em todos são visíveis os denominadores comuns deste músico que sempre do mesmo modo é capaz de rever polkas e mambas, valsas e boleros, ou reler e transformar gloriosas canções de Ray Davies ou Robert Wyatt. Não é melhor ou pior que o anterior "Ragazzin the Blues", antes, ambos absolutamente indispensáveis. Abençoada França, que pode olimpicamente continuar a ignorar o seu músico mais criativo...

JS

RAISON D'ÊTRE -"Prospectus I" CD (*Cold Meat Industry* - 1993)

Tendo começado como apenas um projecto artístico amador, os Raison D'être foram gradualmente evoluindo para algo mais concreto, primeiro com a realização de algumas gravações New Age, e mais tarde para o tipo de som que viria realmente a traduzir a maturidade actual do grupo.

A primeira verdadeira peça foi a cassete "Aprés Nous Le Déluge", lançada pela sucursal da Cold Meat Industry - a Sound Source - e talvez uma das mais belas edições neste formato dessa etiqueta. Aí o som era um

misto de ambiental - completamente diferente do New Age -, muito negro e rítmico.
Hoje surge uma nova peça para CD chamada "Prospectus I", onde o "I", ao contrário do que se possa pensar, não significa o primeiro volume de uma série mas sim a letra inicial de Ideal. O ideal é o decadente, o que caminha para a morte. Toda a música do disco, ainda que atmosférica, circula à volta deste Ideal, mostrando a "beleza" das paisaigens imaginárias, pontuadas aqui e ali por elementos e planícies obscuras e medievais.
"Prospectus I" é também uma outra faceta da música, aquela que pode interagir de forma importante com a imagem fotográfica e videográfica. Num mundo onde a interactividade é quase a palavra de ordem, os Raison D'être vêm dar mais um empurrão à criação de novas formas de arte. Acreditem ou não, mas a maior parte dos que escutaram este trabalho tiveram vontade de realizar uma peça cinematográfica com esta "banda sonora".

F S

SCHNITZLER & THOMASIUS - "Tolling Toggle" CD (*Fünfundvierzig* - 1992)

Conrad Schnitzler para quem não saiba, foi membro fundador dos Tangerine Dream (com Edgar Froese e Klaus Schulze) e dos Cluster (com Roedelius e Moebius), onde tinha a responsabilidade dos efeitos electrónicos e do violoncelo. Hoje com 57 anos, é considerado um dos mestres da electrónica, um pioneiro de considerável culto pela velha Europa, onde conta com mais de 35 álbuns gravados. Jörg Thomasius é também um outro velho apaixonado pela electrónica e sintetizadores, com origens na ex- Alemanha de Leste. A maioria da tecnologia usada neste trabalho conjunto é analógica, com basta recorrência a sintetizadores modulares sem teclado, onde as formas de onda, os ataques, os tempos de sustain e de decay ou os filtros, por exemplo, são controlados em tempo real, dando um calor e uma desenvoltura ao som e à sua progressão no tempo e no espaço (coisa difícil de conseguir com a nova tecnologia digital). Esculturas vivas, quase sempre de timbre metálico, animadas por ideias que nos parecem abstracções e que se espalham com os mais variados ritmos nas mais variadas direcções proporcionam um trabalho agradável, senão surpreendente no sentido de algo raramente ouvido, pelo menos coerente e curioso. Esta é uma electrónica improvisada, activa, em constante movimento, difícil, exigente, interrogatória, provocatória. Há melhor e há diferente, mas que esta merece atenção, disso não se duvide.

M S

SLEEP CHAMBER - "Secrets of 23" CD (*Musica Maxima Magnetica*- 1993)

Não é a sociedade que deve guiar o herói criativo, mas precisamente o contrário. As ideias e imagens mostram uma directa ligação a rituais secretos e cerimónias mágicas. Na capa, uma imagem de um ritual sexual do esoterismo hindu. Shakti e Shiva juntos formam o cosmos. Ele representa os seus elementos, enquanto ela gera a dinâmica de funcionamento desses elementos. Assim como os hindus, outros povos realizam algumas cerimónias de culto sexual em festas consideradas sagradas, tais como equinócios e solstícios.
O cristão moderno e o mundo ocidental como um todo chegam agora a um ponto crítico, e as escolhas disponíveis parecem menos do que atraentes. O mundo ocidental não deseja seguir o caminho desumanizante do Oriente, que resultaria num irremediável rebaixamento dos seus padrões.
Com o tempo aparecerá a verdade oculta, a cultura paralela. Todos os padrões serão dilacerados por hordas de espíritos perversos em que não haverá segurança na existência.
Os Sleep Chamber pretendem afectar quem os ouve, não deixando ninguém indiferente.
Ao ouvir este disco, cada um de nós participa na suprema provação - carrega a cruz do redentor - no silêncio do seu desespero pessoal.

M

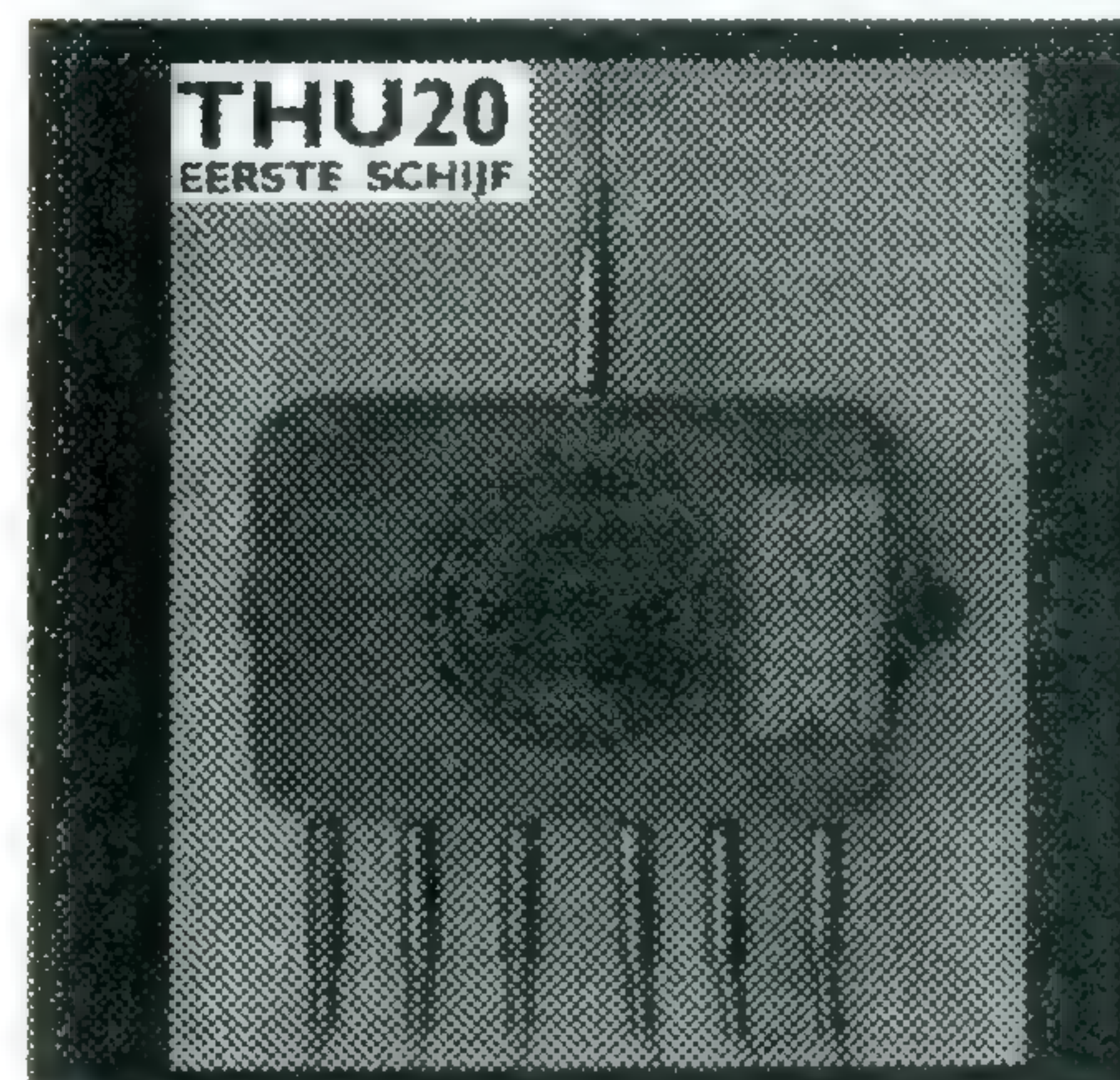
STEVEN BROWN - "Lame- The Cutting Edge" CD (*Materiali Sonori* - 1993)

O notável percurso de Steven Brown, em quase 15 anos de intensa dedicação à música, continua a surpreender pela ausência de linearidade e a consequente imprevisibilidade dos seus discos. Depois da sua memorável passagem por Lisboa na companhia de Blaine Reininger em finais de 90, o antigo mentor dos Tuxedomoon continuou particularmente activo e multifacetado. Foram as colaborações com os Cudù e Drem Bruinsma em 91, para além do notável "Half-Out" em que recriava canções de R. Hawkins, Edith Piaf e Cole Porter; foi, já em 92, o retomar da colaboração com Reininger no controverso mas importante "Croation Variations", para além da produção do excelente e ignorado disco dos A Modest Proposal- "Contrast" (Barooni) - seguramente um dos poucos projectos relevantes na área das canções, do ano passado. Já neste ano Steven regressa na Materiali, com quem vai progressivamente reforçando os laços de colaboração, e de novo satisfazendo uma encomenda: a peça de Ann Anicilotti, "Lame- The Cutting Edge", inspirada em "Prometheus Bound" de Robert Lowell.
Quem está habituado a um som "Steven Brown" determinado por discos anteriores, como "Music for Solo Piano", "Zoo Story", ou " Composés pour le Théatre et le Cinéma", bem como das colaborações com Reininger, e está à espera das melodias carregadas e belas, sofrerá uma forte desilusão. Se, pelo contrário, resistiram bem ao peso de "La Grace du Tombeur" (1990), encontrarão aqui variados motivos de interesse. O novo disco do antigo mentor dos Tuxedomoon está revestido de atmosferas saturadas, ora claustrofóbicas, ora apocalíticas, desprezando completamente a melodia, característica de alguns dos seus discos precedentes.
Baseado num conjunto de temas muito curtos, "Lame" é sobretudo um diálogo tenso e completo entre saxofones, o piano e as teclas, e aqui e ali algumas vozes do próprio compositor, num tom denso, desconfortável e austero. Não se trata de facto de "easy listening", como sucedeu noutros dos seus discos, mas em nada lhe retira o mérito. Sucessivas audições vão tornando os temas mais familiares, quiçá mais apelativos, à medida que o ouvido, atento e ágil, vai descobrindo e reconhecendo pequenas estruturas musicais que remetem infalivelmente para o universo de Steven Brown.

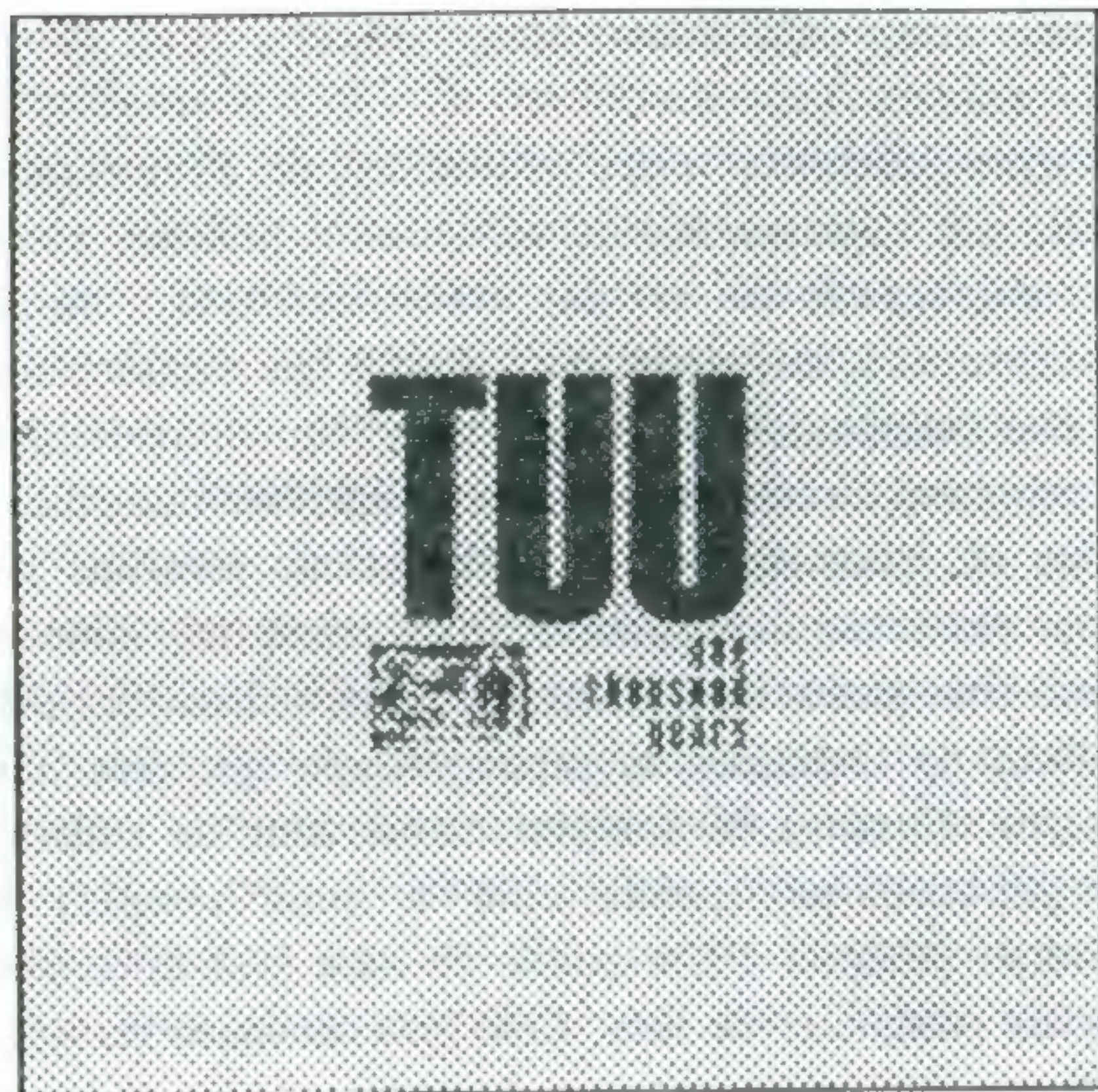
J S

TEMPS PERDU? - "Athanor" CD (*Timebase/ Discordia* - 1992)

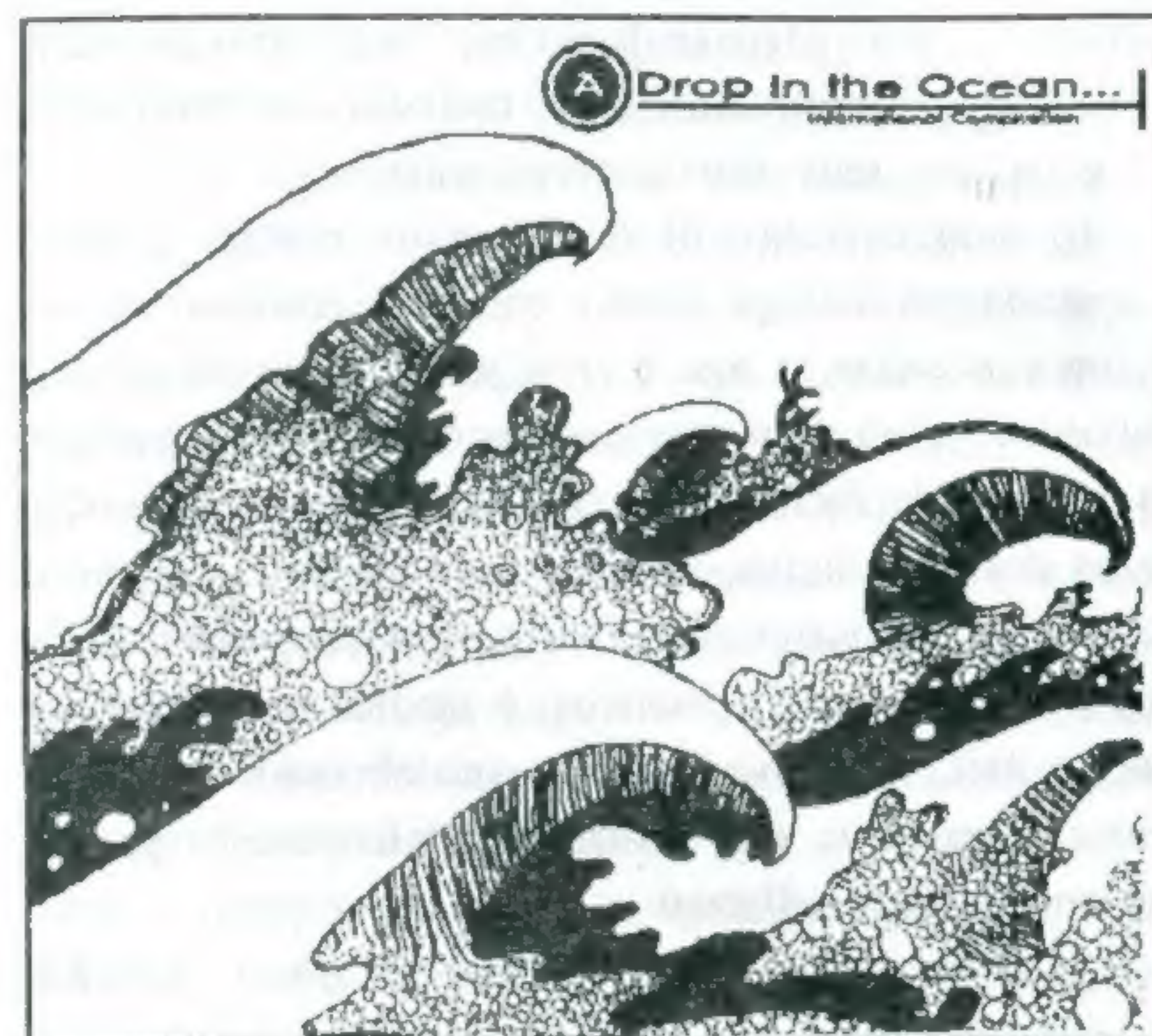
Estreia do duo franco-germânico Temps Perdu?, "Athanor" apresenta-se-nos como uma espécie de pop etno-gótica, bucólica e à margem da realidade. Os fraseados são simples, as estruturas algo arcaicas, salvas frequentemente pelas teias rítmicas. Algum exotismo reminiscemte de culturas do Norte de África aparecem e desaparecem entre um minimalismo instrumental e vocalizações sussuradas, infelizmente primárias e com muito pouca sensualidade. Um tipo de música que ganhava muito mais em ser apenas instrumental, em jogar mais com a acusticidade e em explorar mais ainda o lado hipnótico, mágico e misterioso das percussões e dos samples. Lembra com alguma frequência os Muslimgauze, mas os sintetizadores de fundo deitam muito a perder. De qualquer modo há por aqui ideias e talvez o tempo se encarregue de as moldar com sabor e agrado. Resta aguardar.

M S

THU20 -"Eerste Schijf" CD (*Midas Music* - 1991)
"Tweede Schijf" CD (*Midas Music* -1992)

Gravações efectuadas entre Novembro de 87 e Junho de 89, que exploram vários conceitos e práticas, entre eles destacando-se o da electroacústica, numa abordagem não muito distante daquela que conhecemos dos Das Synthetische Mishegewebe. Oito composições (no primeiro disco), sem qualquer interesse melódico, rítmico ou harmónico mas particularmente sensíveis no moldar de estruturas sonoras "não musicais" onde o próprio som ganha uma dimensão que nos distancia, por um lado, da realidade, ao mesmo tempo que dela nos aproxima. Estranha ao conceito conservador da música, esta preocupa-se apenas com a mais simples e elementar da regras (!): o prazer de lidar com diferentes materiais produtores de som. Com uma dinâmica versátil, como convém nestes casos e de modo algum cedendo em facilidades auditivas, quase sempre apoiando-se em ataques repentinos, de timbre metálico, agressivo e de suficiente complexidade, provoca no ouvinte associações com outras vertentes de carácter industrial e urbano. Obviamente este é mais um registo para um público bastante restrito, curioso e coleccionador de excentricidades sonoras. Talvez um pouco datado, mas ainda agradável.
Quanto ao segundo trabalho, inclui dois longos temas: "Katharmoi (Twaalfde Uni)", banda sonora para um espectáculo ao vivo com o grupo multimedia italiano Famiglia Sfuggita e "Bologna", um concerto improvisado em Isola Nel Cantiere, Bolonha, Itália. O primeiro tema joga com a inspiração dos quatro elementos (ar, água, terra e fogo), numa exposição relativamente calma, se comparada com outros trabalhos deste grupo holandês. O som perto do silêncio é frequente, as estruturas prolongam-se durante mais tempo, raramente são agressivas (mesmo quando o vulcão, metaforicamente, entra em ebulição) e o material usado continua a ser uma mistura subtil entre o acústico e o electrónico. É um dos melhores trabalhos dos Thu20. O segundo tema, igualmente de excelente recorte criativo, joga com as ondas de rádio, drones móveis e interactivos de sintetizadores analógicos, objectos acústicos "não musicais", ruídos vários e, de teor mais urbano e industrial (Throbbing Gristle oblige), aproxima-se da sonoridade habitual do grupo. Se o ouvinte se interessa pela música industrial ou pós, electroacústica urbana ou pela "the art of noise" sem pretenções de entretenimento fácil, então faça o favor e procure este disco na sua discoteca preferida.

M S

TUU- "One Thousand Years" CD (*SDV*-1992)

A fórmula deste trio norte-americano é tão simples quanto eficaz: Martin Franklin é o percussionista e, diga-se de passagem, um excelente instrumentista, Richard Clare é flautista e Mike Dempsey encarrega-se dos samplers e sintetizadores.
A música dos TUU evoca irresistivelmente alguns dos nomes brilhantes que fizeram história na década de 80. O tom levemente étnico pontuado pelo *gatham* que quase sempre se constitui como a sua base rítmica, remetem-nos para algumas das percussões pré-hispânicas de Jorge Reyes; as flautas trazem-nos à memória alguns momentos fugidios dos O Yuki Conjugate, de cuja estética os TUU fatalmente se aproximam, embora, diga-se em nome da verdade, sem o sentido de perversão e experimentalismo do grupo inglês; mas para onde todo o conjunto fatalmente conduz é para a experiência pioneira de há doze anos de Jon Hassell, Brian Eno e Nana Vasconcelos, do excelente disco "Fourth World Possible Musics". Também aqui se juntam por justaposição fragmentos aparentemente dissonantes, através da criação de um muro rítmico e ambiental marcado pela percussão e pelos sintetizadores, donde sobressaiem as flautas, num processo algo semelhante ao trompete modificado de Jon Hassell.
O resultado deste conjunto é bastante agradável, muito por mérito do excelente trabalho de composição dos músicos do grupo, que conseguiram criar temas bastante sugestivos, carregados de beleza etérea, embora de estrutura melódica bastante acessível. Esse predicado, aliado ao indesmentível bom gosto do "revestimento" sonoro, faz de "One Thousand Years" um disco altamente recomendável, mesmo se não encontrarmos aqui o aventurismo e a vontade de transgressão que encontramos noutros músicos afins.

J S

VÁRIOS -"A Drop in the Ocean" CD (*L'Encyclopedie des Tenebres* - 1992)

É verdade que há muito boa gente que já não pode com compilações. De repente o mercado viu-se invadido por milhentas propostas do género, e a capacidade de um público interessado poder discernir o trigo do joio tornou-se, na realidade, deveras difícil, especialmente por a maioria delas, ao contrário do que seria previsível, pretender facturar mais uns tostões.
No entanto, também não é mentira que é através deste tipo de recolhas de uma forma relativamente objectiva e económica, que uma determinada editora pode apresentar o seu catálogo e os seus múltiplos "afilhados" desconhecidos.
Foi por isso que a EDT lançou mãos à obra e, neste digi-pack, reuniu peças que, de certa forma, elucidam convenientemente, as linhas que seguem os seus intervenientes. São 9 os temas incluídos no disco. O início, com os Dasarthau, de certeza que não pretende ser o ponto mais alto da recolha, mas a faixa seguinte dos Nouvelles Lectures Cosmopolites poderá ser uma agradável surpresa para muitos - melodiosa, com algum cheiro a uma estrutura típica do género Comelade/ Mertens, numa prestação de sintetizadores, violino e piano muito clara, acaba por valorizar incrivelmente todo o disco. Os "brits" Attrition (ou melhor, M.Bowes) continuam a não conseguir livrar-se do compromisso que assinaram com o termo decadento-percutivo. A faixa, não sendo notável, será contudo, para os fãs da banda, mais um documento imprescindível. Quanto aos Legendary Pink Dots, nada tenho a objectar. Edward Ka-Spel sempre foi um poeta romântico cujo maior erro foi não ter nascido no sítio certo e a melhor atitude foi ter-se tornado músico radicado em Amesterdão. Felizmente que ainda existem os inveterados incondicionais como eu. Segue-se-lhes os HNAS (a dupla Heemann/Achim Khan) que, peritos nas manipulações electrónicas, criam ambiências extremamente belas se bem que de pouca acessibilidade. Nos dois temas seguintes, partilhados pelos NLC e Dasarthau, as opiniões mantêm-se, se bem que os segundos se redimem de terem sido os escolhidos para figurar na abertura.
Achim Wullscheid (ligado à etiqueta Selektion) e Laurent Pernice (ainda alguém se lembra dele ?) fecham o disco com duas soberbas prestações: a primeira, num feed-back contínuo que, produzido por um microfone suspenso e em movimento no espaço, provoca uma agradável sensação de dimensão (semelhante àquela criada quando se colocam apitos de diversas tonalidades, presos às patas de uma centena de pássaros, e se obriga o bando a descrever voos em círculo) . A segunda, com cerca de 25 minutos, é uma demonstração conclusiva das capacidades que Pernice tem em dissecar melodias, trabalhando as múltiplas fontes para um mesmo fim, num arranjo de fazer corar o próprio trabalho "electrónico" de Carlos Maria Trindade.
Em jeito de conclusão, só posso acrescentar tratar-se de uma obra obrigatória, isto porque, para aqueles que já estão sensibilizados com este tipo de incursões, o facto de todos os temas serem originais motiva a audição do mesmo. Para os outros, curiosos e menos conhecedores desta matéria, arriscar nesta cartilha é dar um passo em frente na vossa abertura a sonoridades mais irreverentes.
Ambos, de certeza que não se arrependerão.

P S

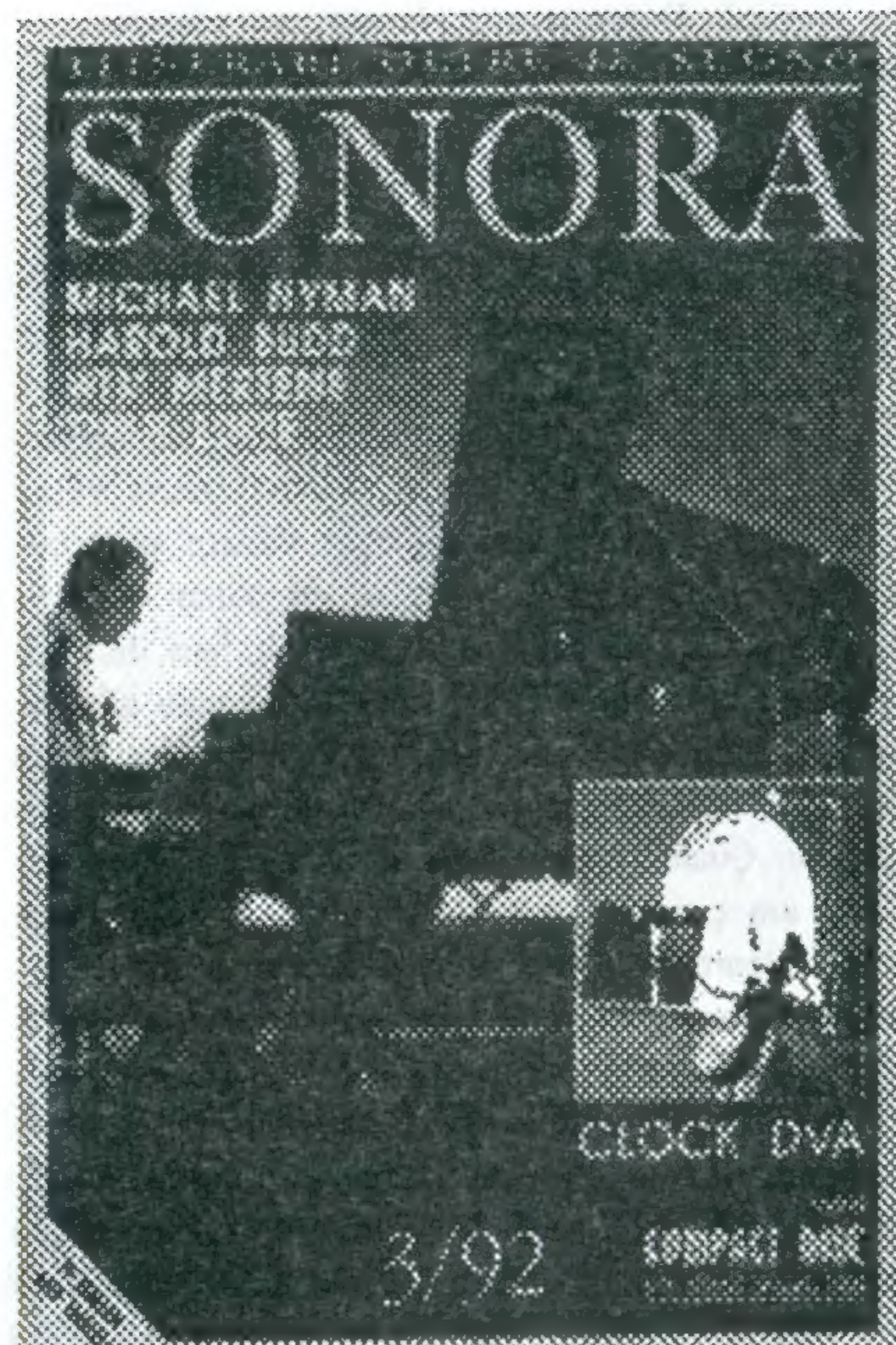
VÁRIOS- "Dry Lungs IV - International Compilation" CD (*Subterranean Records* - 1989)

Título de um trabalho compilação levado a cabo entre 1987 e 1988 por Paul Lemos, este disco inclui temas dos norte-americanos Controlled Bleeding, Robert Rich e da dupla James Levine/Paul Lemos, dos japoneses Dissecting Table e The Gerogerigegege, dos alemães Minus Deltat, Heinrich Mucken e Printed At Bismarck's Death, e dos franceses Hélène Sage/Francis Gorge e Un Drame Musical Instantané.
Orientado para novos horizontes musicais (ainda que com uma predominância industrial), esta recolha possibilita-nos a (re)descoberta de alguma da música mais interessante, radical e inovadora que entretanto fez escola em quatro dos países mais industrializados do globo... Seguir-se-lhe-á, em breve, um duplo CD com o quinto volume desta invulgar colecção.

L F

VÁRIOS - "Pieces pour Standards et Répondeurs Telephoniques " CD (*Nouvelles Scènes* - 1992)

À primeira audição este disco parece ser uma piada, limitando-se a juntar as gravações dos atendedores de chamadas de alguns nomes sonantes da Nova Música internacional, como Nicolas Collins, Paul De Marinis, Heinner Goebbels, Paul Lovens ou Christian Marclay, e os comentários («réponses au répondeur» é o termo utilizado nas notas que acompanham o CD) de Jacques Rebotier, compositor com obra desenvolvida na área do teatro musical. Depressa percebemos, no entanto, que outros sentidos irrompem das colagens apresentadas, para além da informação que nos é prestada de que até nos procedimentos quotidianos os músicos podem ser inventivos.
Levantam-se questões como a reprodução de uma criação musical ou sonora através dos meios de comunicação comuns, subvertendo o seu uso e finalidades, o clássico debate sobre o suporte do objecto artístico e sua mediatização e a não menos velha polémica quanto aos condicionalismos básicos para que uma arte seja publicamente proclamada como «válida». É suficientemente esclarecedora, aliás, a foto de capa com uma escultura de Marclay consistindo num telefone cortado a meio e depois colado com fita adesiva de modo a que o bocal esteja virado na direcção oposta ao auscultador. Quando se liga certo número e do outro lado ouvimos um pequeno solo de percussão de Le Quan Ninh ou alguns compassos em ritmo rock de Albert Marcoeur, o que temos é a junção de uma sinalética distintiva («sou eu que mora aqui», é a mensagem) com um propósito de partilha que ultrapassa em muito a circunstancialidade de uma conversa telefónica (a música é sempre feita para «os outros»...), embora o que resulte tenha a saborosa leveza de um acto que não se leva demasiado a sério. Algo de muito semelhante se passa quando nos responde a voz encenada de alguém que não se encontra no momento mas pede para deixar o contacto e resumir o assunto - à função soma-se uma estratégia de cometimento.
É deste paradoxo que vive a originalidade e interesse do título. Cada trecho dura breves segundos, tudo se sucede vertiginosamente, sem cristalizar em nenhuma forma ou fixar-se em qualquer ideia mais relevante. O resultado, no entanto, vive dessa uniformidade de procedimentos, e o que é distinto, único e original relativiza-se no encadeado de situações. Todas as intervenções tornam-se então partes de um mesmo discurso, desconstruído sim, fragmentado, estilhaçado em pequeníssimos pedaços, mas com uma globalidade orgânica quase impessoal.
O atendedor de chamadas será uma manifestação de ausência, se acreditarmos inteiramente no que a voz diz. Nesse caso, as coisas funcionam por transferência e substituição - ouvimos a gravação porque não é possível encontrar quem queríamos. Mas também é verdade que esse aparelho serve para resguardar o músico dos telefonemas inoportunos de algum fã mais incoveniente, e então o que se passa é um fenómeno de distanciamento. Seja como for, é a verdade última da comunicação humana que assim vemos repetida. Só há comunicação, nas sociedades desenvolvidas, quando é possível dois indivíduos encontrarem-se face a face. E o que é verdade para o telefone é verdade para o disco. Este é um trabalho sobre a intermediação, e daí a sua extrema oportunidade. É nesses nenhures, entre-dois, que se encontra a música no dia de hoje.

R E P

VÁRIOS -"Sonora 3/92" CD+REVISTA (*Materiali Sonori* - 1992)

Já se está a tornar um hábito, a espera pelo final do ano para esta editora italiana nos fazer um balanço de mais um ano de actividade, através da sua revista Sonora. O número de 92 é dedicado ao piano, partindo os seus autores de pressuposto que o piano, para o melhor e o pior, é um símbolo do experimentalismo e um sinal de vanguarda da música pós-contemporânea, à entrada do 3° milénio. Assim, se compreendem as entrevistas que constituem o grande dossier da Sonora/3 com Michael Nyman, Wim Mertens, Hans Joachim Roedelius e Harold Budd.

Se a revista é importante, já nos habituámos a ver no CD que a acompanha como a mais esplendorosa e vibrante compilação anual. Não se trata aqui nem de reunir temas a esmo sem unidade ou sentido, ou de dar oportunidade a certos nomes que, se respeitássemos em música os princípios darwinistas, mais valia estarem calados. O CD tem um objectivo claro, embora ambicioso: permitir em 75 minutos de música original, abarcar uma visão panorâmica da música mais interessante que se faz hoje em dia, como se constituísse um cartão de visita musical do planeta terra para a civilização alienígena.

Diga-se, desde já, que o projecto parece ter sido plenamente bem sucedido. Na primeira parte do disco, domina o piano em múltiplas abordagens: Alessandro Garosi, pianista dos Harmonia Ensemble viaja entre John Cage e Erik Satie; Roedelius e Arturo Stalteri propõem duas perspectivas diferentes pelo instrumento, mais académica e impressiva esta, mais ousada e lírica, aquela.

A segunda parte do disco remete-nos para uma leitura actual de várias tradições musicais. Evan Lurie e Alfredo Pedernerr evocam com o brilho habitual, o tango argentino; Daniel Schell & Karo retoma e modifica um tema tradicional italiano com a leveza e graciosidade que lhe são características; Bebo Baldan, Giampiero Bigazai, Antonelly Ricci, Alesinie, Stix Percussion Ensemble abordam e cruzam múltiplas referências musicais que vão do jazz à improvisação tipo Jon Hassell, das tonalidades mediterrânicas às percussões africanas.

A terceira parte do disco aflora a poesia, algo que a tradição da Sonora não é alheia. Arlo Bigazzi cria atmosferas para a poesia de Stefano Cesari e Stefano Safetti faz o mesmo para o poeta tunisino Moncef Ghachem. São dois textos que podemos comodamente incluir na secção de protesto que vai da Intifada palestiniana à inutilidade das guerras que pululam por todo o planeta.

A quarta parte define-se como a da voz. Os Controlled Bleeding através de uma excelente composição animada pela voz vibrante de Joe Papa, e os The Moon Seven Times, formados por dois ex-Area, a aproximarem-se da pop-music eléctrica. Não é seguramente um dos momentos mais inspirados do disco.

A quinta e penúltima parte encontra nos Clock DVA, Attrition e sobretudo Die Form, três exemplos representativos da realidade virtual da música electrónica, rock computorizado, futurismo cibernético, novo material para dança e poesia para as imagens urbanas de um futuro próximo.

Talvez o disco não termine com a chave de ouro, já que o seu final é entregue ao grupo de rock italiano The Gang e um tema gravado durante a guerra do Golfo e por ela inspirado. Não é um final brilhante porque os The Gang remetem-nos infalivelmente para o passado de que a música rock cada vez mais faz parte. Apesar de tudo, uma compilação a não perder.

J S

VÁRIOS - "Vozes e Ritmos do Oriente - Volume I" CD (*Tradisom* -1993)

Esta edição foi feita por alguém que, por estar directamente ligado à cultura oriental, não a pode deixar de lado, disponibilizando de uma forma muito "sui generis", uma colecção de nomes bem representativos da ala menos comercial da música etnográfica da região. De facto, e segundo palavras do mentor desta iniciativa, o principal objectivo seria "o de divulgar a música étnica da Ásia - região do globo tantas vezes apelidada de misteriosa e diferente".

Um especial gosto pela música tradicional, um programa de rádio ("Arca do Velho" na Rádio Macau), e fundamentalmente a questão de poder documentar de uma forma convincente a experiência única adquirida neste poiso ainda-nosso-no-oriente, terão sido algumas das razões (suficientemente fortes) que motivaram José Moças, à concretização de semelhante objectivo.

O disco, com participações de alguns nomes sonantes da vaga "World Music" da actualidade - Nusrat Fateh Ali Khan do Paquistão é um deles - reveste-se de uma importância primordial pelo facto de não só incluir certas intervenções pouco conhecidas de colectivos do Azerbeijão, China, Japão, Índia, Mongólia e Tuva, mas também de estar perfeitamente documentado por um "booklet" de 32 páginas com informações preci(o)sas - costumes e instrumentos típicos - sobre as diversas regiões abordadas.

A terminar, ficam aqui os parabéns pela iniciativa, que conte muitos volumes e que a ponte que une Macau a Portugal se estreite depressa, para que os discos possam estar o mais rapidamente possível expostos em prateleiras de lojas nacionais.

P S

YASUAKI SHIMIZU - "Latin" CD (*Les Disques du Soleil et L'Acier* - 1992)

De Shimizu no Ocidente, era apenas conhecido o disco "Music For Commercials" editado em 87 pela Crammed na sua colecção Made to Measure. Tratava-se de um disco mais interessante pelo conceito do que pelo produto, já que colocava a hipótese da sobrevivência autónoma, isto é, abstraída do contexto das imagens que suportavam, de diversos jingles publicitários. Em curtos temas que raramente ultrapassavam 1 minuto, Shimizu servia-se de toda a parafernália tecnológica da época para criar um disco de ambientes discretos mas de inegável bom gosto.

Para quem não voltou a tomar contacto com a obra deste músico, "Latin" revela-se uma completa surpresa. Afinal, mais do que um manipulador de texturas electrónicas, estamos perante um saxofonista, clarinetista e flautista. Além disso, em vez de encontrarmos paisagens sonoras ditadas pela frieza electrónica, encontramos uma abordagem muito peculiar pelos ritmos e danças de salão da América Latina, particularmente da inesgotável fonte que são as Caraíbas. Um disco deste género implica de imediato uma reflexão muito própria: hoje só não é monopólio do ocidente e em particular da Europa e da América do Norte, a leitura e a apropriação das culturas e formas musicais que lhe são estranhas, numa tentativa de incorporação do exotismo e da diferença; o texto que acompanha "Latin" revela bem o fascínio que pode provocar o ritmo e o ambiente tropical da América Latina num compositor japonês. O fluxo inverteu-se e agora é o Oriente que se interessa e encontra o Ocidente. Talvez seja uma excelente permissa para economistas e cientistas sociais analizarem para onde cada vez mais se desloca o poder financeiro, também ele, cada vez mais transformado em poder cultural...

Quanto ao disco, o que acima foi dito sobre o Made to

Measure é igualmente válido para "Latin": é mais interessante como conceito do que como produto. O início e o fim fazem-se com duas versões de "Besame Mucho", ambas suficientemente heterodoxas para cativar, sobretudo a primeira que justapõe vozes dissonantes a um ritmo mais ou menos convencional. Os restantes cinco temas, sendo originais, representam uma abordagem variada a diferentes ritmos sul-americanos como a salsa, o passo-doble e a rumba, sempre pontuados por samplers discretos e saxofones omnipresentes.
Provavelmente "Latin" será um disco pioneiro. Resta-nos agora aguardar pelos próximos capítulos:
fados coreanos, flamencos chineses, folk de Singapura, etc, etc, etc...

J S

WILL -"Word-Flesh-Stone" CD (*Third Mind* -1992)

Rhys Fulber, metade dos Front Line Assembly e Delerium, enveredou com Chris Peterson (percussionista dos FLA ao vivo) e John McRae por uma via desenvolvida a partir dos próprios Delerium. Acasalando música sacra e, bom... clássica? com elementos electrónicos e uma vocalização exaltada, os Will atingem uma combinação credível mas longe da eficiência total dos Laibach de "Kapital". Tudo é elaborado no sentido do épico, do grandioso, e nunca nos conseguimos esquecer disso durante os seis temas. O grupo consegue níveis de sensibilidade elevados (os interlúdios operáticos em "Kingdom Come", por exemplo), pecando embora na insistência de batidas normalizadas em quatro dos temas. O efeito de grandiosidade é, assim, largamente diminuído.

J A M

WIM MERTENS - "Shot and Echo" CD (*Les Disques du Crépuscule* - 1993)

Depois de uma sequência de trabalhos sem grande história (evidente que não me refiro à fase inicial da sua carreira contemplada por discos como "Maximizing The Audience" ou "Struggle for Pleasure"), Wim Mertens regressou em 93 com uma vontade imensa de contornar, de alguma forma, o trajecto (ou buraco) que estaria a seguir.
De facto, depois da célebre trilogia (que estopada!) "Sources of Sleeplessness", "Vita Brevis" e "Alle Dinghe", as perspectivas não foram muito optimistas.
"Strategies de La Rupture" de 91, surgiu, não como uma estratégia, mas como uma medida para evitar a ruptura. Nada de extraordinário, mas prometedor.
"Shot and Echo", disco que numa edição limitada junta o trabalho "A Sense of Place", tenta agora repôr a verdade dos factos. A experiência de Mertens acompanhado por mais 15 músicos é no minímo interessante. Atenção aos instrumentos. É tudo.

P S

Revistas & Publicações

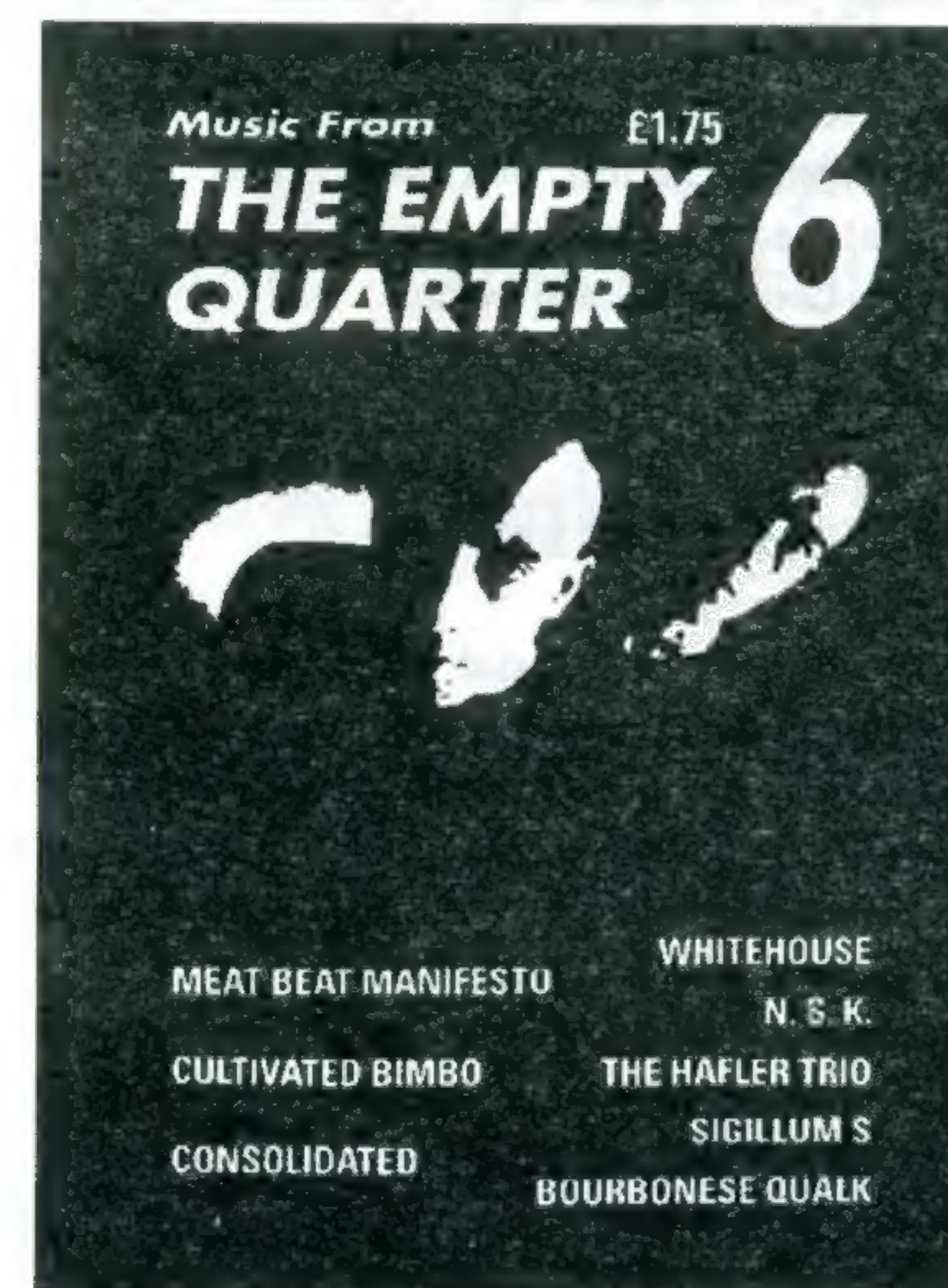
AUDION

Talvez uma das publicações mais antigas do mercado da música progressiva. Aqui os reis continuam a ser nomes que fizeram carreira há mais de uma década. Fala-se em Klaus Schulze, Iancu Dumitrescu, King Crimson, Miranda Sex Garden, Meredith Monk, La Mounte Young, Gong, Phillip Glass, Kraftwerk, Richard Pinhas, Faust, and so on... Com uma periodicidade relativamente fixa (3 a 4 meses) esta edição (actualmente com 24 números editados), da responsabilidade dos irmãos Alan e Steve Freeman, pode ser assinada através da Ultima Thule (1 Conduit Street - Leicester LE2 0JN- England) ao preço de 12 libras por quatro exemplares.

DYADIQUE INFOS

Fanzine que surgiu há um par de anos atrás e cuja sede está localizada em Bórdéus. Actualmente no n°8, é fotocopiado em tamanho A5 e normalmente inclui cerca de 20 páginas com críticas de rádio, discos, abordagens a editoras, artigos sobre outras publicações e umas dezenas de contactos úteis. Especial para quem se interessa pelas novas músicas, seja qual fôr a sua origem. Disponível em Portugal.

MUSIC FROM THE EMPTY QUARTER

Indispensável manual sobre as correntes alternativas anglo-saxónicas e as suas consequentes teias

implantadas por todo o mundo, a Music From the Empty Quarter tornou-se (em 2 anos apenas) uma das publicações mais importantes do mercado da música independente. Actualmente a surgir de 3 em 3 meses a MFEQ já lançou 7 edições (tamanho A5), tendo ultimamente optado por surgir com cerca de 100 pág. Apesar de pouco cuidada no que se refere à elaboração dos textos, é no entanto um projecto sério no que concerne à promoção das sonoridades electrónicas, vanguardistas (???), e cinzentas. Para os adeptos de nomes como Nurse With Wound, Coil, Current 93, Death

In June, etc...Disponível em Portugal em importações muito limitadas.

NOTES - Le Magazine des Autres Musiques

Mais uma publicação (tamanho A4 - 45 páginas) preocupada em promover as outras sonoridades facultando informações relativas a festivais, concertos, novas edições, entrevistas, etc..
Oriunda de Nantes (França), Jean Christophe Alluin é o responsável por este projecto trimestral já com 45 números editados. Assinaturas de seis exemplares (para o estrangeiro) custam agora 150 FF. O contacto é:16 Rue Hignard - 44000 Nantes, mas há quem a venda directamente em Portugal

OPTION

A par da britânica Wire, a Option (A4 com 150 páginas) é actualmente a melhor opção para quem quer saber de tudo um pouco. Norte-americana, com cerca de 50 números editados (bimensais), esta revista aborda, de uma forma clara e verdadeiramente profissional, áreas que vão desde o jazz ao folk, passando pelo rock (e todas as suas vertentes), pela world music, etc,etc,...
Marca pontos no que se refere ao espaço dedicado às editoras independentes.
Através de uma assinatura, esta revista ronda sensivelmente os 1000$00 por número. Assinatura anual $36. Contacto 2345 Westwood Blvd, #2, Los Angeles, CA 90064 - United States. A descobrir.

REVUE & CORRIGÉE

Com cerca de quatro anos de existência e 14 números lançados, a R&C promete ser (apesar de correrem rumores de que se liga em demasia ao mercado americano) um dos projectos editoriais independentes com maior coerência e qualidade gráfica.
Sendo a música electro-acústica tratada com maior incidência, não menospreza qualquer corrente que se

ligue a esta, nomeadamente as experimentais, electrónicas e de carácter mais jazzísticas.
Disponível em Portugal e também através da Nota Bene: 25, Rue Docteur Bordier, 38100 Grenoble - France.

SYNTORAMA

Pasquim espanhol *made at* San Sebastian por um elenco conhecedor do meio musical em que se insere, a Syntorama surgiu inicialmente como a forma de promover algumas das sonoridades comercializadas pelo catálogo de venda postal com o mesmo nome.
Hoje em dia porém, a sua periodicidade tem sido pouco conseguida, a qualidade gráfica tem ficado aquém das expectativas e, fundamentalmente, os seus textos surgem ligeiramente descuidados. Finalmente adoptando o tamanho A4 a Syntorama vale pela língua, e pela quantidade de informação que transmite.

WIM MERTENS-American Minimal Music

Livro Kahan Averill

Finalmente em Portugal o livro deste fabuloso compositor e pianista belga.
Especialmente dedicado aos compositores La Monte Young, Terry Riley, Steve Reich e Philip Glass (tema base dos três primeiros capítulos do livro), aborda "The Historical Development of Basic Concepts", as raízes da corrente minimalista americana, com textos escritos sobre Arnold Schoenberg, Webern, Stockhausen e John Cage.
Destaque especial ainda para o prefácio desta obra, assinado por o britânico Michael Nyman. (128 páginas)

WIRE

Edição inglesa, a Wire (tamanho A4, 80 páginas) é outra das publicações que se aconselha por diversos motivos. A sua assinatura é barata, a sua periodicidade regular (mensal) mantém-nos sempre a par do que vai surgindo, e o seu grafismo é do melhor que se tem feito. Não menosprezando a música pop *made at home* (não se compromete em demasia com o mercado das majores e da NME e MM) a Wire saltita com pés e cabeça, pelas novas correntes independentemente das suas cores, ideias e origens. "Further into Music" é o que o corpo redactorial se preocupa em atingir numa primeira instância. Consegue-o em pleno.
Disponível em Portugal, algures pelas casas da especialidade.

XXXXXXXXXXXXX

Muitas vezes mais vale estar calado do que de boca aberta. Outras vezes vale mais um espaço em branco do que um espaço em negro.Muitas vezes mais vale branco do que calado. Outras bocas.Outros espaços. Espaços abertos e calados. Muitas vezes mais vale estar calado do que de boca aberta. Outras vezes vale mais um espaço em branco do que um espaço em negro.Muitas vezes mais vale branco do que calado. Outras bocas.Outros espaços. Espaços abertos e calados. Muitas vezes mais vale estar calado do que de boca aberta. Outras vezes vale mais um espaço em branco do que um espaço Shiuuuuu!!!!! Shiuuuuuu!!!! Xiuuuuuuuu! Ufffffff! FIM